

LIVRO DE TESTES

- MATRIZES DE CONTEÚDOS*
- TESTES DE AVALIAÇÃO*
- CENÁRIOS DE RESPOSTA*

SENTIDOS

PORTUGUÊS

ANA CATARINO
ANA FELICÍSSIMO
ISABEL CASTIAJO
MARIA JOSÉ PEIXOTO

11

*Materiais
disponíveis,
em formato
editável, em:

20 AULA DIGITAL

Índice

1.

Matrizes de Conteúdos dos Testes 3

2.

Testes de Avaliação Escrita 13

3.

Cenários de Resposta 87

1.

MATRIZES DE CONTEÚDOS DOS TESTES

Material disponível em formato editável, em

20 AULA DIGITAL
PROFESSOR

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.ºs 1 e 2 (pp. 14 e 18), “Sermão de Santo António”

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|----------------------|---|---|---|------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | EXPRESSÃO ESCRITA | |
| | <p>Item A Padre António Vieira – “Sermão de Santo António” +</p> <p>Item B Teste n.º 1 Luís de Camões – <i>Os Lusíadas</i></p> <p>Teste n.º 2 Poesia trovadoresca</p> | <p>Teste n.º 1 Funções sintáticas Orações subordinadas Mecanismos de Coesão</p> <p>Teste n.º 2 Orações subordinadas Citação Tempos verbais Classes/subclasses de palavras Valor dos conectores Funções sintáticas</p> | <p>Teste n.º 1 Texto de opinião</p> <p>Teste n.º 2 Texto expositivo</p> | |
| Tipologia de itens | | | | |
| Escolha múltipla | | <p>II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos)</p> | | 35 |
| Resposta curta | | <p>II 8., 9. e 10. (15 pontos)</p> | | 15 |
| Resposta restrita | <p>I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos)</p> | | | 60 |
| | <p>I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos)</p> | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.ºs 3 e 4 (pp. 22 e 27), *Frei Luís de Sousa*

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|----------------------|--|---|---|------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | ESCRITA | |
| | <p>Item A Almeida Garrett – <i>Frei Luís de Sousa</i></p> <p>+</p> <p>Item B Teste n.º 3 Poesia trovadoresca – cantiga de escárnio e maldizer</p> <p>Teste n.º 4 Luís de Camões – <i>Os Lusíadas</i></p> | <p>Teste n.º 3 Mecanismos de coesão Processos de formação de palavras Funções sintáticas Classificação de orações Frase ativa/passiva</p> <p>Teste n.º 4 Mecanismos de coesão Processos de formação de palavras Funções sintáticas Orações subordinadas Deícticos</p> | <p>Teste n.º 3 Texto de opinião</p> <p>Teste n.º 4 Texto expositivo</p> | |
| Tipologia de itens | | | | |
| Escolha múltipla | | <p>II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos)</p> | | 35 |
| Resposta curta | | <p>II 8., 9. e 10. (15 pontos)</p> | | 15 |
| Resposta restrita | <p>I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos)</p> | | | 60 |
| | <p>I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos)</p> | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.ºs 5 e 6 (pp. 32 e 37), *Viagens na minha terra*

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|----------------------|--|--|--|------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | ESCRITA | |
| | <p>Item A Almeida Garrett – <i>Viagens na minha terra</i> +</p> <p>Item B Teste n.º 5 Luís de Camões – <i>Os Lusíadas</i></p> <p>Teste n.º 6 Almeida Garrett – <i>Frei Luís de Sousa</i></p> | <p>Teste n.º 5 Funções sintáticas Valor lógico dos conectores Recursos expressivos Orações subordinadas Mecanismos de coesão Étimo Processos irregulares de formação de palavras</p> <p>Teste n.º 6 Funções sintáticas Processos fonológicos Orações subordinadas Mecanismos de coesão</p> | <p>Teste n.º 5 Exposição</p> <p>Teste n.º 6 Texto de opinião</p> | |
| Tipologia de itens | | | | |
| Escolha múltipla | | <p>II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos)</p> | | 35 |
| Resposta curta | | <p>II 8., 9. e 10. (3 itens x 5 pontos)</p> | | 15 |
| Resposta restrita | <p>I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos)</p> | | | 60 |
| | <p>I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos)</p> | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.ºs 7 e 8 (pp. 13 e 48), *Amor de perdição*

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|----------------------|---|---|--|------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | ESCRITA | |
| | <p>Item A Camilo Castelo Branco – <i>Amor de perdição</i> +</p> <p>Item B Teste n.º 7 Poesia trovadoresca – cantiga de amigo</p> <p>Teste n.º 8 Almeida Garrett – <i>Frei Luís de Sousa</i></p> | <p>Teste n.º 7 Processos fonológicos Mecanismos de coesão Tempos verbais Funções sintáticas Orações subordinadas Defticos Étimo</p> <p>Teste n.º 8 Campo lexical Funções sintáticas Sinónimos Mecanismos de coesão Orações subordinadas Processos fonológicos</p> | <p>Teste n.º 7 Síntese</p> <p>Teste n.º 8 Apreciação crítica</p> | |
| Tipologia de itens | | | | |
| Escolha múltipla | | <p>II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos)</p> | | 35 |
| Resposta curta | | <p>II 8., 9. e 10. (3 itens x 5 pontos)</p> | | 15 |
| Resposta restrita | <p>I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos)</p> | | | 60 |
| | <p>I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos)</p> | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.º 9 (p. 53), “A abóbada”

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|-------------------------|--|--|-----------|---------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | ESCRITA | |
| Tipologia de itens | Item A Alexandre Herculano – “A abóbada” + Item B Fernão Lopes – <i>Crónica de D. João I</i> | Funções sintáticas Orações subordinadas Mecanismos de coesão Processos fonológicos | Síntese | |
| Escolha múltipla | | II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos) | | 35 |
| Resposta curta | | II 8., 9. e 10. (3 itens x 5 pontos) | | 15 |
| Resposta restrita | I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos) | | | 60 |
| | I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos) | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

| TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.ºS 10 e 11 (pp. 58 e 62), <i>Os Maias</i> | | | | |
|--|--|---|---|------------------|
| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | EXPRESSÃO ESCRITA | |
| | <p>Item A Eça de Queirós – <i>Os Maias</i> +</p> <p>Item B Teste n.º 10 Luís de Camões – <i>Rimas</i></p> <p>Teste n.º 11 Gil Vicente – <i>Farsa de Inês Pereira</i></p> | <p>Teste n.º 10 Formação de palavras Funções sintáticas Orações subordinadas Classes/subclasses de palavras Valor lógico dos conectores</p> <p>Teste n.º 11 Processos fonológicos Formação de palavras Funções sintáticas Orações subordinadas Classes/subclasses de palavras Citação</p> | <p>Teste n.º 10 Texto expositivo</p> <p>Teste n.º 11 Texto de opinião</p> | |
| Tipologia de itens | | | | |
| Escolha múltipla | | <p>II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos)</p> | | 35 |
| Resposta curta | | <p>II 8., 9. e 10. (3 itens x 5 pontos)</p> | | 15 |
| Resposta restrita | <p>I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos)</p> | | | 60 |
| | <p>I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos)</p> | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.º 12 (p. 66), *A ilustre casa de Ramires*

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|----------------------|---|--|------------------|------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | ESCRITA | |
| Tipologia de itens | Item A Eça de Queirós – <i>A ilustre casa de Ramires</i> + Item B Luís Vaz de Camões – <i>Os Lusíadas</i> | Sinónimos Funções sintáticas Orações subordinadas Classes/subclasses de palavras Valor lógico dos conectores | Texto expositivo | |
| Escolha múltipla | | II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos) | | 35 |
| Resposta curta | | II 8., 9. e 10. (3 itens x 5 pontos) | | 15 |
| Resposta restrita | I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos) | | | 60 |
| | I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos) | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.ºS 13 e 14 (pp. 70 e 75), *Sonetos completos*

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|----------------------|--|---|--|------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | EXPRESSÃO ESCRITA | |
| | <p>Item A Antero Quental – <i>Sonetos completos</i> +</p> <p>Item B Teste n.º 13 Almeida Garrett – <i>Viagens na minha terra</i></p> <p>Teste n.º 14 Luís Vaz de Camões – <i>Rimas</i></p> | <p>Teste n.º 13 Funções sintáticas Orações subordinadas Classes/subclasses de palavras Mecanismos de coesão Sinónimos Recursos expressivos Tempos verbais</p> <p>Teste n.º 14 Funções sintáticas Orações subordinadas Sinónimos Recursos expressivos Coerência Deícticos Mecanismos de coesão</p> | <p>Teste n.º 13 Texto de opinião</p> <p>Teste n.º 14 Texto de apreciação crítica</p> | |
| Tipologia de itens | | | | |
| Escolha múltipla | | II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos) | | 35 |
| Resposta curta | | II 8., 9. e 10. (3 itens x 5 pontos) | | 15 |
| Resposta restrita | I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos) | | | 60 |
| | I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos) | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (20 + 30) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA N.ºs 15 e 16 (pp. 79 e 83), *Cânticos do Realismo*

| Domínios e Conteúdos | GRUPOS | | | Cotação / pontos |
|----------------------|--|---|---|------------------|
| | I | II | III | |
| | EDUCAÇÃO LITERÁRIA | LEITURA E GRAMÁTICA | ESCRITA | |
| | Item A <i>Cesário Verde</i> – <i>Cânticos do Realismo</i> + Item B Teste n.º 15 Fernão Lopes – <i>Crónica de D. João I</i> Teste n.º 16 Padre António Vieira – “Sermão de Santo António” | Teste n.º 15 Mecanismos de coesão Classes de palavras Funções sintáticas Classificação de orações Discurso direto/indireto Teste n.º 16 Mecanismos de coesão Sinónimos Funções sintáticas Classificação de orações Campo lexical | Teste n.º 15 Texto de opinião Teste n.º 16 Síntese | |
| Tipologia de itens | | | | |
| Escolha múltipla | | II 1. a 7. (7 itens x 5 pontos) | | 35 |
| Resposta curta | | II 8., 9. e 10. (3 itens x 5 pontos) | | 15 |
| Resposta restrita | I – A 1. a 3. (3 itens x 20 pontos) | | | 60 |
| | I – B 4. e 5. (2 itens x 20 pontos) | | | 40 |
| Resposta extensa | | | (30 + 20) | 50 |
| COTAÇÃO | 100 | 50 | 50 | 200 |



2.

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Material disponível, em formato editável, em



AULA DIGITAL
PROFESSOR

01. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o excerto do “Sermão de Santo António”.

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a Linha Equinocial, vi debaixo dela o que muitas vezes tinha visto, e notado nos homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha, e pegado também aos peixes. Pegadores se chamam estes, de que agora falo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jamais os desferram. De alguns animais de menos força, e indústria se conta que vão seguindo de longe aos Leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes Pegadores, tão seguros ao perto, como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso, e mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou, e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam os peixes do alto depois que os nossos Portugueses o navegaram; porque não parte Vizo-Rei ou Governador para as Conquistas, que não vá rodeado de Pegadores, os quais se arrimam a ele, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se, e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê, e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos Pegadores do mar.

[...] Eis aqui, peixeziños ignorantes, e miseráveis, quão errado, e enganoso é este modo de vida, que escolhestes. Tomai exemplo nos homens, pois eles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo António.

[...] Lá diz a Escritura daquela famosa árvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do Céu descansavam sob os seus ramos, e todos os animais da terra se recolhiam à sua sombra, e uns e outros se sustentavam de seus frutos: mas também diz que tanto que foi cortada esta árvore as aves voaram, e os outros animais fugiram. Chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.

Padre António Vieira, “Sermão de Santo António”, in *Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, vol. X, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, pp. 157-159.

1. Explique o sentido alegórico da referência aos Pegadores.
2. Indique um argumento e um exemplo de que o orador se socorre para ilustrar o seu raciocínio.
3. Explicita a dimensão crítica do excerto.

B

Leia as estâncias do Canto IX de *Os Lusíadas*. Se necessário, consulte as notas.

88

Assi a fermosa e a forte companhia
O dia quási todo estão passando
Nũa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

89

Que as Ninfas do Oceano, tão fermosas,
Tétis¹ e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aqueles preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta Ilha.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. J. Costa Pimpão),
4.^a ed., Lisboa, MNE, 2000, p. 409.

¹ deusa do mar, esposa do Oceano

² admiração

4. Insira as estâncias seleccionadas no momento da ação de *Os Lusíadas*.

5. Comprove a existência de uma dimensão alegórica neste momento textual.

GRUPO II

Responda às questões. Na resposta aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia atentamente o texto.

“A cultura é o capital europeu mais importante”

O músico catalão Jordi Savall, reconhecido globalmente como voz maior na divulgação da música antiga, é a terceira figura distinguida pelo Prémio Europeu Helena Vaz da Silva. “É um prémio com um grande valor porque vem de instituições europeias com uma grande sensibilidade para a cultura”, comentou ao *Expresso*, referindo crer que “neste momento, a Europa tem de tomar a consciência de que a sua cultura é talvez o nosso capital mais importante e o que está menos valorizado ao nível das instituições europeias”. A cultura, continuou, “está fragmentada em cada um dos estados, e não há uma política que a possa coordenar, por isso um prémio como este é importante porque nos ajuda a tomar consciência do valor da cultura europeia”.

Esta visão de uma identidade cultural estabelecida através da música passa, de resto, pelas posições que tem chamado aos mais de 200 discos que já lançou. [...]

Esta mesma ideia passará pelo programa que apresentará a 10 de outubro na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, dois dias depois da cerimónia em que receberá o prémio que agora o distingue. Acompanhado pelo Hespèrion XXI (um dos vários grupos que fundou), apresentará um programa que percorre obras e compositores europeus de 1500 a 1700. É um programa que apresenta Europa musical desde o Renascimento até ao primeiro Barroco, com músicas italianas, hispânicas, francesas, alemãs, inglesas... [...]

A diversidade deste programa, que assinalará um novo encontro com uma plateia portuguesa, caracteriza a essência de uma obra que não só cruza épocas como geografias. [...] Este ano, depois de nos ter dado já a conhecer dois novos discos [...], prepara-se para lançar “Barroque splendor”, no qual juntou uma multidão de cantores e instrumentistas para a gravação da “Missa Salisburgensis” de Heinrich Ignaz Franz von Biber (1644-1704). [...] O disco, como os demais lançados por ele nos últimos anos, é mais uma edição da Alia Vox. E depois? Com uma agenda de trabalho intensa nos palcos e um ritmo firme no trabalho de preparação de novos programas, Jordi Savall revela ao *Expresso* que, para a quadra do Natal, haverá um outro disco, com obras do tempo de El Greco.

Nuno Galopim, *E, A Revista do Expresso*, edição 2231, 1 de agosto de 2015.

1. Com a afirmação “reconhecido globalmente como voz maior na divulgação da música antiga” (ll. 1-2), o autor do texto defende que Jordi Savall

- (A) é o maior músico que se dedica à música antiga.
- (B) é reconhecido como o mais importante músico na divulgação da música antiga.
- (C) é reconhecido em todo o mundo como a voz da música antiga.
- (D) tem um papel irrelevante na divulgação da música antiga.

2. A cultura “está fragmentada em cada um dos estados” (l. 6) significa que

- (A) cada estado europeu se preocupa apenas com a cultura do seu próprio país.
- (B) os europeus não dão o devido valor à cultura.
- (C) não existe propriamente uma cultura europeia.
- (D) existem alguns mecanismos de coordenação de uma cultura europeia.

3. Da leitura do texto infere-se que Jordi Savall defende

- (A) a existência de uma identidade cultural europeia concretizada através da música.
- (B) a valorização crescente da cultura por parte dos governantes.
- (C) que só a música poderá conferir uma identidade cultural à Europa.
- (D) a inexistência de uma identidade cultural europeia.

4. O prémio europeu Helena Vaz da Silva tem um enorme valor porque

- (A) permite a divulgação da música antiga.
- (B) reconhece o valor dos músicos laureados.
- (C) ajuda ao reconhecimento da cultura musical antiga.
- (D) contribui para a consciencialização da importância da cultura europeia.

5. O constituinte sublinhado em “dois dias depois da cerimónia em que receberá o prémio que agora o distingue” (ll. 12-13) desempenha a função sintática de

- (A) sujeito simples.
- (B) complemento indireto.
- (C) complemento direto.
- (D) complemento oblíquo.

6. O segmento textual sublinhado na frase “A diversidade deste programa, que assinalará um novo encontro com uma plateia portuguesa, caracteriza a essência de uma obra que não só cruza épocas como geografias.” (ll. 17-18) é uma oração

- (A) subordinada substantiva completiva.
- (B) subordinada adjetiva relativa explicativa.
- (C) subordinada adverbial consecutiva.
- (D) subordinada adverbial causal.

7. Na oração “haverá um outro disco, com obras do tempo de El Greco.” (l. 24), o sujeito é

- (A) simples.
- (B) subentendido.
- (C) indeterminado.
- (D) composto.

8. Indique a função sintática desempenhada pela expressão sublinhada em “É um prémio com um grande valor porque vem de instituições europeias” (ll. 2-3).

9. Identifique o referente do determinante possessivo sublinhado em “neste momento, a Europa tem de tomar a consciência de que a sua cultura é talvez o nosso capital mais importante” (ll. 4-5).

10. Classifique a oração subordinada presente no segmento “que, para a quadra de Natal, haverá um outro disco, com obras do tempo de El Greco.” (ll. 23-24).

GRUPO III

Escreva um **texto de opinião** bem estruturado, de 130 a 170 palavras, sobre o contributo da arte, nomeadamente da literatura e/ou da música, para a construção da identidade cultural portuguesa.

Apresente um texto devidamente estruturado (introdução, desenvolvimento e conclusão), com exploração clara de um ponto de vista e com recurso a argumentos e respetivos exemplos. Respeite os mecanismos de coesão e de coerência e faça uso de um repertório lexical variado.

02. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia atentamente o excerto do “Sermão de Santo António”.

Começando pois pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que entre todas as criaturas viventes, e sensitivas, vós fostes as primeiras, que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra, e a vós primeiro que ao mesmo homem. [...]

Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor; a primeira, que se me oferece aos olhos hoje, é aquela obediência, com que chamados acudistes todos pela honra de vosso Criador, e Senhor, e aquela ordem, quietação, e atenção, com que ouvistes a palavra de Deus da boca de Seu servo António. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande afronta, e confusão para os homens! Os homens perseguindo a António, querendo-o lançar da terra, e ainda do mundo, se pudessem, porque lhes repreendia seus vícios, porque lhes não queria falar à vontade, e condescender com seus erros; e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso acudindo à sua voz, atentos, e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio, e com sinais de admiração, e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar, e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos, e obstinados, e no mar os peixes tão quietos, e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes: mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão.

Padre António Vieira, “Sermão de Santo António”, in *Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, vol. X, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, pp. 140-141.

1. Indique as virtudes dos peixes enumeradas por Padre António Vieira.
2. Explicite a oposição entre os homens e os peixes referida pelo orador.
3. Explique o sentido do segmento textual “mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão” (ll. 16-17).

B

Leia a seguinte cantiga de escárnio e maldizer. Se necessário, consulte as notas.

Quem a sesta quiser dormir

Quem a sesta quiser dormir,
 conselhá-lo-ei a razom¹:
 tanto que jante, pense d'ir
 à cozinha do infançom²:
 5 e tal cozinha lh'achará,
 que tam fria casa nom há
 na hoste, de quantas i som.

Ainda vos en mais direi
 eu, que um dia i dormi:
 10 tam bõa sesta nom levei,
 des aquel dia 'm que naci,
 como dormir em tal logar,
 u nunca Deus quis mosca dar³,
 ena mais fria rem que vi.

15 E vedes que bem se guisou⁴
 de fria cozinha teer
 o infançom, ca nom mandou
 des ogan⁵`i fogo acender;
 e, se vinho gaar⁶ d'alguém,
 20 ali lho esfriarâm bem,
 se o frio quiser beber⁷.

Pero da Ponte
 B1634/V1168

Disponível em <http://cantigas.fcsh.unl.pt/> (consultado em dezembro de 2015).

-
- ¹ com sensatez
² cavaleiro nobre
³ não havia moscas (pois não havia comida)
⁴ arranjou
⁵ este ano
⁶ ganhar
⁷ beber

4. Indique a razão pela qual o trovador conseguiu dormir uma boa sesta na cozinha do *infançom*.
5. Explícite a crítica social presente na cantiga.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o texto.

Procissão a Santo António

Ao debruçar-me sobre escritos relacionados com a zona do atual largo do Padrão, descobri, com alguma surpresa, a informação de que, pelos finais do século XIX, se realizava nesta parte do Bonfim uma procissão em honra de Santo António. [...]

Quando, em 1843, se começou a rasgar a rua que hoje tem o nome de D. João IV, a Viela dos Capuchos desapareceu, absorvida pelo novo arruamento.

O projeto da nova artéria previa que ela começaria em S. Lázaro e prolongar-se-ia até ao sítio da Cruz da Regateira, junto ao Hospital do Conde Ferreira. O que não aconteceu, por dificuldades surgidas com as expropriações. [...]

Segundo o folheto onde colhi estas informações, era uma “procissão familiar...”.

Tudo se terá passado no último quartel do século XIX.

Um paroquiano do Bonfim, de nome António Jacinto Pinto Banha, funcionário superior da empresa dos Caminhos de Ferro do Douro e Minho, ofereceu uma imagem de Santo António, de que era devoto, à Confraria do Senhor do Bonfim e da Boa Morte.

Era essa imagem que os devotos de Santo António levavam em procissão pelas ruas da freguesia.

O folheto a que atrás me refiro cita, exatamente, o itinerário da procissão que se realizou no dia 26 de julho de 1894.

Da igreja paroquial do Bonfim cujas obras de construção, iniciadas em 1874, tinham acabado exatamente nesse ano de 1894, ou seja, vinte anos depois, saiu “uma linda procissão” que rumou “ao antigo Campo do Poço das Patas” (atual Campo de 24 de Agosto); subiu “pela rua de S. Jerónimo” (a rua de Santos Pousada dos nossos dias); prosseguiu pelas “antigas travessas da Alegria e de S. Jerónimo” (que, uma vez unidas, vieram a dar a atual rua da Firmeza); continuou pela rua da Duquesa de Bragança (depois rua de D. João IV); atravessou o largo do Padrão das Almas, assim denominado por causa de um cruzeiro que lá existia da invocação do Senhor do Amor Divino e Almas, retirado do local em 1869; e pela antiga rua de 23 de Julho, hoje rua de Santo Ildefonso, a procissão recolheu à igreja de onde havia saído.

O folheto não diz qual foi o motivo que deu origem à realização da procissão.

Como não explica a razão por que se fez a cerimónia em 26 de julho e não a 13 de junho, que é o dia em que a Igreja celebra a festa a Santo António.

Germano Silva, *Porto – História e Memórias*, Porto, Porto Editora, 2011.

1. O motivo da realização da procissão a Santo António, na cidade do Porto,

- (A) ficou a dever-se à realização de obras na Igreja do Bonfim.
- (B) resultou da necessidade de homenagear Santo António.
- (C) permanece desconhecido até aos dias de hoje.
- (D) foi a oferta de uma imagem do santo por parte de um paroquiano.

2. O conteúdo do texto “Procissão a Santo António” é exemplificativo de um

- (A) texto expositivo.
- (B) artigo de opinião.
- (C) texto de apreciação crítica.
- (D) relato de viagem.

3. O projeto de ligação de São Lázaro à Cruz da Regateira não se concretizou por
- (A) dificuldades de ordem financeira.
 - (B) problemas havidos com a construção da igreja do Bonfim.
 - (C) problemas com os proprietários das terras a expropriar.
 - (D) imposição dos moradores da freguesia.
4. Na frase “O projeto da nova artéria previa que ela começaria em S. Lázaro e prolongar-se-ia até ao sítio da Cruz da Regateira, junto ao Hospital do Conde Ferreira.” (ll. 6-7) estão presentes as seguintes orações:
- (A) uma oração subordinante, uma subordinada substantiva completiva e uma coordenada copulativa.
 - (B) uma oração subordinante, uma subordinada adjetiva relativa restritiva e uma coordenada copulativa.
 - (C) uma oração subordinante, uma subordinada substantiva completiva e uma coordenada adverbial.
 - (D) uma oração subordinante, uma subordinada adjetiva relativa explicativa e uma coordenada copulativa.
5. O uso de aspas nas expressões “procissão familiar...” (l. 9) e “uma linda procissão” (l. 18) justifica-se porque
- (A) destaca uma informação importante.
 - (B) se trata de uma citação.
 - (C) demonstra a religiosidade do autor.
 - (D) é uma marca de subjetividade.
6. Na frase “Tudo se terá passado no último quartel do século XIX.” (l. 10), o verbo encontra-se no
- (A) futuro composto do conjuntivo.
 - (B) futuro composto do indicativo.
 - (C) particípio.
 - (D) condicional.
7. O conector “Como” (l. 27), no contexto em que ocorre, tem um valor
- (A) explicativo.
 - (B) comparativo.
 - (C) consecutivo.
 - (D) aditivo.
8. Transcreva o sujeito do predicado “ofereceu uma imagem de Santo António” (l. 12).
9. Indique a classe e subclasse do termo sublinhado em “Da igreja paroquial do Bonfim cujas obras de construção” (l. 17).
10. Identifique a função sintática desempenhada pelo vocábulo sublinhado em “O folheto a que atrás me refiro cita, exatamente, o itinerário da procissão que se realizou no dia 26 de julho de 1894” (ll. 15-16).

GRUPO III

Escreva um **texto expositivo**, de 130 a 170 palavras, sobre a sátira na literatura portuguesa, fazendo apelo à sua experiência enquanto leitor.

Apresente um texto devidamente estruturado (introdução, desenvolvimento e conclusão), com uma organização cronológica da exposição e respetiva ilustração das obras e dos autores lidos. Apresente uma seleção vocabular adequada, respeite os mecanismos de coerência e coesão.

03. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o excerto de *Frei Luís de Sousa*. Se necessário, consulte as notas.

JORGE, MADALENA, MARIA

JORGE – Ora seja Deus nesta casa! (*Maria beija-lhe o escapulário¹ e depois a mão; Madalena, somente o escapulário*)

MADALENA – Sejais bem-vindo, meu irmão!

⁵ *MARIA* – Boas tardes, tio Jorge!

JORGE – Minha senhora mana! – A bênção de Deus te cubra, filha! – Também estou desassossegado como vós, mana Madalena: mas não vos aflijais, espero que não há de ser nada. – É certo que tive umas notícias de Lisboa...

MADALENA (assustada) – Pois que é, que foi?

¹⁰ *JORGE* – Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejais prevenida, por isso vo-lo digo. Os governadores querem sair da cidade... é um capricho verdadeiro... Depois de aturarem metidos ali dentro toda a força da peste, agora que ela está, se pode dizer, acabada, que são raríssimos os casos, é que por força querem mudar de ares.

MADALENA – Pois coitados!

¹⁵ *MARIA* – Coitado do povo! – Que mais valem as vidas deles? Em pestes e desgraças assim, eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até à última, onde a miséria fosse mais e o perigo maior, para atender com remédio e amparo aos necessitados. – Pois, rei não quer dizer pai comum de todos?

JORGE – A minha donzela Teodora²! – Assim é, filha; mas o mundo é doutro modo: que lhe faremos?

²⁰ *MARIA* – Emendá-lo.

JORGE (para Madalena, baixo) – Sabeis que mais? Tenho medo desta criança.

MADALENA (do mesmo modo) – Também eu.

JORGE (alto) – Mas, enfim, resolveram sair: e sabereis mais que, para corte e “buen-retiro”³ dos nossos cinco reis, os senhores governadores de Portugal por D. Filipe de Castela que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa vila de Almada, que o deveu à fama de suas águas sadias, ares lavados e graciosa vista.

MADALENA – Deixá-los vir.

JORGE – Assim é: que remédio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de S. Paulo tem de hospedar o senhor Arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do governo. – Bom prelado é ele; e,
 30 se não fosse que nos tira do humilde sossego de nossa vida, por vir como senhor e príncipe secular... o mais, paciência. Pior é o vosso caso...

MADALENA – O meu!

JORGE – O vosso e de Manuel de Sousa: porque os outros quatro governadores – e aqui está o que me mandaram dizer em muito segredo de Lisboa – dizem que querem vir para esta casa, e
 35 pôr aqui aposentadoria⁴.

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa* (ato I, cena V), Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 78-80.

¹ tira de pano que os frades e freiras de certas ordens trazem pendentes sobre o peito; ² segundo Rodrigues Lapa, a donzela Teodora representa um tipo de sabedoria feminina de elevada qualidade; ³ estância de recreio; ⁴ instalar-se, alojar-se.

1. Refira, por palavras suas, a notícia de que Frei Jorge é portador.
2. Descreva a reação das duas figuras femininas intervenientes.
3. Apresente, considerando também o seu conhecimento da obra, a funcionalidade da personagem Frei Jorge no seio familiar.

B

Leia, agora, a cantiga. Se necessário, consulte as notas.

Foi um dia Lopo jogar

Foi um dia Lopo jogar¹
 a cas² d'um infançom³ cantar;
 e mandou-lh'ele por dom⁴ dar
 três couces na garganta;
 5 e fui-lh'escass', a meu cuidar⁵,
 segundo com'el canta.

Escasso foi o infançom
 em seus couces partir⁶ em dom,
 ca⁷ nom deu a Lop[o], entom,
 10 mais de três na garganta;
 e mais merece o jogarom⁸,
 segundo com'el canta.

- ¹ jogral
- ² casa
- ³ cavaleiro nobre
- ⁴ como pagamento
- ⁵ e foi forreta na minha opinião
- ⁶ repartir
- ⁷ pois, porque
- ⁸ jogralão (aumentativo depreciativo de jogral)

Martim Soares
 B1366/V974

Disponível em <http://cantigas.fcsh.unl.pt/> (consultado em dezembro de 2015).

4. Segmente o texto em dois momentos e justifique, considerando o desenvolvimento temático.
5. Classifique, quanto ao género/subgénero, a composição poética.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o texto.

A complexa fibromialgia

A fibromialgia é uma síndrome complexa, sem causa ou cura conhecidas. Estima-se que de 1 a 5% da população mundial tenha fibromialgia. Ela é mais comum em mulheres, e normalmente inicia-se entre os 35 e os 55 anos.

O sintoma que define a fibromialgia é a dor em pontos específicos do corpo, chamados pontos-gatilho (*trigger points*), relacionados com os músculos, os tendões e os ligamentos. Os locais mais comumente afetados são a região occipital (nuca), o pescoço, os ombros, o tronco, a região lombar e as coxas. Outros sintomas também podem ser experimentados, incluindo fadiga, dor no peito, febre baixa, insónia, dor abdominal frequente, síndrome do intestino irritável e depressão.

A origem exata da fibromialgia ainda permanece desconhecida. Mas sabe-se que ela é causada por uma combinação de fatores genéticos, neuroendócrinos, psicológicos e distúrbios do sono. Uma pesquisa demonstrou que o eixo que liga as três glândulas, principais responsáveis pela resposta ao stress (hipotálamo, hipófise e glândulas suprarrenais), pode apresentar mau funcionamento em pessoas com fibromialgia.

Outras possíveis causas são alterações na percepção da dor, como a hipersensibilidade, situações stressantes que geram tensão muscular prolongada; alterações no relógio biológico, com insónia crónica e diminuição das fases profundas do sono.

O diagnóstico normalmente é feito pelo médico reumatologista, quando identifica dor generalizada durante mais de três meses, sem nenhuma doença que a justifique.

Normalmente, não há inflamação na fibromialgia.

O tratamento consiste em analgésicos, relaxantes musculares e medicamentos antidepressivos para diminuir a dor.

O estilo de vida pode ser um grande aliado no tratamento da doença. Um estudo clínico em mulheres com fibromialgia demonstrou que uma alimentação baseada em alimentos crus, como frutas, verduras, nozes, sementes, leguminosas e cereais (como aveia em flocos), e que incluía iogurte e outros alimentos fermentados naturalmente, promoveu redução significativa no peso corporal, nos níveis de dor, no uso de analgésicos, nos sintomas de depressão e no número de pontos-gatilho dolorosos, em comparação com mulheres que continuaram a ingerir a sua alimentação regular.

Outro estudo avaliou o efeito de exercícios físicos de baixo impacto, como a hidroginástica em piscina aquecida, combinados com sessões de aconselhamento emocional, durante seis meses. Observou-se melhoria da força e da resistência muscular, bem como a redução da dor, dos níveis de angústia, da depressão e da ansiedade.

Além da alimentação e do exercício, existem outros recursos com eficácia comprovada para aliviar as dores. A psicoterapia cognitiva pode ajudar a resolver conflitos emocionais que contribuem para o surgimento da doença; as sessões de relaxamento e as massagens podem aliviar as tensões musculares; e a fisioterapia ajuda a diminuir as dores, a melhorar a força e a aumentar a mobilidade, com impactos significativos na qualidade de vida.

Luiz Fernando Sella, in *Saúde & Lar*, novembro 2015, p. 16.

1. O texto apresentado apresenta característica de

- (A) um texto de opinião, uma vez que apresenta a opinião do autor sobre um assunto, devidamente sustentada em argumentos e exemplos.
- (B) uma reportagem, dado que aborda vários temas que são testemunhados.
- (C) uma apreciação crítica, atendendo a que apresenta uma opinião sobre uma doença.
- (D) um artigo de divulgação científica, que se centra numa área específica do saber.

2. A síndrome abordada

- (A) tem formas de tratamento.
- (B) permanece inexplicável.
- (C) afeta só o sexo masculino.
- (D) ataca cada vez mais pessoas.

3. A única alternativa que apresenta palavras, cujo processo de formação é a composição, é

- (A) normalmente – ligamentos – comumente.
- (B) fibromialgia – fisioterapia – neuroendócrinos.
- (C) hipotálamo – suprarrenais – hipersensibilidade.
- (D) hidroginástica – antidepressivos – depressão.

4. A oração “que define a fibromialgia” (l. 4) classifica-se como oração subordinada

- (A) adverbial comparativa.
- (B) adverbial consecutiva.
- (C) adjetiva relativa restritiva.
- (D) substantiva relativa.

5. O segmento “a dor em pontos específicos do corpo” (l. 4) desempenha a função sintática de

- (A) predicativo do complemento direto.
- (B) sujeito.
- (C) predicativo do sujeito.
- (D) modificador do nome restritivo.

6. Entre “sintomas” (l. 7) e “fadiga, dor no peito, febre baixa, insónia” (ll. 7-8) existe um mecanismo de coesão

- (A) lexical, por substituição (hiperonímia-hiponímia).
- (B) lexical, por substituição (hiponímia-hiperonímia).
- (C) gramatical, interfrásica (uso de conectores).
- (D) lexical, por reiteração (repetição de um item lexical).

7. O recurso aos parênteses nas linhas 12 e 24 justifica-se pela necessidade de se

- (A) introduzir um comentário do autor.
- (B) indicar alternativas às glândulas anteriores.
- (C) dar conta da fonte utilizada.
- (D) exemplificar o que foi dito atrás.

8. Classifique a oração “que ela é causada por uma combinação de fatores genéticos, neuroendócrinos, psicológicos e distúrbios do sono” (ll. 9-10).
9. Reescreva na forma ativa a frase “O diagnóstico normalmente é feito pelo médico reumatologista” (l. 17).
10. Indique o referente do elemento destacado em “sem nenhuma doença que a justifique” (l. 18).

GRUPO III

Os avanços da ciência têm sido fundamentais para atenuar a dor e para salvar milhares de vidas.

Num texto de 170 a 200 palavras, registre a sua **opinião** sobre o contributo da ciência para a qualidade de vida dos seres humanos.

Fundamente o seu ponto de vista, recorrendo a argumentos e a exemplos significativos.



04. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o excerto de *Frei Luís de Sousa*. Se necessário, consulte as notas.

CENA VIII

MADALENA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

MADALENA – Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tão prudente e refletido, não dais nenhum peso às minhas dúvidas?

JORGE – Tomara eu ser tão feliz que pudesse, querida irmã.

⁵ MADALENA – Pois entendeis?...

¹⁰ MANUEL – Madalena... senhora! Todas estas coisas são já indignas de nós. Até ontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com os homens, estava na boa fé e seguridade de nossas consciências. Essa acabou. Para nós já não há senão estas mortalhas (*tomando os hábitos de cima da banca*) e a sepultura de um claustro. A resolução que tomámos é a única possível; e já não há que voltar atrás... Ainda ontem falávamos dos condes de Vimioso... Quem nos diria... oh! incompreensíveis mistérios de Deus!... Ânimo, e ponhamos os olhos naquela cruz! – Pela última vez, Madalena... pela derradeira vez neste mundo, querida... (*Vai para a abraçar e recua*). Adeus, adeus! (*Foge precipitadamente pela porta da esquerda*.)

CENA IX

MADALENA, JORGE; coro dos frades dentro

¹⁵ MADALENA – Ouve, espera; uma só, uma só palavra, Manuel de Sousa!... (*Toca o órgão dentro*.)

CORO (dentro) – *De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam*¹.

²⁰ MADALENA (*indo abraçar-se com a cruz*) – Oh, Deus, Senhor meu! pois já, já? Nem mais um instante, meu Deus? – Cruz do meu Redentor, ó cruz preciosa, refúgio de infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos neste mundo, e já não posso com as minhas desgraças... e estou feita um espetáculo de dor e de espanto para o céu e para a terra! – Tomai, Senhor, tomai tudo... A minha filha também?... Oh! a minha filha, a minha filha... também essa vos dou, meu Deus. E, agora, que mais quereis de mim, Senhor? (*Toca o órgão outra vez*.)

CORO (dentro) – *Fiant aures tuae intendentes; in vocem deprecationis meae*².

JORGE – Vinde, minha irmã, é a voz do Senhor que vos chama. Vai começar a santa cerimónia.

25 *MADALENA* (enxugando as lágrimas e com resolução) – Ele foi?

JORGE – Foi sim, minha irmã.

MADALENA (levantando-se) – E eu vou. (Saem ambos pela porta do fundo).

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa* (ato III), Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 144-146.

¹ do mais profundo do ser clamo a ti, Senhor; Senhor, ouve a minha voz

² estejam os teus ouvidos atentos à voz da minha súplica

1. Localize no tempo e no espaço as cenas apresentadas.
2. Caracterize a evolução do estado de espírito de D. Madalena, considerando as suas intervenções.
3. Justifique a atitude de Manuel de Sousa Coutinho.

B

Leia as estâncias seguintes do Canto VII de *Os Lusíadas*. Se necessário, consulte as notas.

80

Agora, com pobreza avorrecida,
 Por hospícios¹ alheios degradado;
 Agora, da esperança já adquirida,
 De novo mais que nunca derribado;
 Agora às costas² escapando³ a vida,
 Que dum fio pendia tão delgado
 Que não menos milagre foi salvar-se
 Que pera o Rei Judaico⁴ acrescentar-se.

81

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
 Que tamanhas misérias me cercassem,
 Senão que aqueles que eu cantando andava
 Tal prémio de meus versos me tornassem⁵:
 A troco dos descansos que esperava,
 Das capelas de louro que me honrassem,
 Trabalhos nunca usados me inventaram,
 Com que em tão duro estado me deitaram.

¹ regiões

² nas costas (junto das
 quais Camões naufragara)

³ salvando

⁴ Ezequias, a quem Jeová
 concedeu quinze dias
 de vida, após o dia em
 que deveria morrer

⁵ dessem

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. J. Costa Pimpão),
 4.^a ed., Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000, p. 320.

4. Apresente a situação em que se encontra o poeta e justifique a sua resposta com elementos textuais.
5. Indique e explique o verso que resume as adversidades enfrentadas pelo poeta.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o excerto que relata uma viagem.

Um português na antiguidade

Não me recordo como é que percebi que aquele senhor já de idade avançada e aspeto discreto na multidão era português. Talvez ele tenha respondido ao telemóvel, e eu estivesse a passar ao lado. Ou talvez a filha ainda estivesse com ele e a conversa entre ambos tenha sido o decodificador da sua origem. Esta segunda hipótese é menos provável, porque não recordo jamais ter visto a filha; apenas sei que ele a tinha acompanhado a Istambul para um congresso. Eram ambos médicos, isso recordei, mas ele já aposentado. A filha tinha vindo por motivos profissionais; ele por puro deleite pessoal.

Há duas razões para que este episódio tenha ficado bem registado na minha memória. Uma é imediata: aquele senhor era o meu primeiro português depois do Equador, teriam passado uns dez meses, uns 17 fusos horários, desde que eu tinha encontrado esse capitão de traineira do Algarve em Guayaquil, vivia lá. Mas isso é outra história. A explicação da distância é que efetivamente entre o Equador e a Turquia, se formos em direção oeste, sucedem-se 17 fusos horários; e a explicação do tempo é que eu não estava a viajar de avião e, entre a travessia de dois oceanos, o Pacífico e o Índico, e dois continentes, a Oceânia e a Ásia, mais as cidades, os desvios e os encontros, realmente quando vamos a dar por ela demoramos num instante dez meses.

Há outra razão mais subtil mas mais indelével que mantém o senhor português em Istambul na minha memória: ele representava uma forma que desaparece de viajar e ver o mundo. Com cerca de 80 anos na altura, imagino que teria efetuado as suas grandes viagens entre os vinte e tal e os 60 anos, portanto foi durante as décadas de 40 a 70 que ele esteve mais ativo a percorrer o mundo.

Corrijo: ele não percorreu o mundo, isso não o interessava particularmente. Ele percorreu o mundo antigo, o berço da nossa civilização, a nossa origem comum.

Visitou com carinho e cuidado tudo o que resta desses lugares definidores da História do Ocidente, quase sempre vendo coisas que não estão ao alcance da vista, mas da imaginação. Viu Persépolis vestida outra vez de gente, sorriu no entulho de Troia com a porta aberta na muralha impenetrável, navegou o Eufrates cintilante pintalgado de velas assírias, trocou sestércios nos mercados esplendorosos de Cartagena, acariciou as paredes ausentes nas basílicas de Éfeso e nos templos de Palmira, pasmou pelos deuses novamente vivos nos altares vazios de Agrigento. Que outra cidade mais adequada para o encontrar do que Istambul, a antiga Constantinopla, a ainda mais antiga Bizâncio?

[...]

Ficámos a conversar à sombra nos jardins que rodeiam a Mesquita Azul. Porquê tanta viagem, perguntei-lhe. Sempre tinha lido e amado os clássicos, estudara profundamente a Antiguidade, percecionava o mundo como um fluir contínuo de diferentes épocas históricas interligadas de tal maneira que não fazia sentido olhar para a nossa sem ter em conta as que lhe antecederam.

O pai insistira para que fosse médico, uma tradição de família que a filha tinha mantido. Mas ele, se tivesse podido escolher, teria sido arqueólogo. Claro que nem sequer existia a profissão, em Portugal, na altura. Eis a razão de tanto viajar: reportar à luz o passado. Não como arqueólogo mas como reconstrutor.

Colecionava a vida tal como ela acontecera há milénios. E eu fiquei a pensar como era diferente viajar na altura em que ele viajou, e da forma como viajou. Mas que difícil, mas que prazer. Difícil: os anos e anos de estudo e reflexão sobre os lugares e os povos que os ergueram; os meses e meses de preparação com os itinerários, os tempos de percurso, os intérpretes, as divisas, os vistos; uma incerteza sobre o destino e sobre cada dia que passava entre a partida e o regresso. Prazer: chegar a qualquer um desses lugares fundamentais da Humanidade e visitá-lo em silêncio e em paz, respirar tranquilamente a poeira dos séculos, recriar tanta História com a segurança e a precisão de um virtuoso da eternidade.

O telemóvel tocou, a filha esperava-o no hotel. Despediu-se de mim com uma cumplicidade reservada, de um jeito antiquado, como se também eu tivesse 80 anos e percebesse por onde ele tinha andado e nada mais nos unisse senão a nostalgia de um mundo que desaparece.

Fiquei a vê-lo afastar-se entre as tendas de *souvenirs*, as *roullotes* de hambúrgueres, a massa disforme de excursões sinuosas e coloridas que seguiam um altifalante.

Gonçalo Cadilhe, in *Visão*, edição online de 28 de setembro de 2011 (consultado em dezembro de 2015).

1. A recordação do acontecimento, que é o objeto da reflexão do autor, baseia-se

- (A) no facto de ter retido dois aspetos: o encontro com um português após a viagem de longos meses e a forma peculiar como este concebia o ato de viajar.
- (B) no facto de o interlocutor português representar uma forma antiga de viajar.
- (C) principalmente na alegria sentida por ver portugueses ao fim de dez meses.
- (D) na surpresa suscitada e ao ver dois portugueses médicos em Istambul.

2. Para se deslocar do Equador à Turquia, Gonçalo Cadilhe utilizou

- (A) os mesmos transportes que o viajante evocado.
- (B) todos os meios de transporte existentes por onde passou.
- (C) vários meios de transporte, à exceção do avião.
- (D) apenas os transportes que seriam utilizados há 40 anos.

3. O velho viajante convocado pelo autor viajou bastante, em tempos, para

- (A) conhecer os locais onde a nossa civilização teve origem.
- (B) compreender o efeito das civilizações antigas na atualidade.
- (C) concretizar em adulto o sonho que não realizou na juventude.
- (D) perceber em termos arquitetónicos as diferentes épocas históricas.

4. Na frase “Eram ambos médicos” (l. 5)

- (A) existe um predicado que integra um complemento direto.
- (B) o sujeito é “médicos” e “ambos” é o predicativo do sujeito.
- (C) o sujeito é o constituinte “ambos médicos”.
- (D) “ambos” é o sujeito e “médicos” é o complemento direto.

5. A palavra “impenetrável” (l. 25) classifica-se, quanto ao processo de formação, como

- (A) derivada por prefixação e sufixação.
- (B) composta (radical + palavra).
- (C) derivada por prefixação.
- (D) derivada por sufixação.

6. Na frase “Ficámos a conversar à sombra nos jardins” (l. 30), o segmento sublinhado corresponde
- (A) ao predicativo do sujeito.
 - (B) ao predicado, constituído pelo verbo e pelo complemento oblíquo.
 - (C) ao modificador.
 - (D) ao predicado, constituído pelo verbo e pelo complemento direto.
7. A oração “que a filha tinha mantido” (l. 34) é subordinada
- (A) adverbial final.
 - (B) substantiva relativa.
 - (C) adjetiva relativa restritiva.
 - (D) substantiva completiva.
8. Transcreva, do primeiro período do texto, duas marcas exemplificativas de deícticos pessoais.
9. Indique o referente do elemento sublinhado em “que mantém o senhor português em Istambul na minha memória” (ll. 17-18).
10. Identifique o mecanismo de coesão utilizado em “Mas que difícil, mas que prazer.” (l. 39), considerando os elementos sublinhados.

GRUPO III

As viagens podem proporcionar momentos inesquecíveis, prazeres inarráveis, memórias inolvidáveis.

Num texto **expositivo**, de 140 a 170 palavras, apresente uma experiência relacionada com uma viagem que o(a) tenha marcado, referindo o local, a data, apresentando e descrevendo os acontecimentos vivenciados.

Planifique previamente o seu texto e reveja-o no final.

05. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o excerto de *Viagens na minha terra*. Se necessário, consulte as notas.

Este é que é o pinhal da Azambuja?
Não pode ser.

Esta, aquela antiga selva, temida quase religiosamente como um bosque druídico¹! E eu que, em pequeno, nunca ouvia contar história de Pedro de Malas-Artes², que logo, em imaginação, lhe não pusesse a cena aqui perto!... Eu que esperava topar a cada passo com a cova do capitão Roldão³ e da dama Leonarda!... Oh! que ainda me faltava perder mais esta ilusão...

Por quantas maldições e infernos adornam o estilo dum verdadeiro escritor romântico, digam-me, digam-me: onde estão os arvoredos fechados, os sítios medonhos desta espessura? Pois isto é possível, pois o pinhal da Azambuja é isto?... Eu que os trazia prontos e *recortados* para os colocar aqui todos os amáveis salteadores de Schiller⁴, e os elegantes facinorosos⁵ do *Auberge-des-Adrets*⁶, eu hei de perder os meus chefes-de-obra⁷! Que é perdê-los isto – não ter onde os pôr!...

Sim, leitor benévolo, e por esta ocasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa literatura. Já me não importa guardar segredo; depois desta desgraça, não me importa já nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler.

Trata-se de um romance, de um drama – cuidas que vamos estudar a história, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulcros, os edifícios, as memórias da época? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar caracteres e situações do vivo da natureza, colorir-los das cores verdadeiras da história... isso é trabalho difícil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sobretudo um tato!... Não senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico.

Todo o drama e todo o romance precisa de:

Uma ou duas damas, mais ou menos ingénuas,
Um pai, – nobre ou ignóbil,
Dois ou três filhos, de dezanove a trinta anos,
Um criado velho,

Um monstro, encarregado de fazer as maldades,

Vários tratantes, e algumas pessoas capazes para intermédios e centros.

Ora bem; vai-se aos figurinos franceses de Dumas⁸, de Eug. Sue⁹, de Victor Hugo¹⁰, e *recorta* a gente, de cada um deles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel da cor da moda, verde, pardo, azul – como fazem as raparigas inglesas aos seus álbuns e *scrapbooks*¹¹; forma com elas os grupos e situações que lhe parece; não importa que sejam mais ou menos disparatados. Depois vai-se às crónicas, tiram-se uns poucos de nomes e de palavrões velhos; com os nomes crismam-se os figurões, com os palavrões *iluminam-se*... (estilo de pintor pinta-monos). – E aqui está como nós fazemos a nossa literatura original.

E aqui está o precioso trabalho que eu agora perdi!

³⁵ Isto não pode ser! Uns poucos de pinheiros raros e enfezados através dos quais se estão quase vendo as vinhas e olivedos circunstantes!... É o desapontamento mais chapado e solene que nunca tive na minha vida – uma verdadeira logração¹² em boa e antiga frase portuguesa.

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra* (cap. V), Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 94-96.

¹ relativo aos druidas, nome dos antigos sacerdotes gauleses e celtas; ² personagem que figura nos contos populares da Península Ibérica, tido como burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos; ³ O mesmo que Rolando ou Orlando, protagonista de *Chanson de Roland*; ⁴ poeta, filósofo, historiador e figura influente do Romantismo alemão; ⁵ criminosos, cruéis, perversos; ⁶ drama francês, representado pela primeira vez em 1823; ⁷ trad. literária do francês *chefs d'oeuvres*: obras-primas; ⁸ romancista francês (1802-1870); ⁹ novelista francês (1804-1857); ¹⁰ novelista, poeta, dramaturgo, ensaísta e estadista francês (1802-1885); ¹¹ livro com as páginas em branco; ¹² engano.

1. Demonstre de que forma este excerto evidencia a dimensão irónica do narrador.
2. Comprove como o uso de deícticos, neste excerto, se associa à temática da deambulação geográfica.
3. Partindo deste excerto, explicita por que razão o pinhal da Azambuja não se coaduna com o significado que a Natureza assume em Garrett.

B

Leia as estâncias 92 e 95 a 98 do Canto V de *Os Lusíadas*.

92

Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!¹
Qualquer nobre² trabalha que³ em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As envejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

96

Vai César sojugando toda França
E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, nãa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.
O que de Cipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

95

Dá a terra Lusitana Cipiões,
Césares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá contudo aqueles dões⁴
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos⁵
(Não dirá Fúlvia⁶, certo⁷, que é mentira,
Quando a deixava António por Glafira⁸).

97

Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia⁹, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo: que a razão
De algum não ser por versos excelente
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima¹⁰.

98

Por isso, e não por falta de natura,
 Não há também Virgílios nem Homeros;
 Nem haverá, se este costume dura,
 Pios Eneias nem Aquiles ferros.
 Mas o pior de tudo é que a ventura
 Tão ásperos os fez e tão austeros,
 Tão rudos e de engenho tão remisso¹¹,
 Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

¹ celebrados; ² qualquer pessoa que seja nobre;
³ para que; ⁴ aquelas qualidades; ⁵ graciosos;
⁶ terceira mulher de António; ⁷ certamente;
⁸ amante de António; ⁹ do Lácio, Latina; ¹⁰ não
 a estima; ¹¹ acanhado.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. J. Costa Pimpão),
 4.^a ed., Lisboa, Instituto Camões, MNE, 2000, pp. 236-237.

4. Identifique, comentando a sua expressividade, o recurso expressivo presente em “Mas, nã
 mão a pena e noutra a lança” (v. 3, est. 96).
5. Avalie a forma como a literatura é encarada nos dois textos (A e B).

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia atentamente o texto.

Uma ilha no deserto

Nós gostamos de encontrar cumplicidades com o território que pisamos, sugerir que houve uma união de facto entre os povos e a geografia, que provocou fronteiras, etnias, idiomas, razões de paz e de guerra.

Às vezes, faz sentido. Penso sempre no comentário de um amigo italiano, quando o conduzi desde
 5 Salamanca para que conhecesse Portugal. Depois dos campos da meseta cultivados até ao horizonte e da alegria transgeracional que ocupava a Plaza Mayor, nas noites de Salamanca, ele começou a ver surgir alguns calhaus na paisagem, por volta de Ciudad Rodrigo. A seguir, mais calhaus e menos paisagem. Depois, era já só calhaus, e os campos férteis apenas uma visão ultrapassada.

Entrámos em Vilar Formoso. As penedias, a serra, o terreno maldito, amaldiçoado, que nem para
 10 cabras serve deram-lhe as boas-vindas. O meu amigo italiano olhou-me de alto a baixo como se eu fosse dois mil anos de genes de toda uma nação, olhou para a raia, e abanando a cabeça comentou em tom complacente: “Agora compreendo.” Não percebi a diferença, quando entrei na raia do povo Dogon. Pareceu-me que não tinha acontecido nada de novo em relação ao resto do Mali: as mesmas casotas de barro e barrotes, os mesmos saíotes apertando as ancas das mulheres, a mesma
 15 aridez asfixiante do deserto, durante o dia, e, à noite, uma doce frescura que retirava peso à vida.

Mas a diferença existe, chama-se falésia de Bandiagara e obriga o Sahara a acabar no nada.

Fugindo da onda islâmica que varreu o Norte de África, no início do segundo milénio, várias tribos animistas recolheram-se à falésia de Bandiagara, acidente de relevo que oferecia uma eficaz proteção aos ataques dos inimigos monoteístas. É provável que seja essa a única origem comum
 20 dos cidadãos Dogon: a fuga de uma religião nova que não queriam abraçar.

- A fuga e o refúgio. A falésia de Bandiagara, com a sua parede para lá de vertical, em anfiteatro invertido, permitiu a edificação de uma teia de cidades-fortaleza que, com alguma eficácia, foi repelindo os ataques das inimigas tribos muçulmanas. Eis um exemplo tocante da tal cumplicidade entre um povo e o território que habita, que eu mencionava no início. O Mali é um país de maioria muçulmana, basta pensar na sua localidade mais emblemática, Timbuctu, e no significado que ela tem para o Islão, tão importante que o seu acesso esteve vedado a homens de outras religiões, ao longo dos séculos. Mas, dentro do Mali, o enclave da falésia de Bandiagara é uma ilha de resistência e pluralidade de credos. Uma fronteira que percorri à boleia, regateada e paga, numa motorizada do primo do amigo do cunhado do dono de uma pensão em Sevaré.
- Hoje, todas estas aldeias incrustadas na parede vertical da falésia, tal como a própria falésia, são Património da Humanidade, na lista da UNESCO. Pergunto-me o que teria acontecido a este legado se os militantes da Al-Qaeda tivessem triunfado na guerra do ano passado, no Mali. Era provável que as aldeias rupestres de Bandiagara fossem deliberadamente destruídas pelos talibans africanos, tal como aconteceu com as estátuas dos budas de Bamian, no Afeganistão.
- Falta apenas referir a razão de um sistema tão complexo e orgânico de defesa: os Dogon eram alvo de ataques por escravagistas muçulmanos, que raptavam e transportavam as suas presas até ao golfo da Guiné, onde mercadores portugueses as compravam e as levavam para o Novo Mundo. Nem sempre a contribuição de Portugal para a lista da UNESCO é evidente ou celebrativa.

Visão, edição online de 23 de abril de 2013
(consultado em dezembro de 2015)

1. O comentário do italiano amigo do sujeito de enunciação

- (A) surge no seguimento do que ambos vivenciaram em Espanha.
- (B) serve de mote para o que vai ser narrado a seguir.
- (C) ilustra as suas raízes latinas.
- (D) denuncia a sua desilusão quando entrou em Portugal.

2. Na viagem que empreendeu a África, o autor do texto

- (A) verificou que não existia qualquer diferença entre o local habitado pelo povo Dogon e o resto do Mali.
- (B) constatou a existência de uma relação intrínseca entre os povos e a geografia.
- (C) ficou impressionado com o centro da religião islâmica no Mali – a falésia de Bandiagara.
- (D) ficou desiludido por ver sempre as mesmas casotas, os mesmos saíotes, a mesma aridez asfixiante do deserto.

3. O povo Dogon

- (A) tem uma origem relativamente recente.
- (B) foi uma das tribos islâmicas que habitou a falésia de Bandiagara.
- (C) é o resultado de várias tribos que resistiram às investidas de outras tribos muçulmanas.
- (D) nunca teve qualquer relação com Portugal.

4. O segmento sublinhado em “Penso sempre no comentário de um amigo italiano” (l. 4), desempenha a função sintática de

- (A) complemento oblíquo.
- (B) complemento direto.
- (C) complemento indireto.
- (D) modificador.

5. No contexto em que surge, o conector “para que” (l. 5) pode ser substituído por
- (A) sempre que.
 - (B) porquê.
 - (C) embora.
 - (D) a fim de que.
6. Na expressão “o enclave da falésia de Bandiagara é uma ilha de resistência e pluralidade de credos.” (ll. 27-38) está presente uma
- (A) metáfora.
 - (B) antítese.
 - (C) sinédoque.
 - (D) aliteração.
7. A oração “onde mercadores portugueses as compravam” (l. 37) classifica-se como
- (A) subordinada substantiva completiva.
 - (B) subordinada substantiva relativa.
 - (C) subordinada adjetiva relativa restritiva.
 - (D) subordinada adjetiva relativa explicativa.
8. Refira duas palavras portuguesas que mantenham o mesmo étimo que o presente em “genes” (l. 11).
9. Identifique o mecanismo de coesão que se verifica entre os termos sublinhados em “as mesmas casotas de barro e barrotes, os mesmos saiotos apertando as ancas das mulheres, a mesma aridez asfixiante do deserto” (ll. 13-15).
10. Classifique a palavra “UNESCO” (l. 31) quanto ao processo de formação.

GRUPO III

Redija um **texto expositivo** sobre Portugal, que pudesse figurar num folheto turístico e onde, para além de dados importantes sobre o país, sejam apresentadas e descritas duas atrações turísticas.

O seu texto (com um mínimo de 130 e um máximo de 170 palavras) deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão e apresentar uma articulação coerente das ideias, bem como correção linguística, sintática e ortográfica.

06. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o excerto de *Viagens na minha terra*. Se necessário, consulte as notas.

- Acabei de ler a carta de Carlos, entreguei-a a Frei Dinis em silêncio. Ele tornou-me: – Leu?
- Li.
- Que mais quer saber? Sinto que lhe posso dizer tudo: não o conheço, mas...
- Mas deve conhecer-me por um homem que se interessa vivamente...
- 5 – Em quê! nas eleições, na agiotagem¹, nos bens nacionais?
- Não senhor. Fui camarada de Carlos, não o vejo há muitos anos e...
- Nem o conhecia se o visse agora: engordou, enriqueceu, e é barão...
- Barão!
- É barão, e vai ser deputado qualquer dia.
- 10 – Que transformação! Como se fez isso, santo Deus! E Joanninha e Georgina?
- Joanninha enlouqueceu e morreu. Georgina é abadessa de um convento em Inglaterra.
- Abadessa?
- Sim. Converteu-se à comunhão católica, era rica, fundou um convento em – shire², e lá está servindo a Deus.
- 15 – E esta pobre senhora, a avó de Joanninha?
- Aí está como a vê, morta de alma para tudo. Não vê, não ouve, não fala, e não conhece ninguém. Joanninha veio morrer aqui nesta fatal casa do vale, eu estava ausente, expirou nos braços dela e de Georgina. Desde esse instante a avó caiu naquele estado. Está morta, e não espero aqui senão a dissolução do corpo para o enterrar, se eu não for primeiro; e Deus queira que não! quem
- 20 há de tomar conta dela, ter caridade com a pobre demente? Mas depois... oh! depois... espero no Senhor que se compadeça enfim de tanto sofrer e me leve para si!
- Mas Carlos?!
- Carlos é barão: não lho disse já?
- Mas por ser barão?...
- 25 – Não sabe o que é ser barão?
- Oh se sei! Tão poucos temos nós?
- Pois barão é o sucedâneo dos...
- Dos frades... Ruim substituição!
- Vi um dos tais papéis liberais em que isso vinha: e é a única coisa que leio dessas há muitos
- 30 anos. Mas fizeram-mo ler.
- E que lhe pareceu?
- Bem escrito e com verdade. Tivemos culpa nós, é certo; mas os liberais não tiveram menos.
- Errámos ambos.
- Errámos e sem remédio. A sociedade já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era: – mas
- 35 muito menos ainda pode ser o que é. O que há de ser, não sei. Deus proverá³.

Dito isto, o frade benzeu-se, pegou no seu breviário⁴ e pôs-se a rezar. A velha dobava sempre, sempre. Eu levantei-me, contemplei-os ambos alguns segundos. Nenhum me deu mais atenção nem pareceu cômico⁵ da minha estada ali.

Sentia-me como na presença da morte e aterrei-me.

⁴⁰ Fiz um esforço sobre mim, fui deliberadamente ao meu cavalo, montei, piquei desesperado de esporas, e não parei senão no Cartaxo.

[...]

Parti para Lisboa cheio de agoiros, de enguiços e de tristes pressentimentos. O vapor vinha quase vazio, mas nem por isso andou mais depressa. Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcámos no Terreiro do Paço.

⁴⁵ Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro.

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra* (cap. XLIX), Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 340-342.

¹ negócio de especulação com fundos ou mercadorias, que pode envolver o empréstimo de dinheiro com juros exagerados ou a cobrança de juros ilegais; ² condado inglês (não identificado); ³ providenciará; ⁴ livro das orações que os clérigos devem ler todos os dias; ⁵ consciente.

1. Explique a importância deste capítulo na estrutura global da obra.
2. Demonstre de que forma a máxima de Rousseau “o homem nasce bom, a sociedade é que o corrompe” se manifesta na personagem Carlos.
3. Explique de que forma se evidencia neste capítulo o sentimento nacional.

B

Leia com atenção o excerto que se segue de *Frei Luís de Sousa*.

CENA XI

O PRIOR DE BENFICA, O ARCEBISPO, MANUEL DE SOUSA, MADALENA, etc. MARIA, que entra precipitadamente pela igreja, em estado de completa alienação; traz umas roupas brancas, desalinhadas e caídas, os cabelos soltos, o rosto macerado, mas inflamado com as rosetas hécticas; os olhos desvairados; para um momento, reconhece os pais, e vai direita a eles. Espanto geral; a cerimónia interrompe-se.

[...]

- ⁵ MARIA (separando-se com eles da outra gente e trazendo-os para a boca da cena) – Esperai: aqui não morre ninguém sem mim. Que quereis fazer? Que cerimónias são estas? Que Deus é esse, que está nesse altar e quer roubar o pai e a mãe a sua filha? (Para os circunstantes) – Vós quem sois, espectros fatais?... Quereis-mos tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pai... Que me importa a mim com o outro? Que morresse ou não, que esteja com os mortos
- ¹⁰ ou com os vivos – que se fique na cova ou que ressuscite agora para me matar?... Mate-me, mate-me, se quer, mas deixe-me este pai, esta mãe, que são meus. Não há mais do que vir ao meio de uma família e dizer: – “Vós não sois marido e mulher... e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao colo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é...” – Mãe, mãe, eu bem o sabia... nunca to disse, mas sabia-o: tinha-mo dito aquele anjo terrível que

15 me aparecia todas as noites para me não deixar dormir... aquele anjo que descia com uma espada de chamas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia neles... que me fazia chorar quando meu pai ia beijar-me no teu colo. – Mãe, mãe, tu não hás de morrer sem mim... Pai, dá cá um pano da tua mortalha... dá cá, eu quero morrer antes que ele venha. (*Encolhendo-se no hábito do pai*). Quero-me escon-

20 der aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua – aqui diante de toda a gente: – “Essa filha é a filha do crime e do pecado!...” – Não sou; dize, meu pai, não sou... dize a essa gente toda, dize que não sou. (*Vai para Madalena*) Pobre mãe! tu não podes... coitada!... não tens ânimo... – Nunca mentiste?... Pois mente agora para salvar a honra da tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pai.

25 *MADALENA* – Misericórdia, meu Deus!

MARIA – Não queres? Tu também não, pai? – Não querem. E eu hei de morrer assim... e ele vem aí...

CENA XII

MARIA, MADALENA, MANUEL; O ROMEIRO E TELMO
que aparecem no fundo da cena, saindo detrás do altar-mor.

30 *ROMEIRO* (para *Telmo*) – Vai, vai; vê se ainda é tempo: salva-os, salva-os, salva-os, que ainda podes... (*Telmo dá alguns passos para diante*).

MARIA (apontando para o *Romeiro*) – É aquela voz, é ele, é ele! Já não é tempo... Minha mãe, meu pai, cobri-me bem estas faces, que morro de vergonha... (*esconde o rosto no seio da mãe*) morro, morro... de vergonha... (*Cai e fica morta no chão. Manuel de Sousa e Madalena prostram-se ao pé do cadáver da filha*).

35

MANUEL (depois de algum espaço, levanta-se de joelhos) – Minha irmã, rezemos por alma... encomendemos a nossa alma a este anjo, que Deus levou para si. – Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulário¹?

PRIOR (indo buscar os escapulários ao altar-mor e tornando) – Meus irmãos, Deus aflige neste mundo àqueles que ama. A coroa de glória não se dá senão no céu.

40

(*Toca o órgão, cai o pano*).

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa* (ato III), Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 147-150.

¹ tira de pano que certos religiosos trazem, pendente do pescoço, por cima da túnica

4. Demonstre de que forma o discurso de Maria ilustra o seu estado de espírito.

5. Explícite de que forma o tema da morte por amor está presente em ambos os textos (A e B).

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o texto que se segue.

Crítica – *Amour* (2012)

Em 2009, Michael Haneke conquistou a prestigiada Palma de Ouro no Festival de Cannes 2009 com o seu brilhante *The white ribbon*, um *thriller* dramático absolutamente fenomenal que nesse ano foi reconhecido por outras entidades como os European Film Awards ou a Hollywood Foreign Press Association (Globos de Ouro), mas também pelas revistas *Cahiers du Cinéma* e *Sight & Sound*,
5 que incluíram esta obra nas suas listas de Melhores Filmes de 2009. Estes prestigiados galardões consagraram um grande filme, mas também um grande realizador com uma ilustre carreira cheia de êxitos como *Funny games* (1997), *Caché* (2005) e *The piano teacher* (2001), todos eles filmes soberbos. A esta poderosa filmografia junta-se agora este magnífico *Amour*, uma calma e emotiva obra dramática que começou por vencer a Palma de Ouro no Festival de 2012, mas que desde então tem
10 vindo a acumular prémios atrás de prémios, que provam, uma vez mais, a inegável qualidade de Michael Haneke, um genial cineasta austríaco, que não sabe fazer maus filmes. A história deste soberbo drama aborda a dinâmica romântica e familiar de Georges e Anne (Jean-Louis Trintignant e Emmanuelle Riva), dois professores de música reformados que estão casados há muitos anos. A sua filha, igualmente música, vive no estrangeiro com a sua família, mas a distância não a im-
15 pede de visitar os seus pais sempre que pode e sempre que o seu excêntrico marido lhe permite. Um dia, Anne é vítima de um acidente vascular cerebral que distorce para sempre a dinâmica e a felicidade deste casal octogenário bastante coeso, que agora terá que recorrer a todo o amor que os une para tentar superar esta crise.

Este belo e fascinante *Amour* é porventura um dos trabalhos mais intimistas e emotivos de
20 Michael Haneke, mas não há dúvidas que é um bom filme e que toca bem no fundo dos nossos corações. O seu título faz referência ao forte sentimento que une os dois intervenientes centrais, um casal de idosos de classe alta que se vê a braços com um enorme desafio à sua estabilidade emocional, mental e romântica. Os dois são dedicados e devotos um ao outro, sendo precisamente por isto que um deles não abdica das promessas que fez ao outro nem da sua presença, mesmo num estado
25 pouco normal que o afeta gravemente quer psicológica quer fisicamente. É esta devoção misturada com um romance eterno e um debilitante estado de necessidade que mexe com as nossas mentes e sentimentos, porque nos faz pensar como seriam as coisas se fossemos nós a estar na situação deste casal. O que faríamos? O que sentiríamos? O intimista Michael Haneke leva-nos numa profunda viagem melodramática pelos meandros da emoção e da morte, sendo esta poderosa jornada pau-
30 tada por uma forte carga romântica que não abusa dos clichés ou da nossa boa vontade, muito pelo contrário, é tão simples e perceptível que por momentos nos esquecemos que *Amour* é um filme do mesmo realizador de obras tão complexas e subjetivas como *Funny games* ou *The white ribbon*. O enredo de *Amour* aborda, no fundo, duas temáticas muito interessantes, uma bastante controversa e outra mais idílica, que se ramificam em subtemas também eles muito interessantes. A temática
35 mais controversa prende-se com a questão da eutanásia/suicídio assistido que, como sabemos, é um tema bastante complexo e muito em voga devido a casos mediáticos como os de Terri Schiavo

ou de Tony Nicklinson. O filme aborda timidamente esta questão ao longo do desenvolvimento, sendo só na sua parte final que este tema ganha relevância de uma forma dramática e emotiva que nos faz sentir alguma compreensão ou incompreensão, dependendo da opinião pessoal de cada um, pela atitude final de um dos protagonistas. [...]

É caso para dizer que *Amour* é todo ele emocional e intelectualmente cativante, mas convém salientar que não é um filme fácil e muito menos comercial, até porque obedece a um estilo muito estático e concentrado que não agradará aos mais impacientes. *Amour* é, portanto, uma soberba produção com certificado de qualidade que se destaca por tudo e mais alguma coisa, nomeadamente pelo brilhante trabalho do seu realizador e do seu elenco, onde Jean-Louis Trintignant e Emmanuelle Riva dão nas vistas devido à sua forte devoção laboral e artística aos seus respetivos papéis.

João Pinto in <http://www.portal-cinema.com/> (consultado em dezembro de 2015).

1. Enquanto realizador, Michael Haneke

- (A) conquistou um grande sucesso com o filme *The white ribbon*, apesar das críticas da imprensa.
- (B) fez já várias produções, mas a maior parte delas não foram reconhecidas.
- (C) foi galardoado por duas vezes com a Palma de Ouro do Festival de Cannes.
- (D) realizou apenas dois filmes que foram considerados soberbos.

2. A sua mais recente produção versa sobre um casal

- (A) de idosos e o seu relacionamento com a filha.
- (B) que se ama, mas cujo relacionamento é condicionado pela filha.
- (C) que se ama e cujo amor está sujeito a uma provação.
- (D) cujo amor não resiste a um problema de saúde.

3. O filme *Amour*

- (A) reveste-se de uma enorme complexidade.
- (B) acaba por ser um melodrama comercial.
- (C) destaca-se sobretudo pelo desempenho dos atores que deram vida ao casal.
- (D) tem um carácter intimista e leva o espetador a pensar.

4. No segmento “um *thriller* dramático absolutamente fenomenal que nesse ano foi reconhecido por outras entidades” (ll. 2-3), a expressão sublinhada desempenha a função sintática de

- (A) complemento oblíquo.
- (B) complemento agente da passiva.
- (C) predicativo do complemento direto.
- (D) predicativo do sujeito.

5. Os processos fonológicos ocorridos na evolução de OPERA- para “obra” (l. 5) são a

- (A) síncope e sonorização.
- (B) síncope e metátese.
- (C) prótese e palatalização.
- (D) prótese e assimilação.

6. No segmento “é tão simples e perceptível que por momentos nos esquecemos que *Amour* é um filme do mesmo realizador de obras tão complexas e subjetivas como *Funny games* ou *The white ribbon*” (ll. 31-32), estão presentes
- (A) uma oração subordinada adverbial consecutiva, uma substantiva completiva e uma adverbial comparativa.
- (B) uma oração subordinada substantiva, uma adjetiva relativa restritiva e uma adverbial comparativa.
- (C) uma oração subordinada adjetiva relativa restritiva, uma substantiva completiva e uma adverbial causal.
- (D) uma oração subordinada adverbial causal, uma adjetiva relativa restritiva e uma adverbial concessiva.
7. Em “*Amour* é, portanto, uma soberba produção com certificado de qualidade que se destaca por tudo e mais alguma coisa” (ll. 43-44), o antecedente retomado pelo pronome relativo sublinhado é
- (A) “*Amour*”.
- (B) “uma soberba produção com certificado de qualidade”.
- (C) “com certificado de qualidade”.
- (D) “tudo e mais alguma coisa”.
8. Retire, do primeiro parágrafo, duas expressões que retomam, por um processo de substituição lexical, o título do filme *The white ribbon*.
9. Identifique a função sintática do constituinte “deste soberbo drama” (ll. 11-12).
10. Classifique a oração “que une os dois intervenientes centrais” (l. 21).

GRUPO III

No filme *Amour*, face à doença que vitima Anne, coloca-se a questão do recurso à eutanásia, prática proibida em Portugal e que tem gerado, ao longo dos anos, bastante controvérsia, sobretudo em termos éticos.

Redija um **texto de opinião** sobre este assunto, entre 150 e 200 palavras.

Deve começar por planificar o seu texto, tendo em conta as seguintes orientações:

- explicitação de um ponto de vista (e discurso valorativo);
- inclusão de argumentos e respetivos exemplos;
- estrutura tripartida (introdução, desenvolvimento e conclusão);
- seleção vocabular criteriosa, articulação coerente, correção linguística, sintática e ortográfica.

07. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o excerto que se segue de *Amor de perdição*. Se necessário, consulte as notas.

Ao romper da alva dum domingo de junho de 1803, foi Teresa chamada para ir com seu pai à primeira missa da igreja paroquial. Vestiu-se a menina assustada, e encontrou o velho na antecâmara a recebê-la com muito agrado, perguntando-lhe se ela se erguia de bons humores para dar ao autor de seus dias um resto de velhice feliz. O silêncio de Teresa era interrogador.

5 – Vais hoje dar a mão de esposa a teu primo Baltasar, minha filha. É preciso que te deixes cegamente levar pela mão de teu pai. Logo que deres este passo difícil, conhecerás que a tua felicidade é daquelas que precisam de ser impostas pela violência. Mas repara, minha querida filha, que a violência de um pai é sempre amor. Amor tem sido a minha condescendência e brandura para contigo. Outro teria subjugado a tua desobediência com maus tratos, com os rigores do convento, e talvez com o desfalque do teu grande património. Eu, não. Esperei que o tempo te aclarasse o juízo, e felicito-me de te julgar desassombrada do diabólico prestígio do maldito que acordou o teu inocente coração. Não te consultei outra vez sobre este casamento, por temer que a reflexão fizesse mal ao zelo¹ de boa filha com que tu vais abraçar teu pai, e agradecer-lhe a prudência com que ele respeitou o teu génio, velando sempre a hora de te encontrar digna do seu amor.

15 Teresa não desfitou os olhos do pai; mas tão abstraída estava, que escassamente lhe ouviu as primeiras palavras, e nada das últimas.

– Não me respondes, Teresa?! – tornou Tadeu, tomando-lhe cariciosamente as mãos.

– Que hei de eu responder-lhe, meu pai? – balbuciou² ela.

– Dás-me o que te peço? Enches de contentamento os poucos dias que me restam?

20 – E será o pai feliz com o meu sacrifício?

– Não digas sacrifício, Teresa... Amanhã a estas horas verás que transfiguração se fez na tua alma. Teu primo é um composto de todas as virtudes; nem a qualidade de ser um gentil moço lhe falta, como se a riqueza, a ciência e as virtudes não bastassem a formar um marido excelente.

– E ele quer-me, depois de eu me ter negado? – disse ela com amargura irónica.

25 – Se ele está apaixonado, filha!... e tem bastante confiança em si para crer que hás de amá-lo muito!...

– E não será mais certo odiá-lo eu sempre!? Eu agora mesmo o abomino como nunca pensei que se pudesse abominar! Meu pai... – continuou ela, chorando, com as mãos erguidas – mate-me; mas não me force a casar com meu primo! É escusada a violência, porque eu não caso!...

30 Tadeu mudou de aspeto, e disse irado:

– Hás de casar! Quero que cases! Quero!... Quando não, amaldiçoada serás para sempre, Teresa! Morrerás num convento! Esta casa irá para teu primo! Nenhum infame³ há de aqui pôr um pé nas alcatifas de meus avós. Se és uma alma vil, não me pertences, não és minha filha, não podes herdar apelidos honrosos, que foram pela primeira vez insultados pelo pai desse miserável que tu amas!

35 Maldita sejas! Entra nesse quarto, e espera que daí te arranquem para outro, onde não verás um raio de sol.

Teresa ergueu-se sem lágrimas, e entrou serenamente no seu quarto. Tadeu de Albuquerque foi encontrar seu sobrinho, e disse-lhe:

– Não te posso dar minha filha, porque já não tenho filha. A miserável, a quem eu dei este nome,
40 perdeu-se para nós e para ela.

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição* (cap. IV),
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2006, pp. 56-58.

¹ cuidado, interesse; ² dizer de forma hesitante, sem convicção, gaguejar; ³ que não tem boa fama, vil.

1. Demonstre de que forma é visível neste excerto o tema do amor-paixão.
2. Apresente a conceção que Tadeu de Albuquerque tem sobre o casamento, relacionando-a com a época em análise.
3. Avalie a importância do diálogo neste excerto.

B

Leia a cantiga de amigo que se segue.

Ora vam a Sam Servando donas fazer romaria

Ora vam a Sam Servando¹ donas fazer romaria
e nom me leixam com elas ir, ca² log'alá³ iria,
porque vem i meu amigo.

Se eu foss'em tal companha⁴ de donas, fora guarida⁵,
5 mais nom quis hoje mia madre que fezess'end'eu a ida,
porque vem i meu amigo.

Tal romaria de donas vai ala, que nom há par⁶,
e fora hoj'eu com elas, mais nom me querem leixar,
porque vem i meu amigo.

10 Nunca me mia madre veja, se dela nom for vingada,
porque hoj'a Sam Servando nom vou, e me tem guardada,
porque vem i meu amigo.

João Servando
B1146/V738

Disponível em <http://cantigas.fcsh.unl.pt>
(consultado em dezembro de 2015).

4. Explique a importância do espaço mencionado nesta cantiga, tendo em conta o contexto medieval em que decorre a produção destas composições.
5. Estabeleça uma comparação entre os textos A e B, no que diz respeito à forma como o sentimento amoroso das mulheres é experienciado e entendido.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia atentamente o texto.

A evolução contemporânea da família: estruturas, funções, necessidades

A conceção estática da família, considerada como um refúgio, uma garantia de estabilidade ou de ordem social, está hoje ultrapassada. Num mundo em rápida transformação, a família nada perdeu da sua importância, do seu vigor, da sua vitalidade, mas atravessa uma fase de completa transformação. [...]

5 Um grande número dos males da vida social dos quais nos lamentamos atualmente, tais como a desorientação juvenil, a inadaptação das crianças, o desequilíbrio de numerosas mulheres, a inquietação de homens de todas as condições e o seu isolamento na multidão, encontram-se ligados a esta ausência de uma conceção dinâmica da família, adaptada à nossa sociedade.

Mas o que é a família? Tomaremos aqui a palavra no sentido restrito de grupo conjugal compreendendo, na civilização ocidental, o homem, a mulher e os filhos, mais ou menos ligados ao conjunto de pessoas que vivem num mesmo alojamento [...]. Na vida rural, e sobretudo noutras civilizações, este grupo conjugal é menos fácil de distinguir da “comunidade familiar” ou grupo extenso de parentesco, que desempenha aí um papel mais importante. Na vida urbana e na civilização industrial, o grupo conjugal diferencia-se, porém, cada vez mais nitidamente. Parece desenhar-se 15 uma evolução geral nesse sentido, mesmo, até certo ponto, em países onde vigorava a poligamia.

Este grupo conjugal, ligado ou não a uma “comunidade familiar” ou a uma “comunidade local”, tem funções e uma estrutura que interessa definir para o conhecimento das suas necessidades. Essas funções e estruturas variam conforme as culturas, as civilizações e os meios sociais. [...]

A família conjugal foi considerada [...] muitas vezes como uma peça-chave da estrutura global da sociedade, e durante muito tempo, nas culturas ocidentais e mesmo noutras, como uma garantia da ordem e da autoridade. Vários autores salientaram a utilização da família para fins políticos no decorrer da história [...]: o Estado rege a família, a família rege os indivíduos. Esta “ordem” social correspondia a uma determinada forma de existência, predominantemente rural, e a uma determinada conceção da vida política. Atualmente, sob a influência conjugada das transformações 25 económicas e das correntes do pensamento, a família mudou muito de aspeto.

A família conjugal [...], tal como existiu durante muito tempo na Europa, correspondia: no espaço, a uma unidade de habitação; do ponto de vista económico, a uma unidade de produção e de consumo; do ponto de vista social, a uma unidade de autoridade, a do “senhor da casa” ou chefe de família; e encontrava-se duplamente inserta num “sistema de parentesco” e num grupo local mais 30 vasto: lugar, aldeia ou bairro.

A industrialização e o desenvolvimento da vida urbana, nos séculos XIX e XX, modificaram ao mesmo tempo a economia, os grupos locais e os sistemas de parentesco. Em consequência, a família conjugal mudou simultaneamente de posição na sociedade e de estrutura interna. Ao mesmo tempo, novas ideologias modificaram os modelos antigos, aos quais se reportam os membros da 35 família. [...] Alteraram-se os sistemas de valores. Até as palavras “pai” e “filho” deixaram de ter o mesmo significado, e a linguística revela as suas profundas modificações.

Paul-Henri Chombart de Lauwe, Maria José Chombart de Lauwe,
in *Análise social – Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, vol. III, 1965 (n.º 12), pp. 475-500.

1. A concepção de família

- (A) está hoje ultrapassada, uma vez que a mesma perdeu alguma da sua importância.
- (B) não pode ser entendida hoje como era no passado.
- (C) tem-se mantido inalterável, apesar de vivermos num mundo em rápida transformação.
- (D) continua a estar ligada a valores como a estabilidade ou a ordem social.

2. A família conjugal

- (A) apresenta as mesmas características, quer na vida rural quer na urbana.
- (B) assume um papel mais importante na vida rural.
- (C) é constituída pelo homem e a mulher que vivem num mesmo alojamento.
- (D) desempenhou, ao longo do tempo, um papel extremamente importante em termos de estruturação da sociedade.

3. Os processos fonológicos ocorridos na evolução de STABILITATE- para “estabilidade” (l. 1) foram a

- (A) apócope e palatalização.
- (B) aférese e metátese.
- (C) paragoge e assimilação.
- (D) prótese e sonorização.

4. Na frase “Mas o que é a família? Tomaremos aqui a palavra no sentido restrito de grupo conjugal compreendendo, na civilização ocidental, o homem, a mulher e os filhos” (ll. 9-10), o mecanismo de coesão observável entre as palavras sublinhadas é

- (A) gramatical (referencial).
- (B) gramatical (frásica).
- (C) lexical (por substituição – hiperónimo/hipónimo).
- (D) lexical (por substituição – holónimo/merónimo).

5. A forma verbal “foi considerada” (l. 19)

- (A) encontra-se no presente do indicativo da forma passiva.
- (B) está no pretérito perfeito do indicativo da forma passiva.
- (C) corresponde ao pretérito perfeito do indicativo
- (D) encontra-se no pretérito perfeito composto do conjuntivo.

6. Em “Vários autores salientaram a utilização da família para fins políticos no decorrer da história” (ll. 21-22), a expressão sublinhada desempenha a função sintática de

- (A) complemento do nome.
- (B) complemento do adjetivo.
- (C) predicativo do complemento direto.
- (D) predicativo do sujeito.

7. No segmento “Ao mesmo tempo, novas ideologias modificaram os modelos antigos, aos quais se reportam os membros da família” (ll. 33-35), a oração subordinada classifica-se como

- (A) substantiva completiva.
- (B) adverbial consecutiva.
- (C) adjetiva relativa restritiva.
- (D) adjetiva relativa explicativa.

8. Retire do terceiro parágrafo do texto um deíctico espacial.
9. Identifique o antecedente retomado pelo pronome relativo em “que desempenha aí um papel mais importante” (l. 13).
10. Sabendo que a palavra “poligamia” (l. 15) é formada pelo prefixo grego POLI que significa “muito”, indique duas outras palavras portuguesas que contenham este prefixo.

GRUPO III

Redija a **síntese** (entre 120 a 130 palavras) do texto apresentado no grupo **II**.



08. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o seguinte excerto de *Amor de perdição*. Se necessário, consulte as notas.

De manhã, veio a bordo um facultativo¹, por convite do capitão. Examinando o condenado, disse que era febre maligna a doença, e bem podia ser que ele achasse a sepultura no caminho da Índia.

Mariana ouviu o prognóstico, e não chorou.

Às onze horas saiu barra fora a nau. Às ânsias da doença acresceram as do enjoo. [...]

5 Ao segundo dia de viagem, Mariana disse a Simão:

– Se o meu irmão morrer, que hei de eu fazer àquelas cartas que vão na caixa?

Pasmosa serenidade a desta pergunta!

– Se eu morrer no mar – disse ele –, Mariana, atire ao mar todos os meus papéis, todos; e estas cartas que estão debaixo do meu travesseiro também.

10 Passada uma ânsia, que lhe embargava a voz, Simão continuou:

– Se eu morrer, que tenciona fazer, Mariana?

– Morrerei, senhor Simão.

– Morrerá?!... Tanta gente desgraçada que eu fiz...

A febre aumentava. [...]

15 Era o dia 27 de março, o nono de enfermidade de Simão Botelho. [...]

Ao romper da manhã apagara-se a lâmpada. Mariana saíra a pedir luz, e ouvira um gemido estertoroso². Voltando às escuras, com os braços estendidos para tatear a face do agonizante, encontrou a mão convulsa, que lhe apertou uma das suas, e relaxou de súbito a pressão dos dedos.

Entrou o comandante com uma lâmpada, e aproximou-lha da respiração, que não embaciou
20 levemente o vidro.

– Está morto! – disse ele.

Mariana curvou-se sobre o cadáver, e beijou-lhe a face. Era o primeiro beijo. Ajoelhou depois ao pé do beliche com as mãos erguidas, e não orava nem chorava.

Algumas horas volvidas, o comandante disse a Mariana:

25 – Agora é tempo de dar sepultura ao nosso venturoso amigo... [...]

Do porão da nau foi trazida uma pedra, que um marujo lhe atou às pernas com um pedaço de cabo. [...]

Mariana estava, no entanto, encostada ao flanco da nau, e parecia estupidamente encarar aqueles empuxões que o marujo dava ao cadáver, para segurar a pedra na cintura.

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremes-
30 sarem longe. E, antes que o baque do cadáver se fizesse ouvir na água, todos viram, e ninguém já pôde segurar Mariana, que se atirara ao mar.

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2006, pp. 220-223.

¹ médico; ² som da respiração que imita o ruído da água que ferve; ³ trémula, agitada.

1. Faça o levantamento das expressões indicativas da passagem do tempo, explicando a sua funcionalidade.
2. Identifique no texto os comportamentos da personagem Mariana que indiciam o seu destino trágico.
3. Demonstre como o diálogo estabelecido entre Mariana e Simão reflete a relação existente entre os dois.

B

Leia com atenção o excerto que se segue de *Frei Luís de Sousa*.

CENA XI

O PRIOR DE BENFICA, O ARCEBISPO, MANUEL DE SOUSA, MADALENA, etc. MARIA, que entra precipitadamente pela igreja, em estado de completa alienação; traz umas roupas brancas, desalinhadas e caídas, os cabelos soltos, o rosto macerado, mas inflamado com as rosetas hécticas; os olhos desvairados; para um momento, reconhece os pais, e vai direita a eles. Espanto geral; a cerimónia interrompe-se.

[...]

5 *MARIA* (separando-se com eles da outra gente e trazendo-os para a boca da cena) – Esperai: aqui não morre ninguém sem mim. Que quereis fazer? Que cerimónias são estas? Que Deus é esse, que está nesse altar e quer roubar o pai e a mãe a sua filha? (*Para os circunstantes*) – Vós quem sois, espectros fatais?... Quereis-mos tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pai... Que me importa a mim com o outro? Que morresse ou não, que esteja com os mortos

10 ou com os vivos – que se fique na cova ou que ressuscite agora para me matar?... Mate-me, mate-me, se quer, mas deixe-me este pai, esta mãe, que são meus. Não há mais do que vir ao meio de uma família e dizer: – “Vós não sois marido e mulher... e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao colo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é...” – Mãe, mãe, eu bem o sabia... nunca to disse, mas sabia-o: tinha-mo dito aquele anjo terrível que

15 me aparecia todas as noites para me não deixar dormir... aquele anjo que descia com uma espada de chamas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia neles... que me fazia chorar quando meu pai ia beijar-me no teu colo. – Mãe, mãe, tu não hás de morrer sem mim... Pai, dá cá um pano da tua mortalha... dá cá, eu quero morrer antes que ele venha. (*Encolhendo-se no hábito do pai*). Quero-me escon-

20 der aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua – aqui diante de toda a gente: – “Essa filha é a filha do crime e do pecado!...” – Não sou; dize, meu pai, não sou... dize a essa gente toda, dize que não sou. (*Vai para Madalena*) Pobre mãe! tu não podes... coitada!... não tens ânimo... – Nunca mentiste?... Pois mente agora para salvar a honra da tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pai.

25 *MADALENA* – Misericórdia, meu Deus!

MARIA – Não queres? Tu também não, pai? – Não querem. E eu hei de morrer assim... e ele vem aí...

CENA XII

*MARIA, MADALENA, MANUEL; O ROMEIRO E TELMO
que aparecem no fundo da cena, saindo detrás do altar-mor.*

ROMEIRO (para *Telmo*) – Vai, vai; vê se ainda é tempo: salva-os, salva-os, salva-os, que ainda podes...

30 (*Telmo dá alguns passos para diante*).

MARIA (apontando para o Romeiro) – É aquela voz, é ele, é ele! Já não é tempo... Minha mãe, meu pai, cobri-me bem estas faces, que morro de vergonha... (esconde o rosto no seio da mãe) morro, morro... de vergonha... (Cai e fica morta no chão. Manuel de Sousa e Madalena prostram-se ao pé do cadáver da filha).

- 35 MANUEL (depois de algum espaço, levanta-se de joelhos) – Minha irmã, rezemos por alma... encomendemos a nossa alma a este anjo, que Deus levou para si. – Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulário?

PRIOR (indo buscar os escapulários ao altar-mor e tornando) – Meus irmãos, Deus aflige neste mundo àqueles que ama. A coroa de glória não se dá senão no céu.

- 40 (Toca o órgão, cai o pano).

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa* (ato III), Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 147-150.

4. Explique por que razão nestas duas últimas cenas de *Frei Luís de Sousa* se assiste à catástrofe.
5. Explícite de que forma o tema da morte por amor está presente em ambos os textos (A e B).

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o texto que se segue.

A morte: o último tabu

Sobre os dias 1 e 2 de novembro, dias dos mortos e da pergunta essencial.

- É bem possível que, para se perceber uma sociedade, mais importante do que saber como é que nela se vive é saber como é que nela se morre e se trata a morte. Facto é que as nossas sociedades desenvolvidas, tecnocientíficas, do primado do ter sobre o ser, da eficácia, da vertigem do poder, do tempo digital e da aceleração, são as primeiras na história a fazer da morte tabu. Mais: assentam a sua realidade no tabu; para serem o que são, têm de fazer da morte tabu.

- O que se passou? Nos princípios do século XX, o filósofo Max Scheler, refletindo sobre o recalamento da morte na sociedade europeia, foi encontrá-lo na modernidade, quando se deu uma estrutura diferente de experiência, centrada nos impulsos do trabalho, do domínio e do lucro. O homem moderno já não frui de Deus e a própria natureza já não é a terra natal acolhedora, que provoca admiração e espanto, mas tão-só o espaço da possibilidade de manifestação da subjetividade dominadora, como diz o soberano “penso, logo existo” de Descartes. Desde então, tudo fica sujeito ao cálculo, ao útil, ao funcional. Ora, se tudo é submetido ao útil e mecânico, orientado para o poder e ter sempre mais, já não há lugar para os outros valores. Num mundo matematizado e calculável, em que “é real o que é calculável”, o homem moderno, centrado no ativismo, pretendeu superar a angústia da morte através do domínio sem limites, de tal modo que o que fica é o progresso ilimitado, sem finalidade nem sentido humanos. O progresso, em que o progredir pelo progredir é o seu próprio sentido, transformou-se no substituto da vida eterna. Este homem, mediante os impulsos do trabalho, do lucro e do prazer sem limites, fica narcotizado quanto ao pensamento da morte. Na agitação constante [...] o homem moderno europeu julgou encontrar o remédio para

a ideia da morte. Mas esse remédio é ilusório, pois, agora, a morte, em vez de aparecer como “o preenchimento necessário de um sentido vital”, é poder e brutalidade sem sentido. O homem tradicional vivia face à morte com certa naturalidade e até familiaridade. O homem moderno, ao contrário, como vive como se não tivesse de morrer, como já não sabe “que tem de morrer a sua própria morte”, quando esta aparece, só lhe pode aparecer como uma catástrofe. Vive no dia a dia, até que, subitamente, já não há mais um novo dia. [...]

A morte é impensável em si mesma. Quando pensamos nela, é sempre no abismo do impen-sável que mergulhamos. Só por ilusão de linguagem é que dizemos, diante do cadáver do pai, da mãe, da mulher, do amigo: ele (ela) está aqui morto (morta). Na realidade, ele ou ela não está ali: o que falta é precisamente ele ou ela. E ninguém leva o pai ou a mãe, o filho, o amigo, à “última morada”, para enterrá-los ou cremá-los. Como não tem sentido dizer que eles estão no cemitério e que vamos lá visitá-los. Nos cemitérios, com exceção dos vivos que lá vão, não há ninguém. Então, por que é que a sua violação é uma profanação execranda? O que há verdadeiramente nos cemitérios? Naquele espaço sagrado, do silêncio recolhido, está, paradoxalmente, a fonte da lin-guagem enquanto espaço da abertura e da pergunta. O que há nos cemitérios é um infinito ponto de interrogação: “O que é o homem?” A morte e o seu pensamento abrem a condição humana ao desconhecido, à Transcendência inominável, que apela e que invocamos.

Com o tabu da morte apagaram-se as perguntas últimas e primeiras, metafísicas, e também a ética e a moral. Porque é a consciência do limite na morte que derruba as vaidades, que obriga a perguntar ilimitadamente e nos dá a distinção do justo e do injusto, do que verdadeiramente vale e do que não vale, da “existência autêntica” e da “existência inautêntica”. Percebe-se então que as nossas sociedades, da banalidade rasante, niilistas, tenham feito da morte tabu, o último tabu. Agora, vale tudo, porque nada vale. E é o espetáculo que se sabe e se vê!

Anselmo Borges, in *DN*, edição online de 31 de outubro de 2015 (consultado em dezembro de 2015).

1. As sociedades modernas e desenvolvidas

- (A) encaram a morte da mesma forma que a vida.
- (B) mostram-se renitentes em aceitar a morte.
- (C) encaram a morte como um ritual de passagem.
- (D) reconhecem que a morte impulsiona o desenvolvimento.

2. Esta conceção da morte resulta do facto de vivermos num mundo

- (A) em que se valoriza a espiritualidade.
- (B) centrado na essência humana.
- (C) que rejeita a importância da vida.
- (D) fundamentalmente pragmático e materialista.

3. A expressão “primado do ter sobre o ser” (l. 4) significa que as pessoas

- (A) dão mais valor aos bens materiais do que à essência do indivíduo.
- (B) valorizam o ser em detrimento do ter.
- (C) pretendem alcançar um equilíbrio entre o ser e o ter.
- (D) rejeitam os bens materiais e valorizam o ser humano.

4. O termo que pertence ao campo lexical de “morte” (l. 3) é

- (A) imortalidade.
- (B) vida.
- (C) nascimento.
- (D) funeral.

5. Na frase “O homem moderno já não frui de Deus” (ll. 9-10), o segmento sublinhado desempenha a função sintática de
- (A) complemento oblíquo. (C) complemento indireto
(B) complemento direto. (D) modificador
6. O referente do advérbio “lá” em “com exceção dos vivos que lá vão” (l. 32) é
- (A) “última morada”.
(B) “cemitérios”.
(C) “ilusão de linguagem”.
(D) “realidade”.
7. No contexto em que surge, “execranda” (l. 33) significa
- (A) exagerada.
(B) dissimulada.
(C) detestável.
(D) irrepreensível.
8. Identifique o mecanismo de coesão observado entre as palavras sublinhadas em “Nos princípios do século XX, o filósofo Max Scheler, refletindo sobre o recalcamento da morte na sociedade europeia, foi encontrá-lo na modernidade” (ll. 7-8).
9. Classifique a oração “como já não sabe” (l. 24).
10. Indique o(s) processo(s) fonológico(s) ocorrido(s) na evolução de VANITATE- para “vaidade”.

GRUPO III



O dia da morte, c. 1859, William-Adolphe Bouguereau, Museu de Belas Artes, Bordéus.

Observe o quadro e faça uma **apreciação crítica** do mesmo, de 130 a 170 palavras, atendendo aos seguintes aspetos:

- postura dos elementos humanos;
- expressões;
- sentimentos despertados;
- símbolos da morte;
- possível relação com as obras *Amor de perdição* e *Frei Luís de Sousa*;
- opinião crítica sobre o objeto e sua justificação.

Estruture o seu texto em três partes, considerando:

- descrição sucinta do objeto em análise (introdução);
- inclusão dos tópicos acima elencados (desenvolvimentos);
- síntese da apreciação efetuada (conclusão).

09. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o excerto de “A abóbada”. Se necessário, consulte as notas.

Neste momento entrava o velho arquiteto [...].

– Dom donzel, onde é que está el-rei? – dizia Afonso Domingues ao pajem [...].

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pajem:

– Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre de Avis, o vosso antigo capitão, nobre cavaleiro
5 de Aljubarrota.

– Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje. Vede o que de mim mandais; porque, de vossa ordem, aqui me trouxe este donzel.

– Queria ver-vos e falar-vos; que de coração vos estimo, honrado e sabedor arquiteto do Mos-
10 teiro de Santa Maria.

– Arquiteto do Mosteiro de Santa Maria, já o não sou: vossa mercê me tirou esse encargo; sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem. Dos títulos que me dais só me cabe hoje o de honrado; que esse, mercê de Deus, é meu, e fora infâmia roubá-lo a quem já não pode pegar em um montante para defendê-lo.

15 – Sei, meu bom cavaleiro, que estais mui torvado comigo por dar a outrém o cargo de mestre das obras do mosteiro: nisso cria eu fazer-vos assinalada mercê. Mas, venhamos ao ponto: sabeis que a abóbada do Capítulo desabou ontem à noite?

– Sabia-o, senhor, [...] muito fez já o meu sucessor em por tal arte lhe pôr o remate que não desabasse antes das vinte e quatro horas.

20 – E tínheis vós por certo que, se vossa traça se houvera seguido, essa desmesurada abóbada não viria a terra?

– Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inútil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abóbada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ela pesarem muitos séculos; mas os de
25 vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar.

– Pois, se ousais levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá.

– Senhor rei – disse o cego, erguendo a fronte, que até ali tivera curvada –: vós tendes um cetro e uma espada; tendes cavaleiros e besteiros; tendes ouro e poder: Portugal é vosso, e tudo quanto
30 ele contém, salvo a liberdade de vossos vassalos: nesta nada mandais. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abóbada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disso: agora eles que a alevantem.

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

– Lembrai-vos, cavaleiro – disse-lhe – de que falais com D. João I.

³⁵ – Cujas coroa – acudiu o cego – lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quais reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escrito: – *os vassallos portugueses são livres*.

– Mas – tornou el-rei – os vassallos que desobedecem aos mandados daquele em cuja casa têm acostamento¹, podem ser privados de sua moradia...

⁴⁰ – Se dizeis isso pela que me destes, tirai-ma; que não vo-la pedi eu. Não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha²; e quando haja de morrer à míngua de todo humano socorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquilo por que trabalhou toda a vida – um nome honrado e glorioso.

Dizendo isto, o homem levou a manga do gibão aos olhos baços e embebeu nela uma lágrima ⁴⁵ mal sustida. El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito e dilatar-lho suavemente. Uma das dores de alma que, em vez de a lacerar, a consolam, é sem dúvida a compaixão.

– Vamos, bom cavaleiro, – disse el-rei pondo-se em pé –, não haja entre nós doestos³. O arquiteto do Mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei célebre o meu nome, a consciência mo diz, entre os príncipes do ⁵⁰ mundo, porque seguí avante por campos de batalha; ela vos dirá, também, que a vossa fama será perpétua, havendo trocado a espada pela pena com que traçastes o desenho do grande monumento da independência e da glória desta terra. [...]

– Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abóbada da casa capitular não ficará por terra.

Alexandre Herculano, “A abóbada” (cap. IV), in *Lendas e narrativas de Alexandre Herculano*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987, pp. 96-99.

¹ acostamento é o mesmo que moradia (N. do A.); ² o mesmo que “migalha”; ³ injúria.

1. Identifique, justificando com exemplos textuais, as características do herói romântico.
2. Explique de que forma é visível o sentimento nacional neste excerto.
3. Identifique, comentando a sua expressividade, o recurso expressivo presente em “– Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inútil, para o fundo de uma arca” (ll. 22-23).

B

Leia um excerto do capítulo 115 da *Crónica de D. João I*. Se necessário, consulte as notas.

Nem uñ falamento¹ deve mais vizinho seer deste capitulo que havees ouvido², que poermos logo aqui brevemente de que guisa estava a cidade, jazendo el-Rei de Castela sobr' ela; e per que modo poinha em si guarda o Meestre, e as gentes que dentro eram, por nom receber dano de seus ãmigos³; e o esforço e fouteza⁴ que contra eles mostravom, em quanto assi esteve cercada.

5 Onde sabee que como⁵ o Meestre e os da cidade souberom a viinda del-Rei de Castela, e esperarom seu grande e poderoso cerco, logo foi ordenado de recolherem pera a cidade os mais mantii-mentos que haver podessem, assi de pam e carnes, come quaes quer outras cousas. [...]

E ordenou o Meestre com as gentes da cidade que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos e cidadãos honrados⁶; aos quaes derom certas quadrilhas⁷ e beesteiros e homees d' armas
10 pera ajuda de cada uñ guardar bem a sua. Em cada quadrilha havia uñ sino pera repicar quando tal cousa vissem, e como⁸ cada uñ ouvia o sino da sua quadrilha, logo todos rijamente⁹ corriam pera ela. [...]

E nom soamente os que eram assiinados¹⁰ em cada logar pera defensom, mas ainda as outras gentes da cidade, ouvindo repicar na See, e nas outras torres, avivavom-se os corações deles¹¹; e
15 os mesteiraes¹² dando folgança¹³ a seus officios, logo todos com armas corriam rijamente pera u¹⁴ diziam que os Castelãos mostravom de viinr. Ali viriees os muros cheos de gentes, com muitas trombetas e braados e apupos esgremindo espadas e lanças e semelhantes armas, mostrando fou-teza contra seus emigos. [...]

E nom embargando¹⁵ todo isto, o Meestre que sobre todos tiinha especial cuidado da guarda
20 e governança da cidade, dando seu corpo a mui breve sono, requeria¹⁶ per muitas vezes de noite os muros e torres com tochas acesas ante si, bem acompanhado de muitos que sempre consigo levava. Nom havia i neuñs revees¹⁷ dos que haviam de velar, nem tal a que esquecesse cousa do que lhe fosse encomendado; mas todos muito prestes a fazer o que lhe mandavom, de guisa que, a todo boom regimento que o Meestre ordenava, nom mingrava avondança de trigosos¹⁸ executores.

Fernão Lopes, in Teresa Amado (apresentação crítica), *Crónica de D. João I de Fernão Lopes* (textos escolhidos), ed. revista, Lisboa, Editorial Comunicação, 1992, pp. 171-176.

¹ palavras, ditos; ² alusão ao capítulo anterior, onde se descreve o soberbo acampamento do rei de Castela, que se estendia de Santos até Campolide e outros lugares em volta; ³ inimigos; ⁴ coragem; ⁵ logo que; ⁶ de boa categoria social, burgueses; ⁷ quadrelas, lanços de muralha onde se colocavam os vigias; ⁸ quando; ⁹ apressadamente; ¹⁰ designados; ¹¹ "avivavam-se os corações deles": sentiam-se mais corajosos; ¹² operários; ¹³ folga; ¹⁴ onde; ¹⁵ não obstante; ¹⁶ visitava; ¹⁷ soldados que faltavam à chamada, rebeldes; ¹⁸ diligentes, rápidos.

4. Demonstre como é visível, neste excerto, a afirmação da consciência coletiva.

5. Apresente as semelhanças e diferenças existentes entre os dois textos (A e B), no que diz respeito à figura de D. João I.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia atentamente o texto.

D. João I (1357-1433)

Décimo Rei de Portugal, e o primeiro da Dinastia de Avis, cognominado *O de Boa Memória*, nasceu em Lisboa a 11 de abril de 1357. Era filho natural do rei D. Pedro I e de Teresa Lourenço, jovem filha do mercador lisboeta Lourenço Martins. O mestrado da Ordem de Avis foi-lhe destinado por seu pai, desde a infância, e a sua educação decorreu a cargo do comendador-mor da Ordem.

- 5 Em 1383, aquando do matrimónio da infanta D. Beatriz com D. João I de Castela, o Mestre de Avis é já um dos mais ricos senhores de Portugal. Após a morte do rei D. Fernando, inicia-se um conturbado período de guerra com Castela, por motivos de sucessão dinástica, que se reflete na instabilidade social e política de que Portugal então padecia.

- 10 Hábil político, o Mestre de Avis vale-se de João das Regras e de D. Nuno Álvares Pereira para congregar inúmeros apoios na sua ascensão ao trono. Luta contra D. João I de Castela, frustrando definitivamente as pretensões deste à coroa de Portugal, ao derrotá-lo em Aljubarrota e ao ser declarado rei de Portugal pelas Cortes de Coimbra, em 1385. D. João I casa com a filha do Duque de Lencastre, D. Filipa, em 1387, de quem teve dez filhos, iniciando assim a dinastia de Avis.

- 15 Em 1415 conquistou Ceuta, praça estratégica para a navegação no norte de África, com que dará início à expansão portuguesa além-mar. Aí foram armados cavaleiros os seus filhos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, os três irmãos mais velhos da chamada ínclita geração.

Destes infantes, a história mundial regista particularmente a figura e a obra do Infante D. Henrique, *O Navegador*, como estratégia do período de expansão dos Portugueses que a época dos Descobrimentos consagrou. [...]

- 20 D. João I morreu em 1433 e está sepultado, com a sua família, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha, erigido no seu reinado para celebrar a vitória dos portugueses na batalha de Aljubarrota.

<http://www.conventocristo.pt/> (consultado em janeiro de 2016).

1. D. João I

- (A) era filho bastardo de D. Pedro e, por isso, foi sempre renegado pelo pai.
- (B) distinguiu-se durante o reinado de D. Fernando.
- (C) era já um abastado senhor na altura em que reinava D. Fernando.
- (D) foi o décimo rei da Dinastia de Avis.

2. O período que se seguiu à morte de D. Fernando foi especialmente conturbado,

- (A) pelas questões de sucessão que suscitou.
- (B) pelo desalento que provocou na nação.
- (C) apesar de se viver um período estável em termos sociais e políticos.
- (D) ainda que coincidissem com uma fase de apogeu do reino.

3. O maior contributo de D. João, Mestre de Avis, para a independência de Portugal foi
- (A) o casamento com D. Filipa de Lencastre.
 - (B) o facto de ter tido dez filhos, que desempenharam papéis relevantes no reino.
 - (C) o movimento de expansão ultramarina que iniciou.
 - (D) a luta que travou com D. João I de Castela.
4. A expressão sublinhada em “jovem filha do mercador lisboeta Lourenço Martins” (ll. 2-3) desempenha a função sintática de
- (A) complemento do nome.
 - (B) complemento do adjetivo.
 - (C) modificador do nome apositivo.
 - (D) modificador do nome restritivo.
5. A oração “para congregar inúmeros apoios na sua ascensão ao trono.” (ll. 9-10) classifica-se como subordinada adverbial
- (A) consecutiva.
 - (B) final.
 - (C) causal.
 - (D) concessiva.
6. O antecedente retomado pelo pronome demonstrativo em “as pretensões deste à coroa de Portugal” (l. 11) é
- (A) “Mestre de Avis”.
 - (B) “João das Regras”.
 - (C) “Nuno Álvares Pereira”.
 - (D) “D. João I de Castela”.
7. O mecanismo de coesão observável entre as expressões sublinhadas em “Aí foram armados cavaleiros os seus filhos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, os três irmãos mais velhos da chamada íclita geração. Destes infantes, a história mundial regista.” (ll. 15-17) é a
- (A) coesão gramatical (referencial) / por anáfora.
 - (B) coesão gramatical (frásica).
 - (C) coesão lexical por (substituição – hiponímia/hiperonímia).
 - (D) coesão lexical por (repetição).
8. Identifique os processos fonológicos ocorridos na evolução de REGE- > ree > rei.
9. Refira a função sintática desempenhada pela expressão sublinhada em “ao ser declarado rei de Portugal pelas Cortes de Coimbra” (ll. 11-12).
10. Identifique e classifique a oração subordinada presente no penúltimo parágrafo.

GRUPO III

Faça a **síntese** do texto do grupo **II**, composto por 326 palavras, reduzindo-o a um quarto da sua extensão (75 a 85 palavras).

10. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o seguinte excerto de *Os Maias*.

Até aos Olivais, não cessou de ruminar coisas vagas e violentas que faria para aniquilar o Dâmaso. No seu amor não haveria paz, enquanto aquele vilão o andasse comentando sordidamente pelas esquinas das ruas. Era necessário enxovalhá-lo de tal modo, com tal publicidade, que ele não ousasse mais mostrar em Lisboa a face bochechuda, a face vil... Quando o *coupé* parou à porta da

5 quinta, Carlos decidira dar bengaladas no Dâmaso, uma tarde, no Chiado, com aparato...

Mas depois, ao regressar da quinta, vinha já mais calmo. Pisara a linda rua de acácias que os pés dela pisariam na manhã seguinte: dera um longo olhar ao leito que seria o leito dela, rico, alçado sobre um estrado, envolto em cortinados de brocatel cor de oiro, com um esplendor sério de altar profano... Daí a poucas horas, encontrar-se-iam sós naquela casa muda e ignorada do mundo;

10 depois, todo o verão os seus amores viveriam escondidos nesse fresco retiro de aldeia; e daí a três meses estariam longe, na Itália, à beira de um claro lago, entre as flores de Isola Bela... No meio destas voluptuosidades magníficas, que lhe podia importar o Dâmaso, gorducho e reles, falando em calão nos bilhares do Grémio! Quando chegou à rua de S. Francisco, resolvera, se visse o Dâmaso, continuar a acenar-lhe, de leve, com a ponta dos dedos.

15 Maria Eduarda fora passear a Belém com Rosa, deixando-lhe um bilhete, em que lhe pedia para vir à noite *faire un bout de causerie*. Carlos desceu as escadas, devagar, guardando esse bocadinho de papel na carteira, como uma doce relíquia; e saía o portão, no momento em que o Alencar desembocava defronte, da travessa da Parreirinha, todo de preto, moroso e pensativo. Ao avistar Carlos, parou de braços abertos; depois vivamente, como recordando-se, ergueu os olhos para o

20 primeiro andar.

Não se tinham visto desde as corridas, o poeta abraçou com efusão o seu Carlos. E falou logo de si, copiosamente. Estivera outra vez em Sintra, em Colares com o seu velho Carvalhosa: e o que se lembrara do rico dia passado com Carlos e com o maestro em Seteais!... Sintra, uma beleza. Ele, um pouco constipado. E apesar da companhia do Carvalhosa, tão erudito e tão profundo, apesar

25 da excelente música da mulher, da Julinha (que para ele era como uma irmã), tinha-se aborrecido. Questão de velhice...

– Com efeito – disse Carlos – pareces-me um pouco murcho... Falta-te o teu ar aureolado. O poeta encolheu os ombros.

– O Evangelho lá o diz bem claro... Ou é a Bíblia que o diz?... Não; é S. Paulo... S. Paulo ou Santo Agostinho?... Enfim a autoridade não faz ao caso. Num desses santos livros se afirma que este mundo é um vale de lágrimas...

– Em que a gente se ri bastante – disse Carlos alegremente.

Eça de Queirós, *Os Maias* (cap. XIII), Lisboa, Livros do Brasil, 28.ª ed., s/data, pp. 422-424.

1. Justifique o estado de espírito de Carlos, considerando o primeiro parágrafo e os verbos “ruminar” e “aniquilar” (l. 1).
2. Demonstre a dualidade presente na descrição do leito, inferindo sobre a sua simbologia.
3. Interprete a última afirmação de Carlos, relacionando-a com o bilhete que Maria Eduarda lhe deixara.

B

Leia com atenção o seguinte soneto do Luís de Vaz de Camões.

Tanto de meu estado me acho incerto

Tanto de meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio,
o mundo todo abarco e nada aperto.

5 É tudo quanto sinto, um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

10 Estando em terra, chego ao Céu voando,
nũ' hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil anos não posso achar ã' hora.

Se me pergunta alguém porque assi ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.

Luís de Camões, *Rimas* (texto estabelecido e prefaciado por A. J. da Costa Pimpão),
Coimbra, Almedina, 2005, p. 118.

4. Caracterize o estado de espírito do “eu” lírico, identificando o recurso expressivo privilegiado para o exprimir.
5. Estabeleça uma relação entre o estado de espírito do sujeito poético e a informação constante do segundo terceto.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia com atenção o seguinte texto.

Que força é Eça?

Publicado em 1888, com 990 páginas, *Os Maias* levou oito anos a ser burilado por Eça, que vivia fora de Portugal e, à distância, expôs no romance toda a sua pendência desconsolada por um país obsoleto e estagnado, ridicularizando demolidoramente parlamentares, poetas medíocres e jornalistas. A ironia deste romance é que os porta-vozes dessas críticas são eles próprios, João da Ega e Carlos da Maia, não mais do que uns janotas, ociosos, pedantes, indolentes e parasitas da sociedade. Que têm sempre uns livros para publicar que nunca chegam a escrever (*As memórias de um átomo* ou o *Lodaçal*). Ou um consultório escrupulosamente decorado, muito bem ataviado, mas que não recebe doentes.

“O que domina como objeto de reflexão é Portugal, personagem oculta por detrás das personagens visíveis. Um país aparentemente sem remédio, um país que as elites não são capazes de salvar” (Jacinto Prado Coelho); “Livro niilista, livro desesperado mesmo, *Os Maias* são o dobre a finados duma nação retratada com vitriólica ironia e vingativa sátira” (João Medina). Recebido com muitas e severas reservas, à época, é hoje considerado “a mais perfeita obra de arte literária que ainda se escreveu em Portugal, depois de *Os Lusíadas*” (Gaspar Simões) ou “expressão estética excepcional da consciência desistente da geração intelectual a que Eça pertenceu” (Isabel Pires de Lima).

E esta é uma das formas como se pode rever *Os Maias*, buscar a sua dramática atualidade, nesta adaptação de João Botelho, numa reverência muito respeitosa (talvez demasiada), que coloca o texto literário a prevalecer sobre a linguagem cinematográfica, e todos os exteriores ao abrigo de qualquer anacronismo – e de qualquer realismo também: foram filmados num grande hangar em Azeitão, com telas de grandes dimensões pintadas pelo artista plástico João Queiroz. Assim, passam as personagens, não só através da Lisboa noventa e oito, cruzada por transeuntes, pregões, fadistas, caleches e pelo famoso “americano”, mas também das bermas do Douro, Sintra, Itália e Paris. Tudo isto sem sair dos estúdios de Azeitão.

Encontramos o Portugal de agora (em crise política, económica e de identidade) sobretudo nas palavras de desalento e desistência. Desde a petulância de Ega e Carlos, que acham que “isto aqui é uma choldra”, a um mestre de obras republicano, a desbarretar-se e a deixar arrastar os trabalhos, enquanto filosofa sobre a solução para “desatransar” o país desta “cambada”, destas “cavalgaduras”: “Um navio fretado à custa da nação, em que se mandasse barra fora o rei, a família real, a cambada dos ministros, dos políticos, dos deputados, dos intrigantes...”.

Ana Margarida de Carvalho, in *Visão*, n.º 1122 – 4 a 10 de setembro de 2014 (texto com supressões).

1. Para caracterizar o país queirosiano e os tipos sociais satirizados, a autora, no primeiro período, recorre à

- (A) dupla adjetivação e à enumeração, respetivamente.
- (B) ironia e à metáfora, respetivamente.
- (C) dupla adjetivação e à ironia.
- (D) ironia e à comparação.

2. Ao referir-se a Carlos e a Ega, a autora pretende
- (A) enaltecer o comportamento destas personagens da obra queirosiana.
 - (B) enunciar aspetos pouco exuberantes no comportamento dos dois amigos.
 - (C) mostrar o paradoxo que existe no facto de serem estes o motor das críticas presentes em *Os Maias*.
 - (D) criticar os membros mais ativos da alta sociedade lisboeta.
3. A opção de João Botelho de seguir escrupulosamente o texto da obra, tal como é evidente no penúltimo parágrafo,
- (A) tem como objetivo mostrar semelhanças entre o Portugal oitocentista e o Portugal do séc. XXI.
 - (B) pretende fazer prevalecer o texto literário sobre a obra cinematográfica.
 - (C) deve-se à falta de dinheiro para retratar fielmente os espaços referidos na obra.
 - (D) mostra o respeito do realizador pela obra de Eça de Queirós.
4. O termo “porta-vozes” (l. 4) exemplifica o processo de formação de palavras por
- (A) composição por radical mais palavra.
 - (B) derivação por prefixação.
 - (C) derivação por sufixação.
 - (D) composição por palavra mais palavra.
5. A oração “que as elites não são capazes de salvar” (ll. 10-11) é introduzida por
- (A) um pronome relativo.
 - (B) uma conjunção subordinativa completiva.
 - (C) uma conjunção subordinativa causal.
 - (D) uma conjunção subordinativa consecutiva.
6. O segmento “pelo artista plástico João Queiroz” (l. 20) desempenha a função sintática de
- (A) sujeito.
 - (B) complemento direto.
 - (C) complemento agente da passiva.
 - (D) complemento oblíquo.
7. O conector “mas também “ (l. 22), no contexto em que surge, tem um valor
- (A) adversativo.
 - (B) disjuntivo.
 - (C) conclusivo.
 - (D) aditivo.
8. Indique a subclasse a que pertence o verbo *viver* (l. 2), no contexto em que surge.
9. Indique a função sintática do segmento “personagem oculta por detrás das personagens visíveis” (ll. 9-10).
10. Classifique a oração “que ainda se escreveu em Portugal” (ll. 13-14).

GRUPO III

No soneto camoniano, o amor é apresentado como origem de sentimentos contraditórios que podem devastar o ser humano.

Escreva um **texto expositivo**, cuidado e coeso, contendo entre 130 e 170 palavras, sobre a importância das vivências amorosas para o ser humano.

Observe os seguintes tópicos: vocabulário claro e diversificado; estrutura tripartida do texto (introdução – apresentação do tema; desenvolvimento – apresentação das ideias e sua fundamentação; conclusão – reforço do tema / ideias).

11. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o seguinte excerto de *Os Maias*.

De repente o vozeirão do Vargas dominou tudo, como um urro de toiro. Diante do jóquei, sem chapéu, com a face a estoirar de sangue, gritava-lhe que era indigno de estar ali, entre gente decente! Quando um *gentleman* duvida do juiz da corrida, faz um protesto! Mas vir dizer que há ladrões, era só de um canalha e de um fadista, como ele, que nunca devia ter pertencido ao Jockey Club! – O outro, agarrado pelos amigos, esticando o pescoço magro como para lhe morder, atirou-lhe um nome sujo. Então o Vargas, com um encontrão para os lados, abriu espaço, repuxou as mangas, berrou:

– Repita lá isso! Repita lá isso!

E imediatamente aquela massa de gente oscilou, embateu contra o tabuado da tribuna real, re-moinhou em tumulto, com vozes de “ordem” e “morra”, chapéus pelo ar, baques surdos de muros.

Por entre o alarido vibravam, furiosamente, os apitos da polícia; senhoras, com as saias apanha-das, fugiam através da pista, procurando espavoridamente as carruagens – e um sopro grosseiro de desordem reles passava sobre o hipódromo, desmanchando a linha postiça de civilização e a atitude forçada de decoro...

Carlos achou-se ao pé do marquês, que exclamava, pálido:

– Isto é incrível! Isto é incrível!...

Carlos, pelo contrário, achava pitoresco.

– Qual pitoresco, homem! É uma vergonha, com todos esses estrangeiros!

[...]

O marquês, num grupo a que se juntara o Clifford, Craft, e Taveira, continuava a vociferar:

– Então, estão convencidos? Que lhes tenho eu sempre dito? Isto é um país que só suporta hortas e arraias... Corridas, como muitas outras coisas civilizadas lá de fora, necessitam primeiro gente educada. No fundo todos nós somos fadistas! Do que gostamos é de vinhaça, e viola, e bordoadas, e viva lá seu compadre! Aí está o que é!

Ao lado dele, Clifford, que no meio daquele desmancho todo esticava mais corretamente a sua linha de *gentleman*, mordida um sorriso, assegurando, com um ar de consolação, que conflitos iguais sucedem em toda a parte... Mas no fundo parecia achar tudo aquilo ignóbil. Dizia-se mesmo que ele ia retirar a “Mist”. E alguns davam-lhe razão. Que diabo! Era aviltante para um belo animal de raça correr num hipódromo sem ordem e sem decência, onde a todo o momento podiam reluzir navalhas.

Eça de Queirós, *Os Maias* (cap. X), Lisboa, Livros do Brasil, 28.ª ed., s/data, pp. 325-326.

1. Contextualize a ação narrada neste excerto.
2. Comprove a intenção satírica de Eça ao longo do texto.
3. Compare as opiniões e atitudes de Carlos e Clifford com as do marquês.

B

Leia, atentamente, o excerto que se segue da *Farsa de Inês Pereira*. Se necessário, consulte as notas.

Lia. Lede a carta sem dó¹,
que inda eu são contente dele.

Prossegue Inês Pereira a carta:

«Nem cantar presente mi.
Pois Deos sabe a rebentinha²
que me fizestes então.
Ora, Inês, que hajais benção
de vosso pai e a minha,
que venha isto a concrusão.

E rogo-vos como amiga.
que samicas vós sereis³,
que de parte me faleis
antes que outrem vo-lo diga.
E, se não fiais de mi,
esteja vossa mãe aí
e Lianor Vaz de presente.
Veremos se sois contente
que casemos na boa hora.»

Inês Des que nasci até agora
não vi tal vilão com'este,
nem tanto fora de mão⁴!

Lia Não queirais ser tão senhora.
Casa, filha, que te preste,
não percas a ocasião.

Queres casar a prazer
não tempo d'agora, Inês?
Antes casa em que te pês⁵,
que não é tempo d'escolher.

Sempre eu ouvi dizer:
«ou seja sapo ou sapinho,
ou marido ou maridinho,
tenha o que houver mister⁶.»
Este é o certo caminho.

Mãe Pardeos, amiga, essa é ela⁷!

Mata o cavalo de sela
e bom é o asno que me leva.

Lia Filha, «no chão de Couce
quem não puder andar, choute⁸».
E: «mais quero eu quem m'adore
e quem faça com que chore».
Chamá-lo-ei, Inês?

Inês Si.

Venha e veja-me a mi.
Quero ver, quando me vir,
se perderá o presumir
logo em chegando aqui,
pera me fartar de rir.

Mãe Touca-te⁹ bem, se vier,
pois que pera casar anda.

Inês Essa é boa demanda!
Cerimónias há mister
homem que tal carta manda?
Eu o estou cá pintando:
sabeis, mãe, que eu adivinho?
Deve ser um vilãozinho...
Ei-lo, se vem penteando:
será com algum ancinho?

Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*
(apresentação e leitura de António José Saraiva),
Teatro Gil Vicente, Lisboa, Dinalivro,
ed. revista, 1988, pp. 167-169.

¹ sem vos agastardes; ² fúria; ³ talvez; ⁴ nem tão disparatado; ⁵ casa mesmo contrariada; ⁶ tenha o que necessário for; ⁷ essa é que é a verdade; ⁸ «quem não puder ter o que deseja, contente-se com o que tem»; ⁹ arranja-te.

4. Justifique a recriminação – “Não queirais ser tão senhora.” (v. 21) – que Lianor faz a Inês.

5. Explique o comentário de Inês nos versos “Cerimónias há mister / homem que tal carta manda?” (vv. 49-50).

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas com itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia com atenção o seguinte texto.

Conta-me histórias...

Ler aos filhos desde cedo foi sempre um conselho dos pediatras. Há quem recomende a leitura desde os seis meses do bebé. Em setembro, a revista norte-americana *Pediatrics* publicou um estudo que registou imagens de ressonâncias magnéticas da atividade cerebral das crianças de três a cinco anos, enquanto ouviam histórias para a sua idade. Percebeu-se que havia diferenças na ativação cerebral entre crianças a quem liam de vez em quando e as que viviam em casas com muitos livros, em que a leitura era habitual. A ativação era significativamente maior numa região do hemisfério esquerdo do cérebro, chamada córtex, de associação parietal temporal-occipital, que está relacionada com a “integração multissensorial que integra som e estimulação visual”, explica o autor principal do estudo, John S. Hutton, Investigador do Centro Médico Hospitalar Infantil de Cincinnati, EUA.

Crescer com livros, ler em voz alta para as crianças são atos que ajudam ao desenvolvimento da linguagem e ao sucesso escolar, está comprovado. Para o psicólogo clínico Eduardo Sá, este estudo científico não é “completamente surpreendente”. “A grande novidade são as provas imagiológicas da forma como estimulamos o cérebro que se torna mais versátil e mais capaz de transformar mais imagens em palavras.” Por outro lado, destaca, “é importante que se perceba que a relação é o grande arquiteto do sistema nervoso, através do modo como estimula áreas cerebrais. E, em função de uma estimulação coerente e constante, cria redes sinápticas estáveis que passam a ser o nosso *software*. Ou seja, o *software* adquire-se e desenvolve-se e não é um “equipamento de base” da natureza humana, como, por vezes, tantos dos que têm uma visão estritamente biológica do desenvolvimento e da vida psíquica são levados a “insinuar”.

Para o psicólogo, “estes dados permitem-nos perceber que, por falta da estimulação indispensável, muitas crianças acumulam danos, que as limitam vida fora, sem que aqueles que lhes fazem mal sejam severamente punidos. [...] “O sistema nervoso funciona como um músculo que precisa de ser estimulado, sob o risco de, ao não suceder assim, atrofiar”. Além do mais, porque o acesso à palavra nos permite vestir em palavras aquilo que sentimos, crianças que melhor verbalizam podem tornar-se mais felizes”. Por fim, as histórias de embalar. “As histórias juntam imagens e palavras, ajudam a pensar. Crianças que mais precocemente acedem às histórias são mais aptas para a matemática, para a língua materna, para a representação e para a relação. Mais histórias significa crianças mais saudáveis e crianças mais inteligentes”, remata.

Katya Delimbeuf, in *E – A Revista do Expresso*, n.º 2241, 10 de outubro 2015, p. 100.

1. Segundo um estudo divulgado pela revista *Pediatrics*,

- (A) a atividade cerebral das crianças, com menos de cinco anos, varia em função do número de livros que lhes são lidos.
- (B) não existe qualquer relação entre a atividade cerebral das crianças com menos de cinco anos a quem são lidos livros e a quantidade que é lida.
- (C) todas as crianças com menos de cinco anos apresentam a mesma atividade cerebral face à leitura.
- (D) a atividade cerebral como reação à leitura tem o seu início pelos seis meses de vida.

2. Segundo o psicólogo Eduardo Sá, a criação de redes de informação
- (A) é inata, mas a leitura ajuda a desenvolvê-la.
 - (B) não é inata, constrói-se e desenvolve-se através de estímulos.
 - (C) é uma das faculdades do ser humano, seja ou não este submetido a estímulos.
 - (D) não necessita de ser estimulada, uma vez que se trata de uma faculdade inata.
3. A leitura de histórias à noite, para o psicólogo, deve ter início o quanto antes, pois
- (A) as crianças necessitam de momentos de lazer e de interação com os adultos.
 - (B) desenvolve o sentido da audição.
 - (C) permite o desenvolvimento de competências que melhoram o desempenho escolar e atitudinal.
 - (D) facilita o adormecimento e melhora a qualidade do sono.
4. Os processos fonológicos operados na evolução da palavra *LEGERE* para “ler” (l. 1) são
- (A) apócope, síncope e crase.
 - (B) aférese, síncope e crase.
 - (C) prótese, síncope e sinérese.
 - (D) epêntese, apócope e sinérese.
5. O segmento “quem recomende a leitura desde os 6 meses do bebé” (ll. 1-2) configura uma oração subordinada
- (A) adverbial final.
 - (B) adverbial temporal.
 - (C) substantiva relativa.
 - (D) adverbial consecutiva.
6. No segmento “explica o autor principal do estudo” (ll. 8-9) observam-se as funções sintáticas
- (A) predicado e complemento direto.
 - (B) predicado, complemento direto e modificador do nome restritivo.
 - (C) predicado, sujeito, modificador do nome restritivo e complemento do nome.
 - (D) predicado, sujeito e complemento do nome.
7. O termo “*software*” exemplifica o processo irregular de formação de palavras denominado por
- (A) conversão.
 - (B) acronímia.
 - (C) truncação.
 - (D) empréstimo.
8. Indique a classe e a subclasse da palavra que introduz a oração “que ajudam ao desenvolvimento da linguagem e ao sucesso escolar” (ll. 10-11).
9. Justifique a utilização das aspas na expressão “completamente surpreendente” (l. 12).
10. Classifique a oração introduzida pela conjunção “porque” (l. 23).

GRUPO III

Escreva um **texto de opinião**, de 130 a 170 palavras, sobre a importância da leitura no desenvolvimento integral do ser humano e na definição da sua personalidade.

Respeite o seguinte plano: estrutura tripartida do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão); explicitação clara de um ponto de vista; recurso a argumentos e respetivos exemplos; seleção vocabular adequada, respeito pelos mecanismos de coerência e coesão textual.

12. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o seguinte texto, retirado da obra *A ilustre casa de Ramires*.

Pela silenciosa vereda, ainda húmida, Gonçalo pensava nos seus avós formidáveis. Como eles ressurgiam, na sua Novela, sólidos e ressoantes! E realmente uma compreensão tão segura daquelas almas afonsinas mostrava que a sua alma conservava o mesmo quilate e saíra do mesmo rico bloco de ouro. Porque um coração mole, ou degenerado, não saberia narrar
 5 corações tão fortes, de eras tão fortes: – e nunca o bom Manuel Duarte ou o Barrolo excelente entenderiam, bastante para lhes reconstruir os altos espíritos, Martim de Freitas ou Afonso de Albuquerque... Nesta fina verdade desejaria ele que os críticos insistissem ao estudar depois A Torre de D. Ramires – pois que o Castanheiro lhe assegurara artigos consideráveis nas *Novidades* e na *Manhã*. Sim! eis o que convinha marcar com relevo (e ele o lembraria ao Castanheiro!) – que os
 10 ricos-homens de Santa Ireneia reviviam no seu neto, se não pela continuação heroica das mesmas façanhas, pela mesma alevantada compreensão do heroísmo... (...) Mas sentia a grandeza e o préstimo histórico desse arrojo que outrora impelia os seus a arrasar solares rivais, a escalar vilas mouriscas: ressuscitava pelo Saber e pela Arte, arrojava para a vida ambiente esses varões temerosos, com os seus corações, os seus trajes, as suas imensas cutiladas, as suas bravatas sublimes; dentro
 15 do espírito e das expressões do seu século era pois um bom Ramires – um Ramires de nobres energias, não façanhudas, mas intelectuais, como competia numa idade de intelectual descanso. E os jornais, que tanto motejam a decadência dos fidalgos de Portugal, deveriam em justiça afirmar (e ele o lembraria ao Castanheiro!): “Eis aí um, e o maior, que, com as formas e os modos do seu tempo, continua e honra a sua raça!”

20 Através destes pensamentos, que mais lhe enrijavam as passadas sobre chão tão calcado pelos seus – o Fidalgo da Torre chegara à esquina do muro da quinta, onde uma ladeirenta e apertada azinhaga a divide do pinheiral e da mata. Do portão nobre, que outrora se erguera nesse recanto com labores e brasão de armas, restam apenas os dois umbrais de granito, amarelados de musgo, cerrados contra o gado por uma cancela de tábuas mal pregadas, carcomidas da chuva e dos anos.

Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires* (cap. V),
 Lisboa, INCM, 2014, pp 153-154.

1. Contextualize a ação narrada neste excerto.
2. Demonstre que o Fidalgo da Torre é digno da mesma honra que os seus antepassados.
3. Comprove a decadência dos fidalgos, alardeada pelos jornais, fundamentando a resposta com citações textuais.

B

Leia a estância do Canto V de *Os Lusíadas*. Se necessário, consulte as notas.

92

Quão doce é o louvor e a justa glória
 Dos próprios feitos, quando são soados¹!
 Qualquer nobre² trabalha que³ em memória
 Vença ou iguale os grandes já passados.
 As envejas da ilustre e alheia história
 Fazem mil vezes feitos sublimados.
 Quem valerosas obras exercita,
 Louvor alheio muito o esperta e incita.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. J. Costa Pimpão),
 4.^a ed., Lisboa, MNE, 2000, p. 236.

¹ celebrados; ² qualquer pessoa que seja nobre; ³ para que.

4. Explique o conteúdo dos dois primeiros versos.

5. Apresente as razões que podem incentivar o ser humano a novas conquistas.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia com atenção o seguinte texto.

Eça de Queirós

Enquanto intérprete do Realismo e do Naturalismo, Eça tratou de cultivar um tipo de romance consideravelmente minudente, no que toca aos espaços representados e às personagens caracterizadas; entre estas, avultam os tipos sociais, emblematicamente remetendo para aspetos fundamentais da vida pública portuguesa, na segunda metade do século XIX. À medida que as referências 5 realistas e naturalistas se vão diluindo, é a representação da vida psicológica das suas personagens que começa a estar em causa: a articulação de pontos de vista individuais, bem como o tratamento do tempo narrativo constituem domínios de investimento técnico que o romancista trabalhou com invulgar perícia [...].

[...] Deste modo, enquanto aceita os princípios do realismo e do naturalismo, Eça procura fun- 10 dar a representação narrativa na observação dos cenários que privilegia; as personagens que os povoam [...] surgem como figuras afetadas por fatores educativos e hereditários que os romances tratam de pôr em evidência, de forma normalmente muito crítica. [...] Em harmonia com estas tendências, *Os Maias* revelam um aprofundamento notório dessas indagações: não é possível entender o trajeto pessoal das personagens mais relevantes sem aludirmos ao devir de uma família que, ao

- 15 longo do século XIX, testemunha, em várias gerações, os acontecimentos históricos, políticos e culturais que decisivamente marcam a vida pública portuguesa. Para além disso, o protagonista do romance vive o destino trágico que, pela via do incesto, conduz a família à extinção. O que permite remeter esse destino, de novo pelo eixo das ponderações simbólico-históricas, para o plano das vivências coletivas; essas vivências envolvem a geração de Eça e, mais alargadamente, o Portugal
- 20 decadente do fim do séc. XIX, que é aquele que Carlos da Maia observa em Lisboa, quando por algum tempo regressa, em 1887. [...]

- O romance *A ilustre casa de Ramires* vem a ser, por um lado, a cedência de Eça àquilo a que chamara “o latente e culpado apetite pelo romance histórico” e, por outro lado, uma nova oportunidade para pensar ficcionalmente a História de Portugal, em tempo de profunda crise institucional, com
- 25 alcance nacional (Ultimato inglês, 31 de janeiro, iminência de bancarrota, etc.).

Carlos Reis, in Centro Virtual Camões, disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/eca-de-queiros.html> (consultado em dezembro de 2015).

1. Na obra queirosiana, a influência naturalista observa-se também nos espaços e nas personagens que

- (A) são trabalhados de modo a retratarem a Lisboa oitocentista.
- (B) pretendem retratar de forma geral alguns aspetos da vida da elite portuguesa.
- (C) são minuciosamente descritos e caracterizados.
- (D) são trabalhados minuciosamente para traduzirem a realidade social do século XIX.

2. A opção de Eça de privilegiar espaços e personagens

- (A) altera-se à medida que as suas convicções naturalistas se vão enraizando, dando lugar à dimensão técnica.
- (B) origina o desprestígio, em toda a sua obra, de pormenores técnicos de construção do romance.
- (C) vai cedendo lugar à dimensão psicológica das suas personagens e a outros aspetos da narrativa, em função do enfraquecimento das suas convicções naturalistas.
- (D) é o que caracteriza e distingue a obra deste autor português.

3. Em *A ilustre casa de Ramires*, Eça

- (A) alia a sua apetência pelo romance histórico à vontade de reescrever de forma ficcionada a história portuguesa de parte do século XIX.
- (B) reproduz fielmente, em termos históricos, alguns aspetos do final do século XIX.
- (C) critica as opções dos governantes portugueses do século XIX, relativamente ao Ultimato britânico.
- (D) louva o comportamento dos governantes durante a crise política gerada pela Inglaterra quando impôs o Ultimato a Portugal.

4. No contexto em que surge, o termo “minudente” (l. 2) pode ser substituído por

- (A) subtil.
- (B) minucioso.
- (C) minúsculo.
- (D) generalista.

5. O conector “bem como” (l. 6), no contexto em que surge, tem um valor
- (A) comparativo.
 - (B) causal.
 - (C) aditivo.
 - (D) disjuntivo.
6. A oração subordinada “que privilegia” (l. 10) é introduzida por
- (A) uma conjunção subordinativa completiva.
 - (B) uma conjunção subordinativa consecutiva.
 - (C) uma conjunção subordinativa causal.
 - (D) um pronome relativo.
7. O conector “por outro lado” (l. 23), no contexto em que surge, introduz no discurso
- (A) a ideia de tempo.
 - (B) um tópico que reforça o anterior.
 - (C) uma nova ideia.
 - (D) a ideia de conclusão.
8. Identifique o sujeito da frase “o protagonista do romance vive o destino trágico” (ll. 16-17).
9. Classifique a oração “que, pela via do incesto, conduz a família à extinção” (l. 17).
10. Indique a função sintática do segmento “quando por algum tempo regressa” (ll. 20-21).

GRUPO III

Gonçalo Mendes Ramires orgulha-se dos feitos dos seus antepassados e luta para os igualar em honras e merecimentos.

Escreva um **texto expositivo**, cuidado e coeso, contendo entre 130 e 170 palavras, sobre fatores geradores do mérito no ser humano.

Observe os seguintes tópicos: vocabulário claro e diversificado e estrutura tripartida do texto (introdução – apresentação do tema; desenvolvimento – apresentação e fundamentação das ideias a expor; conclusão – reforço da ideia defendida).

13. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o seguinte poema de Antero de Quental.

Noturno

Espírito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a lua,
Filho esquivo da noite que flutua,
Tu só entendes bem o meu tormento...

5 Como um canto longínquo – triste e lento –
Que voga e subtilmente se insinua,
Sobre o meu coração que tumultua,
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
10 Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consome,
Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!

Antero de Quental, *Poesia completa*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 240.

1. Identifique o elemento invocado pelo sujeito poético na primeira quadra, indicando a razão de ser dessa invocação.
2. Esclareça o valor semântico da personificação da noite.
3. Explícite o paralelismo estabelecido entre “espírito” (v. 1) e “coração” (v. 7).

B

Leia um excerto do capítulo XLIV de *Viagens na minha terra*.

Carta de Carlos a Joanninha.

Évora-Monte...
de Maio de 1834.

É a ti que escrevo, Joana, minha irmã, minha prima; a ti só.

Com nenhum outro dos meus não posso nem ousar falar.

Nem eu já sei quem são os meus: confunde-se, perde-se-me esta cabeça nos desvarios do coração. Errei com ele, perdeu-me ele... Oh, bem sei que estou perdido!

5 Perdido para todos, e para ti também. Não me digas que não: tens generosidade para o dizer, mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não podes evitar de o sentir.

Eu estou perdido.

E sem remédio, Joana, porque a minha natureza é incorrigível. Tenho energia de mais, tenho poderes de mais no coração. Estes excessos dele me mataram... e me matam!

10 Tu não compreendes isto, Joanninha; não me entendes, decerto; e é difícil. [...]

Quero contar-te a minha história: verás nela o que vale um homem. Sabe que os não há melhores do que eu: e tão bons, poucos. Olha o que será o resto! [...]

Esse homem que é meu pai, não o podia ver, hoje que sei o que me ele é... – Deus me perdoe, que ainda o posso ver menos!

15 Minha avó, julguei-a cúmplice no crime; ela só o era no pecado. Perdoe-lhe Deus; e bem pode e bem deve, já que a fez tão fraca. Minha pobre mãe sucumbiu por sua culpa, por sua irremissível complacência...

Deus pode e deve, repito... mas eu, como lhe hei de perdoar eu este rubor que sinto nas faces, ao nomear minha mãe? Tem padecido e sofrido muito... coitada! A sua penitência é um martírio;

20 a sua velhice uma longa paixão, e esse homem, que a perdeu, um verdugo sem piedade. Mas tudo isso é com Deus; não é comigo.

Eu sou filho; minha mãe morreu sem perdoar – não posso perdoar eu.

E quem me há de perdoar a mim? Ninguém, nem quero.

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra* (cap. XLIV), Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 315-316.

4. Caracterize Carlos, referindo três traços que permitem afirmar que se trata de uma personagem tipicamente romântica.

5. Demonstre o carácter reflexivo e intimista do texto.

GRUPO II

Responde às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o texto com atenção.

Cérebro – Neurologistas japoneses descobrem onde se esconde a felicidade.

A investigação mostra que a felicidade não é igual para todos. Uns ficam mais felizes que outros quando recebem elogios. E quanto maior a intensidade da felicidade menor o sofrimento.

Há uma luz que se acende sempre que nos sentimos felizes. Esse lugar no cérebro era até agora um mistério, que os cientistas da Universidade de Quioto desvendaram.

5 Há uma parte pequenina do cérebro que agora se transformou numa das principais ferramentas para entender um dos grandes enigmas da filosofia, da psicologia e até da literatura. Onde nasce a felicidade? Se há sentimento efêmero e subjetivo, é esse estado de alma que ninguém se atreve a explicar por A+B. Ninguém a não ser os cientistas que julgam não haver fronteiras capazes de limitar o conhecimento. A explicação deste mistério foi por isso reclamada pelos neurologistas ja-
10 poneses da Universidade de Quioto.

É numa região do lobo parietal que tudo acontece – pré-cúneos. É esta área do córtex que é ativada sempre que nos sentimos felizes. A investigação agora publicada na *Scientific Reports*, do grupo da revista *Nature*, mostra ainda que a felicidade não é igual para todos. Uns ficam mais felizes que outros quando recebem elogios, por exemplo. E quanto maior for a intensidade da felicidade
15 menor será o sofrimento correspondente.

Esta última conclusão, a ser verdadeira, deita por terra tudo o que poetas, escritores e pensadores andaram a pregar nos últimos séculos. “O amor só vive pelo sentimento e cessa com a felicidade”, só para citar Camilo Castelo Branco, que, como muitos outros, andou – pelo menos à luz da ciência – redondamente enganado. [...]

20 Wataru Sato, o homem que encontrou a explicação da felicidade numa máquina de ressonância magnética, tem uma definição bem mais simples que a poesia para esse sentimento. Resume-se à combinação entre emoções positivas e bem-estar geral. O estudo dos neurologistas japoneses conclui que a felicidade, no seu conceito mais lato, é provocada por emoções positivas combinadas com um sentimento geral de satisfação com a vida. [...]

25 Ao todo, os cientistas da Universidade de Quioto dissecaram o cérebro de 51 cobaias humanas. Dissecar, neste caso, significa sujeitar 26 mulheres e 25 homens a exames psicológicos e neuronais. Os primeiros tiveram como referência a Escala de Felicidade Subjetiva – inventada por Lyubomirsky e Lepper em 1999 e que até hoje é usada pelos psicólogos. O instrumento serviu para medir o grau de felicidade geral de cada um dos objetos das experiências e quão intensamente foram capazes de
30 sentir as emoções – tanto as negativas como as positivas. A esses objetivos acrescentou-se o nível de satisfação com as próprias vidas.

Os segundos testes envolveram o uso de um aparelho de ressonância magnética, que captou as imagens do cérebro de cada um dos participantes. E os mais felizes, concluem os autores do estudo, tinham sempre mais massa cinzenta naquela área do cérebro.

35 E porque a vida sem mistério perde pelo menos metade da piada, é melhor que certas perguntas permaneçam sem resposta. Por mais que tenham procurado nas ressonâncias magnéticas, os cientistas que desenvolveram este projeto ainda não conseguiram perceber qual o mecanismo neuronal que desencadeia a felicidade.

António Pedro Santos e Kátia Catulo, in *Jornal I*,
edição online de 24 de novembro de 2015 (consultado em dezembro de 2015).

1. O estudo apresentado permite concluir que
- (A) as pessoas mais felizes têm mais massa cinzenta numa determinada zona do cérebro.
 - (B) as pessoas que vivem intensamente a felicidade também vivem intensamente o sofrimento.
 - (C) o amor só vive pelo sentimento e cessa com a felicidade.
 - (D) a felicidade é um sentimento efémero e subjetivo.
2. Os cientistas da Universidade de Quioto demonstraram que a felicidade
- (A) depende da intensidade com que cada um vive as emoções positivas.
 - (B) se deve ao nível de satisfação de cada indivíduo com a própria vida.
 - (C) tem a ver com a quantidade de elogios que cada um recebe.
 - (D) se deve à combinação entre emoções positivas e bem-estar geral.
3. Tendo em conta o sentido global do texto, o segmento frásico “Wataru Sato, o homem que encontrou a explicação da felicidade numa máquina de ressonância magnética” (ll. 21-22) permite inferir que
- (A) Sato é psicólogo e, simultaneamente, técnico que efetua ressonâncias magnéticas.
 - (B) a ressonância magnética foi uma ferramenta imprescindível nesta investigação.
 - (C) Sato descobriu o mecanismo que desencadeia a felicidade.
 - (D) a tecnologia pode contribuir para a felicidade do ser humano.
4. No segmento “Há uma luz que se acende sempre que nos sentimos felizes.” (l. 3) está presente
- (A) uma metáfora.
 - (B) uma personificação.
 - (C) um animismo.
 - (D) uma metonímia.
5. O vocábulo “efémero” (l. 7), no contexto em que ocorre, é sinónimo de
- (A) intenso.
 - (B) duradouro.
 - (C) passageiro.
 - (D) sincero.
6. Os vocábulos “cobaias humanas” (l. 25), “26 mulheres e 25 homens” (l. 26), “participantes” (l. 33), ilustram a presença de um mecanismo de
- (A) coesão lexical.
 - (B) coesão gramatical.
 - (C) coesão temporal.
 - (D) coesão interfrásica.
7. O tempo verbal presente no segmento frásico “Por mais que tenham procurado” (l. 36) é o
- (A) pretérito mais-que-perfeito composto do modo conjuntivo.
 - (B) pretérito imperfeito do modo indicativo.
 - (C) pretérito perfeito composto do modo conjuntivo.
 - (D) presente do modo conjuntivo.

8. Identifique a classe e subclasse em que se integra o vocábulo “ninguém” (l. 7).
9. Indique a função sintática desempenhada pelo segmento frásico sublinhado em “Wataru Sato, o homem que encontrou a explicação da felicidade numa máquina de ressonância magnética, tem uma definição bem mais simples que a poesia para esse sentimento” (ll. 20-21).
10. Classifique a oração subordinada que integra o segmento a seguir transcrito: “O estudo dos neurologistas japoneses conclui que a felicidade, no seu conceito mais lato, é provocada por emoções positivas combinadas com um sentimento geral de satisfação com a vida” (ll. 22-24).

GRUPO III

Escreva um **texto de opinião**, de 130 a 170 palavras, sobre a importância do desenvolvimento da investigação e da tecnologia ao serviço da construção de um mundo mais justo, solidário e harmonioso.

Considere as seguintes orientações: estrutura tripartida do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão); explicitação clara de um ponto de vista; recurso a argumentos e respetivos exemplos; respeito pelos mecanismos de coesão e de coerência; mobilização de um repertório lexical variado; respeito pelo tema e tipologia.



14. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia com atenção o poema de Antero Quental.

Ignoto Deo¹

Que beleza mortal se te assemelha,
Ó sonhada visão desta alma ardente,
Que reletes em mim teu brilho ingente,
Lá como sobre o mar o Sol se espelha?

5 O mundo é grande – e esta ânsia me aconselha
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente,
Pelo mundo procuro um Deus clemente,
Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro.

10 Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...

Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no Céu ao menos!

Antero de Quental, *Poesia completa*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 217.

¹ “ao Deus desconhecido” (nota das autoras: o título prende-se com um passo dos Atos dos Apóstolos, relativo à pregação de S. Paulo em Atenas)

1. Caracterize o estado de espírito do sujeito poético.
2. Justifique a pertinência das interrogações retóricas no poema.
3. Explícite o sentido dos versos que constituem a segunda quadra.

B

Leia o soneto de Luís Vaz de Camões.

Verdade, Amor, Razão, Merecimento

Verdade, Amor, Razão, Merecimento,
qualquer alma farão segura e forte;
porém, Fortuna, Caso, Tempo e Sorte,
têm do confuso mundo o regimento.

5 Efeitos mil revolve o pensamento
e não sabe a que causa se reporte;
mas sabe que o que é mais que vida e morte,
que não o alcança humano entendimento.

Doctos varões darão razões subidas,
10 mas são experiências mais provadas,
e por isso é melhor ter muito visto.

Cousas há i que passam sem ser cridas
e cousas cridas há sem ser passadas,
mas o melhor de tudo é crer em Cristo.

Luís de Camões, *Rimas* (texto estabelecido e prefaciado por A. J. da Costa Pimpão), Coimbra, Almedina, 2005, p. 199.



4. Explícite o sentido da oposição presente na primeira quadra.

5. Justifique a referência a Cristo, a fechar o soneto.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o texto.

Discurso do Papa Francisco aos dirigentes da República Centro-Africana

Senhora Chefe de Estado da Transição,
Distintas Autoridades,
Ilustres membros do Corpo Diplomático,
Dignos representantes das Organizações Internacionais,
5 Amados Irmãos Bispos,
Senhoras e Senhores!

Feliz por estar aqui convosco, quero em primeiro lugar manifestar o meu vivo apreço pela calorosa receção que me reservastes e agradeço à Senhora Chefe de Estado da Transição pela sua amável saudação de boas vindas. [...]

10 É como peregrino de paz que venho, e apóstolo de esperança que me apresento. Por isso mesmo, me congratulo com os esforços feitos pelas várias Autoridades nacionais e internacionais, a começar pela Senhora Chefe de Estado da Transição, para guiar o país nesta fase. [...]

Para iluminar o horizonte, temos o lema da República Centro-Africana, que reflete a esperança dos pioneiros e o sonho dos pais fundadores: “Unidade – Dignidade – Trabalho”. Hoje, mais do que
15 ontem, esta trilogia exprime as aspirações de cada centro-africano e constitui, conseqüentemente, uma bússola segura para as Autoridades, que têm o dever de guiar os destinos do país! [...]



Primeiro, a unidade. Esta é, como se sabe, um valor fulcral para a harmonia dos povos. Trata-se de viver e construir a partir da maravilhosa diversidade do mundo circundante, evitando a tentação do medo do outro, de quem não nos é familiar, de quem não pertence ao nosso grupo étnico, às
 20 nossas opções políticas ou à nossa confissão religiosa. A unidade exige, pelo contrário, que se crie e promova uma síntese das riquezas que cada um traz consigo.

A unidade na diversidade é um desafio constante, que requer criatividade, generosidade, abnegação e respeito pelo outro.

Depois, a dignidade. É precisamente este valor moral – sinónimo de honestidade, lealdade, garbo e honra – que caracteriza os homens e mulheres conscientes tanto dos seus direitos como dos
 25 seus deveres e que os leva ao respeito mútuo.[...] Então, que tudo se faça para tutelar a condição e a dignidade da pessoa humana. [...] Em última análise, a dignidade do ser humano é trabalhar pela dignidade dos seus semelhantes.

Por último, o trabalho. É pelo trabalho que podeis melhorar a vida das vossas famílias. São Paulo disse: “Não compete aos filhos entesourar para os pais, mas sim aos pais para os filhos” (2 Cor 12, 14). O esforço dos pais exprime o seu amor pelos filhos. [...] O trabalho de
 30 construção de uma sociedade próspera deve ser uma obra solidária. Desde há muito tempo que a sabedoria do vosso povo compreendeu esta verdade, traduzindo-a neste provérbio: “As formigas são pequenas, mas, em grande número, conseguem trazer a presa para o seu buraco”.

35 [...] A história da evangelização desta terra e a história sociopolítica do país dão testemunho do compromisso da Igreja na linha destes valores da unidade, da dignidade e do trabalho. Ao mesmo tempo que faço memória dos pioneiros da evangelização na República Centro-Africana, saúdo os meus irmãos Bispos que detêm presentemente a responsabilidade daquela. [...]

Ao concluir, gostaria de reafirmar a minha alegria por visitar este país maravilhoso, situado no
 40 coração da África, pátria de um povo profundamente religioso, com um rico património natural e cultural. Nele vejo um país cumulado dos benefícios de Deus. Possa o povo centro-africano, bem como os seus dirigentes e todos os seus parceiros apreciar, no seu justo valor, estes benefícios, trabalhando sem cessar pela unidade, a dignidade humana e a paz fundada na justiça. Deus vos abençoe a todos. Obrigado.

Papa Francisco (Viagem a África – 29 de novembro de 2015), disponível em [http://papa.cancaonova.com/discurso-aos-dirigentes-da-republica-centro-africana/\(consultado em dezembro de 2015\)](http://papa.cancaonova.com/discurso-aos-dirigentes-da-republica-centro-africana/(consultado em dezembro de 2015)).

1. Com a referência a São Paulo (ll. 30-31), o orador

- (A) demonstra, através de uma autoridade, o amor que os filhos devem ter aos pais.
- (B) apresenta um argumento de autoridade, para evidenciar o amor que os pais devem aos filhos.
- (C) apela à leitura da Bíblia.
- (D) destaca o papel que a família deve ter na sociedade.

2. Com o provérbio “As formigas são pequenas, mas, em grande número, conseguem trazer a presa para o seu buraco” (ll. 34), o orador pretende

- (A) demonstrar que há muito trabalho a fazer.
- (B) revelar um conhecimento concreto do mundo.
- (C) valorizar o trabalho coletivo.
- (D) criticar a atitude dos ouvintes.

3. Na frase “A unidade na diversidade é um desafio constante, que requer criatividade, generosidade, abnegação e respeito pelo outro” (ll. 22-23) está presente

- (A) uma metáfora.
- (B) uma enumeração.
- (C) uma sinédoque.
- (D) um polissíndeto.

4. Os travessões presentes nas linhas 24 e 25 introduzem no discurso
- (A) uma explicação. (C) uma ideia nova.
(B) uma consequência. (D) uma ideia oposta.
5. Na frase “Em última análise, a dignidade do ser humano é trabalhar pela dignidade dos seus semelhantes.” (ll. 27-28), o segmento sublinhado desempenha a função sintática de
- (A) predicado. (C) complemento oblíquo.
(B) complemento direto. (D) predicativo do sujeito
6. Os articuladores “Primeiro” (l. 17), “Depois” (l. 24) e “Por último” (l. 29) contribuem para a
- (A) diversidade vocabular. (C) coerência textual.
(B) coesão lexical (reiteração). (D) coesão gramatical (referencial).
7. No contexto em que ocorre, o vocábulo “entesourar” (l. 30) pode ser substituído por
- (A) guardar. (C) empreender.
(B) cortar. (D) dar o exemplo.
8. Identifique, no primeiro parágrafo (ll. 7-9), um deíctico espacial e dois deícticos pessoais, que evidenciem o “Eu” e o “Tu” da enunciação. Explícite, de seguida, os respetivos referentes.
9. Classifique a oração subordinada presente no segmento “A unidade na diversidade é um desafio constante, que requer criatividade, generosidade, abnegação e respeito pelo outro” (ll. 22-23).
10. Indique o referente do pronome sublinhado em “saúdo os meus irmãos Bispos que detêm presentemente a responsabilidade daquela” (ll. 37-38).

GRUPO III

Escreva um texto de **apreciação crítica** da imagem proposta, com uma extensão de 130 e 170 palavras.

Tenha em conta as seguintes orientações: estrutura tripartida do texto (introdução, desenvolvimento e conclusão); descrição do objeto, explicitação clara de um ponto de vista e apresentação de argumentos e exemplos que o sustentem; seleção vocabular adequada e respeito pelos mecanismos de coerência e coesão textual.



Criação de Adão (pormenor da pintura da abóbada da Capela Sistina, Vaticano), c. 1508-1512, Miguel Ângelo.

15. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o excerto que se apresenta da obra de Cesário Verde.

O sentimento dum ocidental

I

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam um desejo absurdo de sofrer.

5 O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-nos, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se d'uma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
10 Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:

15 Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,

20 Ou erro pelos cais a que se atacam botes.

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo* – O livro de Cesário Verde,
Lisboa, INCM, 2005, pp. 122-123.

1. Localize no tempo e no espaço a deambulação do sujeito poético, exemplificando com elementos textuais pertinentes.
2. Justifique o recurso às exclamações na terceira estrofe.
3. Explícite a reação do “eu” poético perante a realidade observada.

B

Leia o excerto da *Crónica de D. João I de Fernão Lopes*. Se necessário, consulte as notas.

Toda a cidade era dada a nojo¹, cheia de mezquinhas querelas, sem neuñ prazer que i houvesse: uñs com gram mingua do que padeciam; outros havendo doo dos atribulados; e isto não sem razom, ca se é triste e mezquinho o coração cuidadoso² nas cousas contrairas que lhe aviinr podem, veede que fariam aqueles que as continuadamente tam presentes tinham? Pero³ com todo esto, quando repicavam, neuñ nom mostrava que era faminto, mas forte e rijo contra seus amigos. Esforçavam-se uñs por consolar os outros, por dar remedio a seu grande nojo, mas nom prestava conforto de palavras, nem podia tal door ser amansada com neñas doces razões; e assi como é natural cousa a mão ir ameúde onde see⁴ a door, assi uñs homens falando com outros, nom podiam em al departir⁵ senom em na mingua que cada uñ padecia.

Ó quantas vezes encomendavam nas missas e preegações que rogassem a Deos devotamente por o estado da cidade! E ficados os geolhos⁶, beijando a terra, braadavam a Deos que lhes acorresse, e suas prezes não eram compridas! Uñs choravam antre si, mal-dizendo seus dias, queixando-se por que tanto viviam, como se dissessem com o Profeta: “Ora veesse a morte ante do tempo, e a terra cobrisse nossas faces, pera nom veermos tantos males!” Assi que rogavam a morte que os levasse, dizendo que melhor lhe fora morrer que lhe seerem cada dia renovados desvairados padecimentos. Outros se querelavam⁷ a seus amigos, dizendo que forom desventuirada gente, que se ante nom derom a el-Rei de Castela que cada dia padecer novas mizquiindades⁸, firmando-se de todo nas peores cousas que fortuna em esto podia obrar⁹.

Sabia porem isto o Meestre e os de seu Conselho, e eram-lhe doorosas d’ ouvir taes novas; e veendo estes males a que acorrer nom podiam, çarravam suas orelhas do rumor do poboo.

Como nom querees que maldissem sa vida e desejassem morrer alguñs homens e molheres, que tanta deferença há d’ ouvir estas cousas aaqueles que as entom passarom, como há da vida aa morte?

Fernão Lopes, in Teresa Amado (apresentação crítica), *Crónica de D. João I de Fernão Lopes* (textos escolhidos), ed. revista, Lisboa, Editorial Comunicação, 1992.

¹ tristeza, aborrecimento; ² preocupação; ³ contudo; ⁴ está; ⁵ em al departir: falar sobre outra coisa; ⁶ ficados os geolhos: ajoelhados; ⁷ queixavam; ⁸ misérias; ⁹ firmando-se de todo nas piores cousas que fortuna em esto podia obra: só pensando nos maiores males que naquelas circunstâncias lhe podiam acontecer.

4. Apresente resumidamente a situação em que se encontrava a população, na cidade, exemplificando com elementos textuais pertinentes.
5. Identifique, explicitando, pontos comuns entre o excerto de Cesário Verde (A) e o de Fernão Lopes (B).

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta

Leia o texto.

África acima, de Gonçalo Cadilhe

Depois do sucesso das fantásticas narrativas de histórias e estórias, em *Planisfério pessoal* e *A Lua pode esperar*, Gonçalo Cadilhe ofereceu-nos este sublime livro, da editora Oficina do Livro, sobre as suas ínfimas peripécias no planeta Africano, aquele que os viajantes mais experimentados consideram o mais entusiasmante e desafiante de todos os planetas.

5 Eu devo ter sido dos primeiros a comprá-lo, [...] e, assim como o autor, também o livro fez uma larga viagem, de mão em mão.

A qualidade da escrita de Cadilhe faz-nos sentir, também nós, a negociar com os guardas das fronteiras, a atravessar “estradas” em condições impensáveis em carros nas mesmas condições, a sofrer com o calor abrasador. Permite-nos, com a qualidade das descrições, imaginar o grandioso
10 mundo que ele vai conhecendo e invejá-lo. E é essa inveja que Cadilhe não entende. A atividade que tem, tem-na porque procurou forma de arranjar meios e apoios para percorrer o Mundo e porque, claro, tem este talento especial para a escrita. E viajar não tem de ser só lazer. Não o é seguramente da forma como ele o faz:

“É este o meu projeto: atravessar África. Prosseguir do sul para o norte, utilizando as estradas
15 do continente, recorrendo aos transportes públicos, aos autocarros maltratados pelos anos, aos comboios que ainda andam, pedindo boleia, viajando com as pessoas da terra – em terra onde estiver, farei como vir. Excluo o transporte aéreo, voar sobre África não é viajar por África. Aliás, voar não é viajar”.

Consegue facilmente, a partir deste excerto, imaginar-se as peripécias, as aventuras, as sur-
20 presas e os sustos que se foram sucedendo durante a viagem. Para saber mais, só mesmo lendo. Será certamente uma atividade mais rápida e cómoda do que os oito meses, quinze países, 27 000 quilómetros e 50 000 palavras que depois resultaram em *África acima*. Deixo uma citação de Gonçalo Cadilhe que retirei há tempos de uma das suas crónicas na revista *Única* do jornal *Expresso*:
“A solidão do viajante é a solidão do palhaço: a de reservar para si toda a tristeza que lhe vai na
25 alma, e de entregar aos outros a máscara da alegria.”

in *Única*, 6 de abril de 2007.

1. O autor do texto centra-se sobretudo

- (A) em toda a obra de Gonçalo Cadilhe.
- (B) em *África acima*.
- (C) na admiração que tem por Cadilhe.
- (D) no desejo que tem de viajar por África.

2. Ao afirmar que “o livro fez uma larga viagem, de mão em mão” (ll. 5-6), o autor sugere que

- (A) também viajou acompanhado por este livro.
- (B) passou por África, levando esse livro consigo.
- (C) emprestou o livro a outros para que o lessem.
- (D) *África acima* foi divulgado por ele a outros.

3. O texto apresenta marcas específicas de um
- (A) artigo de apreciação crítica.
 - (B) artigo de divulgação científica.
 - (C) artigo de opinião.
 - (D) relato de viagem.
4. A frase “Gonçalo Cadilhe ofereceu-nos este sublime livro” (l. 2) integra constituintes com as seguintes funções sintáticas:
- (A) sujeito e predicado com complemento indireto e complemento direto.
 - (B) sujeito e predicado com complemento direto.
 - (C) sujeito e predicado com predicativo do complemento direto.
 - (D) sujeito e predicado com complemento indireto e complemento oblíquo.
5. O verbo *considerar* em “consideram o mais entusiasmante e desafiante de todos os planetas.” (l. 4) classifica-se como
- (A) copulativo.
 - (B) transitivo direto.
 - (C) transitivo indireto.
 - (D) transitivo predicativo.
6. O grupo nominal “A qualidade da escrita de Cadilhe” (l. 7) integra
- (A) dois modificadores do nome restritivos.
 - (B) dois complementos do nome.
 - (C) um complemento do nome e um complemento do adjetivo.
 - (D) um complemento do adjetivo e um modificador do nome restritivo.
7. A oração “que ele vai conhecendo” (l. 10) é subordinada
- (A) adverbial causal.
 - (B) substantiva relativa.
 - (C) substantiva completiva.
 - (D) adjetiva relativa restritiva.
8. Identifique a função sintática do constituinte “com os guardas” (l. 7).
9. Indique o referente do elemento sublinhado em “invejá-lo” (l. 10).
10. Transforme para o discurso indireto o segmento “em terra onde estiver, farei como vir. Excluo o transporte aéreo, voar sobre África não é viajar por África.” (ll. 16-17), iniciando-o do modo seguinte:

Gonçalo Cadilhe afirmou que...

GRUPO III

O desejo ou sonho de viajar faz parte do imaginário de muitas pessoas, ainda que uma larga maioria não o consiga concretizar.

Num texto de 170 a 200 palavras, dê a sua **opinião** acerca das razões que possam estar subjacentes à impossibilidade de viajar, apresentando argumentos e exemplos pertinentes para a tese que vai defender. Planifique previamente o seu texto e reveja-o no final.

16. TESTE DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o excerto do poema de Cesário Verde.

Cristalizações

[...]

Mal encarado e negro, um para enquanto eu passo;

Dois assobiam, altas as marretas

Possantes, grossas, temperadas d'aço;

E um gordo, o mestre, com um ar ralasso

5 E manso, tira o nível das valetas.

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!

Que vida tão custosa! Que diabo!

E os cavadores descansam as enxadas,

E cospem nas calosas mãos gretadas,

10 Para que não lhes escorregue o cabo.

Povo! No pano cru rasgado das camisas

Uma bandeira penso que transluz!

Com ela sofres, bebes, agonizas:

Listrões de vinho lançam-lhe divisas,

15 E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo – O livro de Cesário Verde*,
Lisboa, INCM, 2005, pp. 115.

1. Caraterize o grupo social destacado, evidenciando os sentimentos que este provoca no sujeito poético.
2. Descreva o estado de espírito do “eu” lírico perante os aspetos observados, e justifique a sua resposta.
3. Comprove a presença de dois recursos expressivos ao longo do excerto, referindo a sua funcionalidade.

B

Leia o excerto do “Sermão de Santo António”.

Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância, e cegueira, que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado, e aberto em duas, ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele, e fica preso, e boqueando, até que assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância, e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida? Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuchos e das espadas, e porquê? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto, e que mais facilmente engana os homens.

Padre António Vieira, “Sermão de Santo António”, in *Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, vol. X, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, p. 154.

4. Insira o excerto na estrutura do sermão, considerando o conteúdo selecionado.
5. Mostre que tanto no sermão vieiriano (B) como no texto de Cesário Verde (A) se verifica uma preocupação social.

GRUPO II

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o texto.

A poesia objetiva (opinião de Pessoa acerca do poeta Cesário Verde)

Houve em Portugal, no século XIX, três poetas, e três somente, a quem legitimamente compete a designação de mestres. São eles, por ordem de idades, Antero de Quental, Cesário Verde e Camilo Pessanha.

[...] Cesário Verde foi um dos mais radicais revolucionários que há na literatura.

[...] Para medir a grandeza de Cesário é preciso lê-lo depois de por ampla leitura se estar saturado e integrado no género poético no meio do qual a sua obra surge como um relâmpago. É depois de ler essas obras que se deve ler Cesário; e é refletindo então em que foi o meio psíquico, onde aquelas eram representativas e usuais, que irrompeu a obra de Cesário Verde.

Da violência enorme do contraste salta aos olhos, a par da extraordinária originalidade de Cesário, o conceito psicologicamente explicativo [...], a chave dessa individualidade sociologicamente considerada.

Quanto à novidade da obra o contraste é flagrante. Em vez da retórica oca e do concomitante sentimentalismo difuso, da carência completa de tudo quanto fosse a visão artística do mundo exterior, da longa estrofe retumbante – o verso sóbrio e severo, o sentimento reprimido, a visão nítida [...] das cousas, o epíteto revelador, o uso simples [...] da quadra, ou da quintilha, quase sempre apenas do decassílabo e do alexandrino. [...]

Dizer que Cesário sofreu influências várias quer dizer simplesmente que foi vivo. Todos os autores sofrem influências; a diferença começa no uso que fazem delas. Quanto maior a capacidade de compreensão de um espírito, mais facilmente influenciado é; quanto maior a sua capacidade de criação mais facilmente converte essas muitas influências na substância da sua personalidade. [...]

Um espírito superficial tomará como pormenor curioso da obra de Cesário o cantar ele a cidade e também o campo.

O mais curioso deste pormenor é que ele é falso. Cesário não canta nem as cidades nem os campos. Canta a vida humana, e canta nos campos e nas cidades, em relação à natureza livre dos campos e à natureza artificial das cidades. Poderá parecer que é um amante do minucioso da natureza. Mas uma comparação, ainda que ligeira, com os que amam e pintam minuciosamente a natureza, mostra, pela nenhuma parecença com Cesário, mesmo no modo de descrever, que Cesário não é como eles.

E finalmente, quanto a sentimento, um só geralmente pode ter o esteta: o amor à vida e, correspondentemente, o horror à morte.

Fernando Pessoa, *Páginas sobre Literatura e Estética* (org. António Quadros), Mem Martins, Publicações Europa-América, pp. 125-126.

1. O texto apresentado pode considerar-se um texto de opinião, uma vez que o autor

- (A) descreve e comenta a poesia de Cesário Verde.
- (B) expõe e explicita o seu ponto de vista sobre Cesário Verde.
- (C) demonstra de forma objetiva e concisa a exemplaridade de Cesário Verde.
- (D) tenta persuadir o leitor, influenciando-o, através de argumentos incisivos.

2. A originalidade da obra de Cesário Verde assenta

- (A) no retrato que faz da cidade e do campo.
- (B) na visão artística e comum do mundo exterior.
- (C) fundamentalmente no domínio versificatório.
- (D) na rutura com o sentimentalismo reinante.

3. No texto afirma-se que na poesia de Cesário

- (A) predomina o canto da cidade e do campo.
- (B) está ausente qualquer tipo de preocupação social.
- (C) se evidencia o canto da vida humana, no campo e na cidade.
- (D) se privilegia a cidade e alguns grupos sociais que aí se movimentam.

4. O pronome pessoal “(l)o”, em “é preciso lê-lo” (l. 5), exemplifica a coesão

- (A) lexical, por substituição.
- (B) gramatical, referencial.
- (C) gramatical, interfrásica.
- (D) lexical, por reiteração.

5. No contexto em que surge, a forma verbal “irrompeu” (l. 8) significa

- (A) surgiu.
- (B) invadiu.
- (C) sobreviveu.
- (D) explodiu.

6. O predicado “converte essas muitas influências na substância da sua personalidade” (ll. 20) integra um
- (A) complemento indireto e um complemento direto.
 - (B) complemento direto e um predicativo do complemento direto.
 - (C) complemento direto e um complemento oblíquo.
 - (D) predicativo do sujeito e um modificador do nome restritivo.
7. O segmento “da sua personalidade” (l. 20) desempenha a função sintática de
- (A) modificador do nome restritivo.
 - (B) modificador do nome apositivo.
 - (C) complemento do adjetivo.
 - (D) complemento do nome.
8. Crie um campo lexical, com o mínimo de três palavras, a partir do nome “leitura” (l. 5).
9. Classifique a oração “que Cesário não é como eles” (ll. 27-28).
10. Identifique o mecanismo de coesão utilizado em “o amor à vida [...] o horror à morte” (ll. 29-30).

GRUPO III

Faça a **síntese** do texto apresentado no grupo II, constituído por 395 palavras, reduzindo-o a um texto de 115 a 145 palavras.

CENÁRIOS DE RESPOSTA

TESTE DE AVALIAÇÃO 01 (p. 14)

GRUPO I

A

1. Através da referência aos peixes Pegadores, Padre António Vieira atinge os homens oportunistas, interesseiros e parasitas, que se aproveitam dos outros, o que ilustra o carácter alegórico do excerto.

2. O orador apresenta como argumento o facto de os peixes não deverem viver “pegados” aos grandes ao ponto de isso implicar a sua morte (“Chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.” ll.23-24).

3. Ao criticar o comportamento dos peixes e, por inferência, o dos homens, o orador concretiza a crítica social que é característica do “Sermão de Santo António”, e que conduz à moralidade visível em segmentos como: “Eis aqui, peixinhos ignorantes, e miseráveis, quão errado, e enganoso é este modo de vida, que escolhestes.” (ll. 16-17) ou “Chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.” (ll. 22-23).

B

4. Este momento da ação decorre aquando do regresso dos navegadores à Pátria e após terem sido “impedidos” de seguir viagem, porque Vénus, querendo premiá-los pelos trabalhos, perigos e privações a que estiveram sujeitos, coloca-lhes na frente uma ilha onde estes aportaram e onde foram presenteados com um banquete e com a companhia das deusas. É precisamente este último aspeto que surge destacado neste momento textual.

5. A dimensão alegórica é conferida pela própria Ilha, cuja existência concreta não pode ser assumida, pois, tal como afirma o poeta, trata-se de uma “ilha angélica pintada”. Este espaço é simbólico e tal é visível na própria convivência dos marinheiros com as Ninfas. Camões pretendeu representar não só a heroicidade dos portugueses, mas também sugerir a recompensa que foi dada (ou que deveria ser atribuída) a quem levou a cabo feitos tão grandiosos. Assim, esta dimensão alegórica resulta do carácter simbólico que este episódio de *Os Lusíadas* tem.

GRUPO II

1. (B); 2. (A); 3. (A); 4. (D); 5. (C); 6. (B); 7. (C).

8. Complemento oblíquo. 9. “a Europa”.

10. Oração subordinada substantiva completiva.

GRUPO III

O aluno poderá referir a epopeia de Camões, *Os Lusíadas*, Saramago, prémio Nobel da Literatura, ou a obra de Fernando Pessoa, ao nível da literatura. A nível musical, o Fado (património imaterial da humanidade) ou a voz de Amália Rodrigues ou de Mariza podem ser ilustrativos de marcas identitárias do povo português.

TESTE DE AVALIAÇÃO 02 (p. 18)

GRUPO I

A

1. Obediência, ordem, quietação e atenção são as virtudes dos peixes enumeradas pelo orador.

2. Os homens perseguiram Santo António, queriam matá-lo por lhes apontar os defeitos, enquanto os peixes, em grande número, ouviam atentamente as palavras do santo, com uma atitude de respeito e de assentimento.

3. Padre António Vieira conclui que, considerando o comportamento dos homens e dos peixes perante a doutrina que Santo António lhes pregava, os peixes revelaram uma atitude intrínseca aos seres racionais, ao invés dos homens que, tendo essa capacidade, se comportaram como se fossem irracionais (feras).

B

4. O trovador afirma ter dormido uma boa sesta, pois, como a cozinha era fria, convidava ao descanso (pelo calor que se fazia sentir no verão, eventualmente) e não havia moscas, uma vez que não havia comida que as atraísse.

5. Trata-se de uma crítica à nobreza em decadência, pobre, sem recursos para os bens essenciais, pois o trovador refere sobretudo o frio que se fazia sentir na casa, onde não se acendia nunca a lareira e onde até o vinho (que existiria apenas se fosse oferecido por alguém) poderia ficar bem fresco. Faz ainda alusão à inexistência de comida. Todos estes aspetos apontam para o essencial da crítica: a penúria dos infanções.

GRUPO II

1. (C); 2. (A); 3. (C); 4. (A); 5. (B); 6. (B); 7. (D).

8. “Um paroquiano do Bonfim”; 9. Determinante relativo.

10. Modificador (do grupo verbal).

GRUPO III

O aluno poderá referir:

- a obra de Vieira e a crítica aos defeitos dos homens através da alegoria (referência aos Pegadores, Voadores, Roncadores e ao Polvo);
- a sátira política, a crítica de costumes e a paródia do amor cortês nas cantigas de escárnio e maldizer;
- a dimensão satírica da *Farsa de Inês Pereira*;
- a crítica à corrupção no *Auto da Feira*.

TESTE DE AVALIAÇÃO 03 (p. 22)

GRUPO I

A

1. Frei Jorge traz uma notícia que vai colocar em sobresalto toda a família. Neste momento, avisa as senhoras da família que, em virtude da peste que grassava em Lisboa e dos bons ares do local onde se encontram, os governadores pretendem, por capricho, sair de Lisboa e instalarem-se em Almada, mais precisamente no palácio de Manuel de Sousa Coutinho.

2. Inicialmente, D. Madalena fica assustada com as palavras de Frei Jorge e revela compreensão face à pretensão dos governadores quererem fugir da peste. Porém, quando Frei Jorge dá a entender que ela se deverá preparar para uma má notícia relacionada com as decisões dos governadores, fica espantada, admirada, atónita, como se vê em “O meu!” (l. 32). Maria, mostra-se revoltada, pois não aceita nem admite que os representantes do povo o abandonem em momentos de grande aflição e mostra-se indignada perante o facto de estes pensarem que as suas vidas valem mais do que as dos outros cidadãos (“Que mais valem as vidas deles?” – l. 15).

3. Frei Jorge, tal como se vê já nesta passagem textual, é o portador das notícias mais recentes e vindas do exterior. Tem também a função de conselheiro e de apaziguador. Sendo um homem do clero, procura trazer tranquilidade aos espíritos mais agitados e equilibrar as emoções mais fortes.

B

4. A cantiga apresentada pode segmentar-se em duas partes: na primeira, correspondente à primeira *cobla*, é apresentada a situação, que é também inserida num tempo e num espaço como se percebe pelos versos “Foi um dia Lopo jogar / a cas d’um infançom cantar” (vv. 1-2). Na segunda parte, assiste-se aos comentários críticos e sarcásticos do trovador que considera Lopo um mau jogral, pelo que o pagamento que o cavaleiro lhe dera seria escasso perante o seu péssimo cantar.

5. Trata-se de um cantiga pertencente à lírica trovadoresca mas de natureza satírica, neste caso de maldizer. A crítica é dirigida a alguém que é identificado na composição, Lopo Jogral, e que é satirizado por ser mau jogral, ao ponto de, quem escreve, considerar escasso o pagamento que lhe foi dado e daí afirmar que ele merecia muitos mais “couces” na garganta.

GRUPO II

- 1.** (D); **2.** (A); **3.** (B); **4.** (C); **5.** (C); **6.** (A); **7.** (D).
8. Subordinada substantiva completiva.
9. Normalmente, o médico reumatologista faz o diagnóstico.
10. O referente é “dor generalizada” (l. 17).

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, podendo, todavia, apresentar-se a seguinte planificação como ponto de partida:

Introdução – referir a importância dos avanços da ciência na cura de doenças e, conseqüentemente, no prolongamento da vida humana com os decorrentes benefícios para a sua qualidade.

Desenvolvimento – apresentar argumentos como: o passado – o desconhecimento das doenças e dos processos de cura, com conseqüências nefastas para o homem (exemplo: a perda de muitas vidas humanas por tuberculose, como foi o caso de Maria de Noronha, no século XVII); o presente e as descobertas de alguns cientistas como Marie Curie, no âmbito da radiologia e que permitiu a detecção de doenças, ou investigações mais recentes, deveras importantes para o combate de doenças do foro cancerígeno (exemplo: o cancro da mama tem já percentagens de cura muito significativas).

Conclusão – elogiar os avanços da ciência sempre que estes se destinam ao bem da humanidade.

TESTE DE AVALIAÇÃO 04 (p. 27)

GRUPO I

A

1. As duas cenas apresentadas situam-se no final do ato III, uma vez que se referem a aspetos relacionados com a tomada do hábito por parte de D. Madalena e Manuel de Sousa Coutinho. Esta cerimónia decorre na parte baixa do palácio de D. João de Portugal, mais precisamente na capela da Sr.^a da Piedade, na igreja de S. Paulo dos Domínicos de Almada, e a altas horas da noite.

2. Quando D. Madalena se dirige a Frei Jorge, parece ter dúvidas quanto às notícias que davam como vivo o seu primeiro marido, como se percebe na sua primeira intervenção. Contudo, as certezas de Manuel de Sousa Coutinho levam-na a assumir uma atitude de desespero, ao ponto de entrar numa espécie de delírio que a faz dirigir-se a Deus, pedindo-Lhe ajuda para suportar a dor dilacerante provocada pela necessidade de ter de se separar daqueles que mais ama. Seguidamente, revolta-se contra este Deus que tudo lhe tirou, inclusive a filha; só nas duas últimas réplicas se percebe a resignação, ao aceitar aquele destino trágico.

3. Manuel de Sousa Coutinho sempre agiu com maior racionalidade e, mais uma vez, se percebe, pela sua intervenção, que a sua honradez prevalece sobre a emoção. Por isso, vendo D. Madalena vacilar na decisão tomada, reage de forma mais fria, tentando fazê-la compreender que nada mais lhes restava senão concretizar a decisão de se separarem e de ingressarem na vida conventual. Pede, por isso, a D. Madalena que ganhe ânimo e não vacile, afastando-se de imediato. Deste modo, sobressai a racionalidade e a frieza, ainda que com o intuito de não alimentar as incertezas da esposa.

B

4. Logo na estância 80, o poeta afirma estar envolvido na pobreza, ter estado sujeito a degredos em regiões desconhecidas e, quando a esperança havia regressado, viu-se de novo sem ela e perante o risco de perder a vida, salva só por milagre. Sujeitou-se também a trabalhos duros e violentos (“Trabalhos nunca usados me inventaram, / Com que em tão duro estado me deitaram.”)

5. O verso que resume todas as adversidades é o segundo da estância 81 (“Que tamanhas misérias me cercassem”), onde o adjetivo “tamanhas” acentua as “misérias” que cercaram o poeta, nome que evidencia também uma carga semântica negativa. Assim, através desta afirmação, o leitor imediatamente se apercebe da vida dura que o “eu” poético experimentou.

GRUPO II

- 1.** (A); **2.** (C); **3.** (A); **4.** (B); **5.** (A); **6.** (A); **7.** (C).
8. “me”, “recordo”, “percebi”.
9. “outra razão mais subtil mas mais indelével” (l. 16).
10. Coesão interfrásica.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, podendo, todavia, apresentar-se a seguinte planificação como ponto de partida. Introdução – indicação do local visitado e da data/época em que tal aconteceu. Desenvolvimento – descrição dos aspetos observados, em termos arquitetónicos, civilizacionais, culturais, étnicos... Conclusão – aspetos mais emblemáticos.

TESTE DE AVALIAÇÃO 05 (p. 32)

GRUPO I

A

1. Ao longo de todo o excerto, é notória a dimensão irónica do narrador. Primeiro, na avaliação negativa e em tom jocoso que faz do pinhal da Azambuja e que é desde logo evidente no uso da interrogação retórica com que inicia o capítulo – “Este é que é o pinhal da Azambuja?” (l. 1).

Depois, na maneira como segreda ao leitor a forma como, na sua época, se faz literatura, descrevendo o processo de criação, como se de uma receita se tratasse.

2. Os deícticos, sobretudo de natureza espacial, reforçam a dimensão da deambulação geográfica da obra, na medida em que comprovam a presença física do narrador em determinado local, como se verifica, neste caso, em relação ao pinhal da Azambuja. O narrador, servindo-se de pronomes demonstrativos e do advérbio de lugar, afirma “Este é que é o pinhal da Azambuja?”; “E eu que, em pequeno, nunca ouvia contar história de Pedro de Malas-Artes, que logo, em imaginação, lhe não pusesse a cena aqui perto!..” (ll. 1-5)

3. Para Garrett, a Natureza simétrica, harmoniosa, fértil e verdejante surge como um espaço capaz de despertar no ser humano sentimentos de paz, benevolência e tranquilidade e, por isso, passível de o reconduzir à pureza primordial. Ora, o pinhal da Azambuja não só não é um espaço com as características atrás enunciadas como não desperta sentimentos positivos no narrador. Pelo contrário, aguça-lhe o espírito crítico.

B

4. A metonímia, evidente no facto de se representar a arte de escrever através da pena, e a de guerrear através da espada, serve para salientar as virtudes de César, destacando-se, assim, o facto de ele não só ser um excelente guerreiro mas também um amante das letras.

5. Em *Viagens na minha terra*, Garrett denuncia a falta de originalidade dos escritores da sua época em termos de criação literária, ao confessar que, para a conceção das suas obras, os seus autores seguiam uma espécie de receita, incluindo personagens prototípicas e dando-lhes um cunho de erudição através da inclusão de algum vocabulário retirado de antigas crónicas. Já em *Os Lusíadas*, Camões estabelece uma comparação entre os portugueses e os povos da Antiguidade (gregos e romanos), declarando que estes sempre prezaram as artes e as letras, enquanto os seus contemporâneos não valorizam a literatura e, por isso, Portugal carece de génios artísticos e de quem possa apreciar as grandes obras literárias.

GRUPO II

1. (B); **2.** (B); **3.** (C); **4.** (A); **5.** (D); **6.** (A); **7.** (D).

8. Genética, congénito, genealogia, ...

9. Coesão lexical (por repetição).

10. Acrónimo.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, podendo, todavia, apresentar-se a seguinte planificação como ponto de partida. Introdução – apresentação de dados importantes sobre o país (localização geográfica, número de habitantes, aspectos históricos marcantes, ...). Desenvolvimento – apresentação e descrição de duas atrações turísticas de Portugal (monumentos, praias, gastronomia, ...). Conclusão – fecho do texto, reforçando o potencial turístico de Portugal.

TESTE DE AVALIAÇÃO 06 (p. 37)

GRUPO I

A

1. Este capítulo assume uma relevância extrema na estrutura global, na medida em que se assiste ao cruzamento entre os dois níveis diegéticos da obra: o da viagem e o da novela. Assim, o narrador que empreendeu uma viagem de Lisboa a Santarém e agora, antes do regresso a casa, volta a passar pelo vale, assume-se como companheiro de Carlos conseguindo aceder a um conjunto de informações que permitem ao leitor saber o que aconteceu às personagens da história da *menina dos rouxinóis*, concluindo-se, dessa forma, a novela e, logo de seguida, a viagem.

2. A afirmação de Rousseau aponta para os efeitos da sociedade no ser humano, particularmente quando estes contribuem para a corrupção do Homem que, à partida, é bom. Ora, extensivamente, percebe-se que os ideais de carácter mais espiritual do que material defendidos pelo protagonista Carlos vão desaparecer quando este se deixa corromper materialmente e se torna barão.

3. O sentimento nacional é relevado no momento em que Frei Dinis e o narrador admitem o falhanço das duas fações que estiveram em luta (os absolutistas e os liberais), uma vez que se depreende que a sociedade só poderá evoluir se houver confluência de objetivos e se todos lutarem pelo bem comum.

B

4. A angústia, o desespero e até o estado alucinado de Maria são perfeitamente ilustrados pelo seu discurso, nomeadamente pelas recorrentes interpelações – “Que quereis fazer?” (l. 6), “vós quem sois?” (l. 7), “Mãe, mãe” (l. 8); interrogações retóricas – “Que Deus é esse, que está nesse altar e quer roubar o pai e a mãe a sua filha?” (ll. 6-7); hesitações – “e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao colo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é...” (ll. 12-13); repetições – “Mãe, mãe, eu bem o sabia” (ll. 13-14); frases inacabadas e/ou sem qualquer nexo – “Pobre mãe! tu não podes... coitada!...” (ll. 22-23) e pelo uso de expressões disfóricas – “Vós quem sois, espectros fatais?” (ll. 7-8). O ritmo acelerado do discurso contribui também para evidenciar o seu estado de espírito.

5. Em *Viagens na minha terra*, Joaninha, depois de enlouquecer, morre fisicamente, ao mesmo tempo que todas as outras personagens “morrem” psicologicamente: Carlos, porque abdica dos seus ideais, ao tornar-se barão, Georgina, ao refugiar-se na religião, tornando-se abadessa, frei Dinis e a velha, no despreendimento dos valores mundanos, enquanto aguardam pela morte física. Em *Frei Luís de Sousa*, Maria morre também, vítima de tuberculose, agravada, entretanto, pela calamidade que atingiu a casa, depois de constatar que os seus pais abraçariam a religião, de forma a “morrerem” para um mundo que não aceitava a sua relação.

GRUPO II

1. (C); **2.** (C); **3.** (D); **4.** (B); **5.** (A); **6.** (A); **7.** (B).

8. “um *thriller* dramático”; “obra”; “um grande filme”.

9. Complemento de nome.

10. Subordinada adjetiva relativa restritiva.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, podendo, todavia, apresentar-se a seguinte planificação como ponto de partida. Introdução – apresentação do tema e tomada de uma posição sobre a legitimidade ou não da eutanásia. Desenvolvimento – apresentação de argumentos e exemplos que fundamentem a posição assumida (exemplos de argumentos a favor: é uma forma de acabar com o sofrimento de doentes terminais; cada indivíduo deve ter o direito de decidir o que fazer com a sua própria vida; exemplos de argumentos contra: a ciência está sempre a evoluir e alguém que pense estar no limiar da morte pode ver a sua situação revertida; em termos religiosos, pôr termo à vida é condenável). Conclusão – retoma da posição defendida e fecho.

TESTE DE AVALIAÇÃO 07 (p. 43)

GRUPO I

A

1. O tema do amor-paixão é visível no facto de Teresa demonstrar estar dominada por um sentimento tão avassalador que está disposta a morrer por ele, recusando o casamento com outro homem.
2. Apesar de ter noção de que Teresa não ama Baltasar, tendo recusado já uma vez contrair matrimónio com ele, Tadeu menospreza o amor e acredita que, enquanto pai, tem o direito de impor à filha o casamento com o primo, chegando mesmo a confessar que o amor de um pai, por vezes, se manifesta sob a forma de violência. Esta mentalidade coaduna-se com a que vigorava na época, uma vez que os casamentos de conveniência eram usuais, como forma de preservar os privilégios ou de ascender económica e socialmente.
3. O diálogo imprime vivacidade e dinamismo à ação, já que empresta à narrativa um ritmo teatral e é através dele que se assiste ao desenrolar dos acontecimentos. Confere, ainda, um carácter de maior verosimilhança à história, na medida em que não só reflete o estatuto social das personagens em diálogo, como também ilustra os estados de espírito dessas mesmas personagens.

B

4. O espaço religioso onde decorriam as romarias, como é o caso de Sam Servando, assume nas cantigas de amigo um papel de extrema relevância, na medida em que são muitas as composições em que se evoca uma determinada romaria como pretexto para a donzela se encontrar com o seu amigo.
5. Em ambos os textos é notória a paixão vivenciada pelas mulheres protagonistas, estando ambas dispostas a defender o seu amor a todo o custo: Teresa prontifica-se a morrer; a donzela manifesta a intenção de se vingar da mãe. Em ambos os textos, surge também um oponente à consumação desse amor: no caso da cantiga, a mãe impede a donzela de se deslocar a Sam Servando, onde estaria o seu amigo; em *Amor de perdição*, Tadeu pretende acabar com a relação entre Teresa e Simão, obrigando-a a casar com Baltasar.

GRUPO II

1. (B); 2. (D); 3. (D); 4. (C); 5. (B); 6. (A); 7. (D).
8. “aqui”.
9. “Comunidade familiar ou grupo extenso de parentesco”.
10. Polivalente, poliglota, politeísta, ...

GRUPO III

Apesar de a família manter na atualidade a mesma importância que no passado, é necessário que se operem algumas transformações na forma como é entendida, para que ela possa estar mais adaptada à sociedade moderna.

De facto, a família, entendida como grupo conjugal, que varia conforme se trate da vida urbana ou da vida rural, desempenhou ao longo dos séculos um papel de extrema relevância na estrutura global da sociedade, na medida em que, numa dimensão mais restrita, exercia sobre os indivíduos a política do Estado.

Hoje, assistimos a uma alteração no que diz respeito à posição que a família assume na sociedade, fruto das modificações económicas e sociais que se têm vindo a operar bem como das transformações dos sistemas de valores.

(124 palavras)

TESTE DE AVALIAÇÃO 08 (p. 48)

GRUPO I

A

1. As expressões “De manhã” (l. 1), “Às onze horas” (l. 4), “Ao segundo dia de viagem” (l. 5), “Era o dia 27 de março, o nono de enfermidade de Simão Botelho” (l. 15), “Ao romper da manhã” (l. 16), “Algumas horas volvidas” (l. 24) contribuem para a concentração temporal da ação, a qual decorre, agora, precipitadamente, em nove dias, sendo apenas relatados os aspetos fundamentais que conduzem ao culminar da ação.

2. Mariana vai demonstrando ao longo do tempo que está determinada a suicidar-se, se Simão morrer. Assim, a atitude que a personagem assume, quando confrontada com a iminência da morte de Simão, é reveladora de alguém que deixa de sofrer com a vida, convicto de que cedo se vai desprender dos aspetos terrenos e, por isso, não chorou quando ouviu o prognóstico do seu amado e perguntou-lhe, nas palavras do narrador, com uma “pasmosa serenidade” (l. 7) o que fazer às suas cartas, se Simão morresse no mar. Depois, acaba por revelá-lo explicitamente, quando o degredado lhe pergunta o que fará ela se ele morrer no mar. A resposta é imediata: “Morrerei, senhor Simão” (l. 12). Finalmente, é ainda indicativo do seu suicídio, o facto de não ter chorado nem orado, quando Simão morre, como se acreditasse que, em breve, estaria junto dele, e o facto de apresentar uma postura inerte e estranha, enquanto os marujos davam puxões ao cadáver do académico para segurar a pedra à cintura.

3. Apesar de Mariana amar Simão, tem plena consciência de que o seu amor não é correspondido e de que ele sente por ela apenas um amor fraternal. Por essa razão, designa-o de “meu irmão” (l. 6). Por outro lado, por reconhecer que Simão é detentor de um estatuto social mais elevado do que o seu, as suas palavras revestem-se de alguma formalidade, nomeadamente quando diz “senhor Simão” (l. 12).

B

4. É na parte final da obra que a tragédia, na sua máxima dimensão, se abate sobre toda a família e é, por isso, aqui, que se atinge a catástrofe, com a morte física e/ou psicológica das personagens principais. Na verdade, na altura em que D. Madalena e Manuel de Sousa, num sofrimento atroz, se preparavam para professar e dedicar-se inteiramente a Deus, o que ditaria para sempre o seu afastamento,

a catástrofe atinge também o elemento mais vulnerável da família – Maria – que acaba por sucumbir, vítima da doença que a perseguia mas, sobretudo, da calamidade que atingiu a sua família com a vinda do Romeiro.

5. Quer em *Amor de perdição* quer em *Frei Luís de Sousa* se assiste à morte por amor das principais personagens, seja essa morte de natureza física, seja psicológica. Assim, nove dias depois da morte de Teresa, Simão, acometido pela dor intensa da perda da amada, acaba também por sucumbir, o que leva Mariana a suicidar-se, por não conceber a vida sem o homem que ama. Em *Frei Luís de Sousa*, Maria morre também, vítima de tuberculose, pela desgraça que atingiu a família, enquanto os seus progenitores “morrem” para o mundo.

GRUPO II

1. (B); 2. (D); 3. (A); 4. (D); 5. (A); 6. (B); 7. (C).
8. Coesão gramatical (referencial).
9. Oração subordinada adverbial causal.
10. Síncope e sonorização.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, podendo, todavia, apresentar-se a seguinte planificação como ponto de partida. Introdução – o quadro, denominado *O dia da morte*, apresenta duas mulheres abraçadas num espaço fúnebre. Desenvolvimento – cores (o negro das roupas das figuras femininas, símbolo da morte, contrasta com o verde das árvores, que representam a vida); posição (ambas as mulheres surgem prostradas. Uma tenta consolar a outra que evidencia estar tão desesperada que parece não ter forças e sucumbir); expressões (a mulher cuja cara é visível exibe uma expressão facial de tristeza); sentimentos despertados (tristeza, desgosto, angústia, desespero); símbolos da morte (a cruz, o negro, o véu); relação com *Amor de perdição* e *Frei Luís de Sousa* (o tema da morte bem como a angústia e o desespero por ela motivados estão bem patentes em ambas as obras, nomeadamente nas figuras de Teresa, Simão e Mariana (*Amor de perdição*) e de Maria, Manuel e Madalena (*Frei Luís de Sousa*), apresentação da opinião sobre a pintura. Conclusão – síntese da opinião pessoal.

TESTE DE AVALIAÇÃO 09 (p. 53)

GRUPO I

A

1. São características do herói romântico: o abandono a que se sente votado, decorrente do facto de ter perdido a confiança do rei no seu projeto e que o conduz à propensão para o isolamento, ao desânimo e à descrença – “por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” (ll. 6-7) –, a defesa da honra – “Dos títulos que me dais só me cabe hoje o de honrado” (ll. 12-14) –, traduzida, por vezes, numa atitude insolente – “Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abóbada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disso: agora eles que a alevantem” (ll. 30-32); o patriotismo e a luta pela liberdade – “– Cuja coroa – acudiu o cego – lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quais reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escrito: – os vassalos portugueses são livres” (ll. 35-37).

2. O sentimento nacional evidencia-se, por um lado, pelo facto de se reconhecer que, afinal, um arquiteto português poderá ter um melhor desempenho do que um estrangeiro; por outro, pela evocação do episódio da batalha de Aljubarrota, onde os valerosos portugueses, entre os quais se conta Afonso Domingues, derrotaram os castelhanos ao comando de D. João I, preservando a hegemonia de Portugal.

3. A comparação presente na frase serve para destacar o abandono e esquecimento a que Afonso Domingues se sentia votado, uma vez que ele se assemelha a uma carta antiga, inútil, descurada, no fundo de uma arca.

B

4. A afirmação da consciência coletiva é evidente na forma como todos (rei, fidalgos, cidadãos honrados e povo) colaboravam na preservação da cidade e, por extensão, na conservação de Portugal como um país autónomo, independente de Castela, estando, por isso, os seus cidadãos dispostos a morrer em prol da pátria e da liberdade da mesma.

5. Em ambos os textos (A e B), D. João é visto como o símbolo de autoridade: “– Lembrai-vos, cavaleiro, – disse-lhe – de que falais com D. João I” (A – l. 34), “E ordenou o Meestre” (B – l. 8); o garante da liberdade: “D. João I é assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lanças estava escrito: – os vassalos portugueses são livres” (A – ll. 36-37), “Onde sabee que como o Meestre e os da cidade souberom a viinda del-Rei de Castela, e esperaram seu grande e poderoso cerco, logo foi ordenado de recolherem pera a cidade os mais mantiimentos que haver podessem” (B – ll. 5-7); o rei piedoso e preocupado com os seus vassalos: “El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito e dilatar-lho suavemente” (A – ll. 45-46), “o Meestre que sobre todos tiinha o especial cuidado da guarda e governança da cidade” (B – ll. 19-20). Por outro lado, enquanto na *Crónica de D. João I* (texto B) é evidente a obediência do povo às ordens do rei – “de guisa que, a todo o boom regimento que o Meestre ordenava, nom minguava avondança de trigosos executores” (ll. 23-24) –, em “A abóbada” (texto A), Afonso Domingues, numa primeira fase, recusa realizar o desejo de D. João I – “Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abóbada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz disso: agora eles que a alevantem” (ll. 30-32).

GRUPO II

1. (C); 2. (A); 3. (D); 4. (A); 5. (B); 6. (D); 7. (C).
8. Síncope e sinérese.
9. Complemento agente da passiva.
10. “que a época dos Descobrimentos consagrou” – subordinada adjetiva relativa restritiva.

GRUPO III

D. João I, filho bastardo de D. Pedro, nasceu em Lisboa em 1357 e ingressou na Ordem de Avis desde tenra idade. Após a morte de D. Fernando, iniciou uma luta decisiva contra Castela e foi aclamado rei, assegurando dessa forma a independência de Portugal.

Casou com D. Filipa em 1387, com quem teve vários filhos, alguns deles com um papel decisivo no período de expansão, iniciado pelo pai, com a conquista de Ceuta.

Morreu em 1433. (77 palavras)

TESTE DE AVALIAÇÃO 10 (p. 58)**GRUPO I****A**

1. Tendo tido conhecimento de que Dâmaso tecia comentários pouco abonatórios sobre o seu relacionamento com Maria Eduarda, em diversos locais, incluindo no Grémio, e perante amigos e conhecidos de ambos, Carlos fica indignado e furioso, até porque os uniam laços de amizade, e decide dar uma lição a Dâmaso. Durante o percurso até aos Olivais, a ideia de o destruir, de forma tão visível e violenta que pudesse constituir uma lição, não abandona Carlos, que congemina, demoradamente, sobre essa possibilidade.

2. A descrição do leito contempla dois aspetos, como se observa na expressão, “o leito dela, rico, alçado sobre um estrado, envolto em cortinados de brocatel cor de ouro, com um esplendor sério de altar profano...” (ll. 7-9). Por um lado, reveste-se de uma rica decoração em brocatel de tons dourados, o que lhe dá um aspeto sagrado de “altar” refulgente, mas, por outro lado, a mesma decoração e o destaque que tem no quarto indiciam o lado carnal do amor de Carlos e Maria Eduarda, que será vivido naquele lugar. Assim, o leito é, ao mesmo tempo, sagrado e profano.

3. A última afirmação de Carlos revela a sua felicidade e o modo como o amor entre ele e Maria Eduarda o traz enlevado e deliciado. Perante a constatação de Alencar de que a vida é “um mar de lágrimas”, Carlos não consegue senão pensar em si e na sua felicidade, fruto do bilhete de Maria Eduarda, em que esta o convidava a visitá-la à noite, e que guardou como se fosse uma “doce relíquia”.

B

4. O “eu” poético revela a sua dificuldade em determinar exatamente o modo como se sente, afirmando que a euforia e a disforia tomam conta de si, alternadamente, o que lhe provoca um “desconcerto”, a tal ponto que vê deturpada até a noção de tempo. As antíteses, presentes nas quadras “em vivo ardor tremendo estou de frio” (v. 2), “choro e rio” (v. 3) e “o mundo todo abarco e nada aperto” (v. 4), exprimem a vivência de estados de espírito opostos e contraditórios.

5. O “eu” afirma não conseguir determinar com clareza o seu estado de espírito, apesar de não conhecer a causa do seu sofrimento (“sem causa”), o que se confirma inicialmente no último terceto (“respondo que não sei”). No entanto, apresenta de seguida, em jeito de suposição, a verdadeira razão do seu desconcerto – a contemplação da amada (“só porque vos vi, Senhora”).

GRUPO II

1. (A); 2. (C); 3. (B); 4. (D); 5. (A); 6. (C); 7. (D).

8. Verbo principal transitivo indireto.

9. Modificador do nome apositivo.

10. Oração subordinada adjetiva restritiva.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal. Contudo, o aluno pode seguir o seguinte cenário. Introdução – evidenciação da importância do amor para o ser humano. Desenvolvimento – constatação de que o amor contribui para o bem-estar; factualidade da necessidade de amar para o equilíbrio emocional na relação consigo e com os outros; explicitação de que a consciência de ser amado desenvolve nobres

sentimentos no relacionamento social; ... Conclusão – reforço da ideia de que o amar e ser amado é fundamental para a harmonia pessoal e social.

TESTE DE AVALIAÇÃO 11 (p. 62)**GRUPO I****A**

1. A ação deste excerto insere-se no episódio relativo às corridas de cavalos, constante do capítulo X, e refere-se ao momento em o jóquei de um cavalo (o *Júpiter*, vencido numa das competições) veio pedir satisfações ao juiz da corrida, afirmando que a sua derrota se deveu a uma fraude. Esta situação gerou a indignação do Vargas e os ânimos acabaram por se exaltar.

2. Ao longo do excerto, tanto através das palavras do narrador como dos comentários do marquês, é criticado o comportamento dos que assistiam à corrida, afirmando-se que um “sopro grosseiro de desordem reles” (ll. 11-12) tinha desmanchado as aparências de povo civilizado que tinham sido evidenciadas. Critica-se o interesse ridículo e “postiço” dos portugueses pelas corridas e a sua vocação para desordens, afirmando o marquês que “gostamos é de vinhaça, e viola, e bordoadas” (l. 21).

3. O marquês fica indignado com o comportamento arrua-ceiro do povo português, a ausência de modos e a hipocrisia ao importar do estrangeiro atividades que não sabia cumprir ou dignificar. Carlos e Clifford veem o tumulto de forma diferente – o primeiro garante que é “pitoresco”, sente-se como observador de toda aquela confusão e nada o afeta. Considera-se, e é, diferente daquela gente, nos gostos, na educação e no comportamento, daí que entenda aquela confusão como um motivo de interesse que dava um certo colorido ao acontecimento. Clifford, apesar de achar deplorável a atitude presenciada, mantém a sua postura educada e correta e desvaloriza o sucedido.

B

4. Lianor Vaz critica o comportamento “ambicioso” de Inês no que se refere a encontrar um marido, uma vez que esta desdenha da carta que Pero Marques lhe escreveu. A alcovi-teira aconselha a jovem a casar, ainda que o pretendente não lhe agrade, garantindo que é melhor casar com o candidato que lhe aparecer, se ele tiver o que é “mister”, ou seja, os atributos importantes num marido: dinheiro e bondade.

5. Recorrendo à ironia, Inês menospreza o pedido da mãe para se “preparar” para receber Pero Marques. Zombando, garante que homem que escreveu tal carta não distinguirá entre uma moça apresentável e uma moça descuidada, já que as suas palavras não deixam antever delicadeza nem cortesia.

GRUPO II

1. (A); 2. (B); 3. (C); 4. (A); 5. (C); 6. (C); 7. (D).

8. Pronome relativo.

9. Trata-se de uma citação.

10. Oração subordinada adverbial causal.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal. Contudo, o aluno pode seguir o seguinte cenário. Introdução – apresentação da tese (a importância da leitura). Desenvolvimento – a leitura como potenciadora de diferentes tipos de aprendizagem (outros

povos, outras culturas, ...), bem como o contacto com novas palavras e formas de dizer que potenciam o desenvolvimento da competência da escrita e o enriquecimento da personalidade; apresentação de exemplos que comprovem os argumentos atrás referidos. Conclusão – reforço da tese defendida.

TESTE DE AVALIAÇÃO 12 (p. 66)

GRUPO I

A

1. Este excerto narrativo insere-se no capítulo V e segue-se ao momento em que Gonçalo conclui o capítulo II d'A *torre de D. Ramires*, com a narração da prisão do seu antepassado Lourenço pelo Bastardo de Baião. Apesar de prisioneiro, Lourenço mantém a firmeza e a dignidade dos Ramires. Gonçalo está duplamente contente: por um lado, pelos avanços na sua novela; por outro, pelo louvor à valentia e honradez dos Ramires de outrora.

2. O Fidalgo da Torre, através da escrita da sua novela, onde louva e glorifica os seus antepassados – o seu valor, a sua aguerrida coragem –, imortalizará, com “Saber” e “Arte”, a história dos Ramires, e, pela sua obra literária, será tão valorizado e reconhecido como os seus antepassados pelas suas façanhas. Os Ramires de outrora reconhecidos na arte da guerra, Gonçalo reconhecido na arte literária e, assim, “ricos-homens de Santa Ireneia reviviam no seu neto” (l. 10).

3. A decadência da nobreza reflete-se na decadência dos seus solares, tal como acontece com a Torre de Santa Ireneia, verificável no último parágrafo do texto, onde se descreve a degradação da antiga morada dos Ramires, ou-trora distinta: um “portão nobre [...] com labores e brasão de armas” (ll. 22-23), do qual “restam apenas os dois umbrais de granito, amarelados de musgo” (l. 23) e “uma cancela de tábuas mal pregadas, carcomidas da chuva e dos anos” (l. 24).

B

4. Os dois versos iniciais da estância destacam o deleite trazido pelo louvor e glória dos “próprios feitos”, quando estes são reconhecidos e “cantados”. Afirma-se, portanto, que os grandes feitos devem ser divulgados e dignos de mérito.

5. Por um lado, todo o homem “nobre” é motivado pelos feitos dos seus antepassados e tenta igualar, ou ultrapassar, o seu mérito e reconhecimento; por outro lado, ao invejar a sua fama e o louvor a que tiveram direito, desde que obtidos por grandes obras, trabalhará para se tornar merecedor delas.

GRUPO II

1. (D); 2. (C); 3. (A); 4. (B); 5. (C); 6. (D); 7. (C).

8. “O protagonista do romance” (l. 18).

9. Oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

10. Modificador (do grupo verbal).

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal. Contudo, o aluno pode seguir o seguinte cenário. Introdução – constatação que ser incentivado e reconhecido pelo mérito é sinónimo de motivação. Desenvolvimento – perceber que o trabalho contribui para o desenvolvimento de um dado projeto coletivo ou pessoal, o que implica positivamente o carácter empreendedor. Evidenciar que o fim último do trabalho/ do esforço não será apenas

o mérito pessoal (deve ser privilegiado o bem comum, da sociedade), mas que desse esforço pode, e deve, ser dado o mérito a quem se dedica; apresentação de exemplos concretos que comprovem este facto. Conclusão – reforço da necessidade do reconhecimento (nos estudos, no trabalho, ...) considerando sempre o bem comum e não o pendor egoísta.

TESTE DE AVALIAÇÃO 13 (p.70)

GRUPO I

A

1. O poeta invoca a calma da noite, pois considera que só o seu espírito é capaz de apaziguar a “febre de Ideal” (v. 13).

2. A noite aparece personificada dado que só a ela o sujeito poético confia o sonho do seu coração (veja-se a repetição do “tu”) e, depois de lhe atribuir um espírito, uma alma, designa-a como “Génio” (v. 14), o que nos permite inferir a divinização dessa mesma noite.

3. O espírito da noite transporta o coração para um ambiente de paz, de tranquilidade, sugerido pela aproximação do crepúsculo (vv. 1-2), pela suavidade das águas (“que flutua” – v. 3, “que voga” – v. 6) e pelo canto (“sublimemente se insinua” – v. 6); o coração confia ao espírito o seu sonho, a febre de Ideal pelo qual o sujeito poético anseia. Se o espírito era o centro da noite, a sua alma, o coração é o centro do sofrimento, do tumulto (“meu tormento” – v. 4) do “eu” lírico. Há, portanto, um paralelismo entre “espírito” e “coração”, alma e corpo.

B

4. Carlos é um ser incompreendido, dominado pelos sentimentos (“tenho poderes demais no coração. Estes excessos dele me mataram... e me matam!” – ll. 8-9), pelo destino, irremediavelmente condenado ao sofrimento (“Oh, bem sei que estou perdido!” – l. 4), que se move entre a culpa e o perdão (“não posso perdoar eu. E quem me há de perdoar a mim?” – ll. 22-23). Estas características permitem qualificá-lo como personagem romântica.

5. Trata-se de uma carta em que Carlos faz uma reflexão sobre a sua vida (passada e presente), as suas angústias, a sua personalidade, daí o uso da primeira pessoa gramatical. O teor intimista verifica-se sobretudo através do valor semântico de vocábulos como “perdeu”, “perdido”, “desvarios”, “coração”, “crime”, “pecado”, “perdoe”, “penitência”, “martírio”, entre outros, e dos pronomes pessoais, determinantes e pronomes possessivos de primeira pessoa – com referência deíctica (“meus”; “minha”; “meu”, “me”).

GRUPO II

1. (A); 2. (D); 3. (B); 4. (A); 5. (C); 6. (A); 7. (C).

8. Pronome indefinido.

9. Modificador do nome positivo.

10. Oração subordinada substantiva completiva.

GRUPO III

O aluno poderá referir a importância da investigação e da tecnologia ao serviço: da medicina, nomeadamente na cura de doenças; da gestão e preservação de recursos ambientais e da sua distribuição sustentável e solidária em todo o planeta; da descoberta de soluções para os países mais pobres, que se debatem com problemas como a falta de água e de outros recursos naturais (novas formas de energia, novas culturas, ...).

TESTE DE AVALIAÇÃO 14 (p. 75)

GRUPO I

A

1. O sujeito poético revela-se um ser sensível, desejoso de evasão, angustiado, pessimista (“alma ardente” – v. 2, “esta ânsia” – v. 5, “e eu, pobre crente” – v. 6, “pura essência das lágrimas que choro” – v. 2), com preocupações metafísicas e dúvidas de cariz teológico (“Que és tu aqui?” – v. 10, “Ó sonhada visão” – v. 2), pois procura evidências acerca da existência de Deus (“se és verdade, / Descobre-te, visão, no Céu ao menos!” – vv. 13-14).

2. As interrogações demonstram o tom reflexivo e inquiridor do poema, acentuando a dúvida e ânsia que caracterizam o sujeito lírico.

3. Os versos referidos ilustram a procura de um Deus que seria o remédio para o sentimento pessimista e que possibilitaria a evasão do espírito, pela qual o sujeito poético anseia (“Pelo Mundo procuro um Deus clemente, / Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...” – vv. 7-8).

B

4. O poeta opõe “Verdade, Amor, Razão, Merecimento” (v. 1), valores que garantem o fortalecimento espiritual, a “Fortuna, Caso, Tempo e Sorte” (v. 3), valores que regem o mundo. Desta forma, evidencia uma visão religiosa do mundo, que proporciona a vida eterna, e condena a visão materialista que se baseia na procura do prazer.

5. Depois de manifestar incompreensão face a um mundo regido por “Fortuna, Caso, Tempo e Sorte” (v. 3), “Crer em Cristo” (v. 14) é a única atitude que o sujeito lírico considera que se deve tomar como forma de elevação da alma.

GRUPO II

1. (B); 2. (C); 3. (B); 4. (A); 5. (D); 6. (C); 7. (A)

8. Deíctico de natureza espacial: “aqui”, que se refere à República Centro-Africana; deícticos de natureza pessoal: “convosco”, que se refere aos populares da República Centro-Africana que o escutam, e “meu”, que evidencia o “Eu” que fala, Papa Francisco.

9. Oração subordinada adjetiva relativa explicativa.

10. “evangelização”.

GRUPO III

O aluno poderá observar os seguintes pontos: contraste entre a mancha vazia, isolada, que envolve o ser humano e a mancha cheia que rodeia a divindade; diferença de cores (cores quentes envolvendo Deus); toque dos dedos entre as duas figuras (proximidade? indiferença?); nudez da figura humana (vulnerabilidade? ingenuidade? inocência? estado embrionário?); sugestão de separação entre a terra e o céu, o bem e o mal...

TESTE DE AVALIAÇÃO 15 (p. 79)

GRUPO I

A

1. O sujeito poético encontra-se a deambular pela cidade de Lisboa, num fim de tarde, uma vez que logo na primeira estrofe se faz referência ao Tejo, ao bulício e à azáfama típicos do final de um dia de trabalho. Por isso, os versos “Nas nossas ruas, ao anoitecer” (v. 1) e “Que as sombras,

o bulício, o Tejo, a maresia” (v. 3) atestam a localização espaço-temporal anteriormente registada. A deambulação é também evidente na forma verbal “erro” (v. 20).

2. As exclamações presentes na terceira estrofe traduzem a emotividade, o estado de espírito do “eu” poético; estas exclamações (“Felizes!” – v. 10; Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo! – v. 12) parecem sugerir uma certa inveja daqueles que partem e, desse modo, fogem da realidade onde se encontra o “eu”. Estes podem ver outras capitais, conhecer o mundo, em vez de ficarem emparelhados e sujeitos ao “desejo absurdo de sofrer” (v. 4) que a cidade onde o “eu” poético se encontra lhe desperta.

3. Desde o primeiro momento, o sujeito poético refere a perturbação e o enjoo provocados pelo “gás extravasado” (v. 6), e ainda o “desejo absurdo do sofrer” (v. 4). A decepção e o desânimo são ainda despertados pelas edificações, que o “eu” compara a gaiolas, e pelos tipos humanos retratados, ao ponto de confessar que se embrenha a cismar e a errar pelos cais. Por tudo isto, facilmente se percebe que no sujeito poético prevalece um sentimento de desânimo e de disforia que lhe despertam o desejo de fuga.

B

4. Na cidade não havia trigo para vender e o que havia era tão caro que os pobres não o podiam pagar. Também havia falta de carne, as mães tinham falta de leite devido à fome que sentiam, e, por isso, começavam a comer pão de bagaço de azeitona e os bolbos das malvas e raízes das ervas. Homens e moços esgravatavam a terra à procura de grãos de trigo para os comer, outros, fartos de comer erva, bebiam tanta água que morriam inchados. Os pobres, sobretudo, começaram a comer as carnes das bestas. As crianças de três e quatro anos andavam pela cidade a pedir pão, mas poucos lho davam. Perante tal miséria e desespero, tentavam consolar-se uns aos outros, encomendavam missas, choravam, queixando-se da vida e desejando a morte.

5. Ambos os textos apresentam o mesmo referente espacial, a cidade de Lisboa, e nos dois esta é retratada negativamente, ainda que por razões diferentes. No caso de Cesário Verde, a dor humana resulta do trabalho árduo a que os mais desfavorecidos se submetem para poderem sobreviver. Em Fernão Lopes, este mesmo grupo é destacado, mas por motivos distintos: a sua situação é ainda mais penosa e o seu sofrimento mais acentuado, pois não tinham mantimentos que lhes permitissem subsistir, uma vez que a cidade estava cercada pelos castelhanos há cerca de quatro meses. Tal facto levava os habitantes ao desespero total e a desejar a morte.

GRUPO II

1. (B); 2. (C); 3. (A); 4. (A); 5. (D); 6. (B); 7. (D).

8. Complemento oblíquo.

9. “Cadilhe”.

10. Gonçalo Cadilhe afirmou que em terra onde estivesse faria como visse. Excluía o transporte aéreo porque voar sobre África não era viajar por África.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, podendo, todavia, apresentar-se a seguinte planificação como ponto de partida. Introdução – viajar é o sonho da maioria dos seres humanos, é a possibilidade de fugir à monotonia ou ao stresse do quotidiano. Desenvolvimento – 1.º argumento: razões

pelas quais viajar é gratificante e aqueles que mais facilmente concretizam esse sonho (exemplo: o desempenho de cargos diplomáticos ou o poder económico de certos grupos sociais); 2.º argumento: pobreza, más condições sociais e económicas, regimes políticos autoritários, fatores inibidores ou impeditivos de viajar (exemplo: a exigência de vistos e autorização de permanência limitada). Conclusão – a possibilidade de viajar pode estar muito dependente de condições económicas e sociais.

TESTE DE AVALIAÇÃO 16 (p. 83)

GRUPO I

A

1. O grupo social destacado é o povo e, neste caso concreto, a atenção recai nos cavadores que abrem as valetas e que o sujeito poético compara a animais (“as bestas”) por serem “Homens de carga!”. Contudo, revela comiseração por eles, até porque tem consciência de que o povo sofre, agoniza e tem, tal como os trabalhadores que a esta classe pertencem, uma “vida tão custosa!”.

2. O “eu” lírico mostra-se atento e crítico relativamente a tudo o que observa. Porém, na segunda estrofe, percebe-se que tem pena dos pobres trabalhadores, quando afirma “Que vida tão custosa!” (v. 7) e dá conta da sua comiseração mas, simultânea e respetivamente, da sua imaginação criadora, ao falar do sofrimento e da agonia do povo e ao ver uma bandeira no pano rasgado das camisas, divisas nos listrões de vinho e uma cruz nos suspensórios.

3. Nas estrofes selecionadas destaca-se a adjetivação, usada na caracterização dos trabalhadores (“Possantes, grossas, temperadas, [...] ralaço” – vv. 3-4; “E manso [...] calosas mãos gretadas” – vv. 5 e 9), e fá-lo de forma tão pormenorizada que o leitor pode mesmo imaginá-los no desempenho das suas tarefas. As exclamações conferem bastante expressividade ao texto, uma vez que, através delas, se consegue percecioniar as emoções do sujeito poético quando observa a realidade que retrata. Neste caso, a sua comoção vem ao de cima quando avalia o esforço desmedido daqueles homens, bem como a vida dura que levam (“Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!” – v. 6).

B

4. Este momento textual faz parte da exposição/confirmação, mais precisamente do capítulo IV, onde o Padre António Vieira tece as repreensões. Logo no início, o orador

lamenta a ignorância e a cegueira dos peixes (homens) que se deixam iludir tão facilmente, exemplificando com aqueles que são enganados por uns simples panos. Costuma interpretar-se este facto como uma crítica à vaidade dos colonos, que se deixam enganar pelos comerciantes, comprando os tecidos que estes vendem a preços caríssimos.

5. Cesário Verde lastima a situação dos trabalhadores que ele vê como “bestas de carga” e que têm uma “vida tão custosa”, mas não podem nem agem de modo a criticar ou alterar a situação em que se encontram. Vieira, por sua vez, conhece os vícios dos homens e preocupa-se com os erros que cometem; logo, tenta alertá-los para evitarem as más condutas e para fugirem da ignorância, da cegueira, da ambição, aconselhando-os a levar uma vida recatada. Sendo assim, e ainda que tenham finalidades distintas, ambos os autores revelam preocupação social ao elegerem os homens como alvos dos seus textos – ou lamentando as suas condições de vida e/ou criticando opções de conduta.

GRUPO II

1. (B); 2. (D); 3. (C); 4. (B); 5. (A); 6. (C); 7. (D).

8. Livro, biblioteca, livraria.

9. Oração subordinada substantiva completiva.

10. Coesão lexical por antonímia.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, podendo, todavia, apresentar-se a seguinte proposta de síntese:

O autor começa por afirmar que no século XIX só três poetas mereceram a designação de mestres: Antero, Cesário e Camilo Pessanha.

Posteriormente, particulariza a situação de Cesário, considerando-o um revolucionário radical, e afirma que só depois de se ler a obra dele se poderá compreender a sua originalidade, que contrasta com a retórica oca e o sentimentalismo reinantes, dando-nos uma visão artística do mundo exterior nas suas quadras e quintilhas, em versos decassilábicos ou alexandrinos.

Se a obra de Cesário for analisada superficialmente, dir-se-á que o poeta canta a cidade e o campo, mas a verdade é que ele é o cantor da vida humana na natureza livre e na natureza artificial.

Não é viável estabelecer-se semelhanças com outros autores porque Cesário é único, revelando um grande amor à vida e horror à morte. (135 palavras)

Título

Sentidos 11
Livros de Testes
Português 11.º Ano

Autoras

Ana Catarino
Ana Felicíssimo
Isabel Castiajo
Maria José Peixoto

Execução Gráfica

CEM, Artes Gráficas, S.A.

Depósito Legal

404 541/16

ISBN

978-888-89-0653-9

Ano / Edição / Tiragem / N.º Exemplares

2016 / 1.ª Edição / 1.ª Tir. / 7500 Exs.

ASA

Edições ASA II, S.A.

© 2016, ASA, uma editora do Grupo LeYa

E-mail: apoio@leyaeducacao.com

Internet: www.asa.pt

Livraria Online: www.leyaonline.com

Apoio ao Professor

707 231 231
210 417 495

LIVRARIAS**Aveiro**

LeYa em Aveiro
Centro Comercial Glicínias Plaza, Lj 68-70
Rua D. Manuel Barbuda e Vasconcelos
3810-498 Aveiro

Funchal

LeYa no Funchal
Rua do Hospital Velho, 44
Sta. Maria Maior
9060-129 Funchal

Lisboa

LeYa na Buchholz
Rua Duque de Palmela, 4
1200-098 Lisboa

Porto

LeYa na Latina
Rua de Santa Catarina, 2-10
4000-441 Porto

Santarém

LeYa em Santarém
Rua Pedro de Santarém, 41
2000-223 Santarém

Viseu

LeYa na Pretexto
Rua Formosa, 83
3500-135 Viseu



www.sentidos11.asa.pt



www.leyaeducacao.com

**AMOSTRA
NÃO COMERCIALIZÁVEL**

De acordo com a lei nº 47/2006,
este exemplar destina-se ao
órgão da escola competente
para a avaliação e a adoção
de projetos escolares

